

**CACILDA DA SILVA MACHADO**

**DE UMA FAMÍLIA IMIGRANTE: SOCIABILIDADES E LAÇOS DE PARENTESCO**  
**(CURITIBA: 1854 - 1991)**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
à obtenção do grau de Mestre.

Cursos de Pós-Graduação em História,  
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.Dr.Sérgio Odilon Nadalin

**CURITIBA**  
**1994**

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não se realizaria se, por mais de dois anos, eu não tivesse recebido bolsa de estudo. Dessa forma, os meus primeiros agradecimentos dirigem-se a CAPES e ao CNPq, órgãos financiadores. Agradeço, igualmente, a todos os professores e funcionários do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná que acompanharam minha formação acadêmica, responsáveis por muito do que pude realizar profissionalmente.

Devo especial deferência à Professora Cecília Maria Westphalen, que gentilmente me permitiu a consulta aos seus arquivos de fontes sobre a Junta Comercial do Paraná, bem como aos professores Ana Maria Burmester e Ronald Raminelli, pela presteza e competência na leitura e avaliação da versão preliminar desta dissertação.

Meu reconhecimento à Nelci, pela leitura e crítica - sempre competente - dos meus rascunhos; ao meu irmão Júnior e à minha cunhada Andréa, que garantiram os trabalhos de digitação; aos meus pais, que sempre incentivaram este e todos os meus outros projetos de vida.

Aos meus queridos amigos de todas as horas - Décio, Leandro, Maria Luiza, Roberto, Tatiana e Valfrido - agradeço pelo interesse, leitura e discussão constantes, fundamentais para a

elaboração deste trabalho. A Maria Luiza agradeço, ainda, por ter acompanhado de perto a realização da versão definitiva.

Dirijo um agradecimento especial ao meu orientador, Professor Sérgio Odilon Nadalin. Ao longo desses anos, nossas discussões e seu apoio foram decisivos para a concepção e a concretização do meu projeto. Mais que isso: seus trabalhos foram minhas fontes de inspiração; sua integridade e conduta profissionais são meus modelos.

Finalmente, agradeço à toda a família Strobel - particularmente aos senhores Egon e Norma Strobel, Hans Bürger, Edith Clara Strobel, Érica Strobel Oliveira, Hugo e Haidee Bürger, Félix José e Maria do Carmo Strobel. Ao me concederem informações sobre as "pequenas histórias da família", viabilizaram a execução do experimento metodológico empreendido nesta dissertação.

## SUMARIO

INTRODUÇÃO	1
1. A BOA ESTRELA DE UM IMIGRANTE MORIGERADO E LABORIOSO	11
1.1. A AVENTURA DA EMIGRAÇÃO	16
1.2. A TRAJETÓRIA DE UM IMIGRANTE NO BRASIL	24
2. DO PLURAL AO SINGULAR: A SOCIALIZAÇÃO DE UMA FAMÍLIA IMIGRANTE.	47
2.1. A ESCOLHA DO CÔNJUGE	47
2.1.1. FILHOS DE CHRISTIAN E CHRISTINE STROBEL	57
2.1.2. FILHOS DE GUSTAV E EMMA (WENDT) STROBEL	61
2.1.3. NETOS DE GUSTAV E EMMA (WENDT) STROBEL	64
2.2. A ESCOLHA DA PROFISSÃO	80
2.2.1. FILHOS DE CHRISTIAN E CHRISTINE STROBEL	83
2.2.2. FILHOS DE GUSTAV E EMMA (WENDT) STROBEL	86
2.2.3. NETOS DE GUSTAV E EMMA (WENDT) STROBEL	89
3. A FAMÍLIA E O IMPACTO DA IMIGRAÇÃO	100
3.1. VIDA FAMILIAR E TRABALHO	107
3.1.1. A FAMÍLIA DE CHRISTIAN STROBEL	107
3.1.2. AS FAMÍLIAS DOS DESCENDENTES DE GUSTAV STROBEL	116
3.2. VIDA FAMILIAR E DOMICÍLIO	121
3.2.1. A FAMÍLIA DE CHRISTIAN STROBEL	121
3.2.2. AS FAMÍLIAS DOS DESCENDENTES DE GUSTAV STROBEL	122
CONCLUSÃO	140
FONTES	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146

## INTRODUÇÃO

Ao realizar uma revisão da historiografia sobre a família ocidental, Michael Anderson<sup>1</sup> organiza-a em três categorias básicas, quais sejam: demográfica, dos sentimentos e da economia doméstica. Anderson destaca que, na prática, poucos autores se atêm totalmente a uma tradição. As distinções entre as várias abordagens refletem, de fato, diferenças de ênfase.

Na avaliação crítica dos resultados positivos e das restrições de cada uma dessas vertentes, o autor vai dizer, grosso modo, que a abordagem predominantemente demográfica, principalmente pelas suas características metodológicas, acaba por dar importância sobretudo à descrição e não à análise. Além disso, oferece, via de regra, indicações de mudança ou de permanência da estrutura interna da família sem conseguir contudo uma articulação mais direta desses fenômenos com a base socioeconômica na qual a família se reproduz.

Sobre a abordagem dos sentimentos (na tradição de uma antropologia histórica), Anderson observa que esta centra suas preocupações nas modificações de significados e de comportamentos da família no tempo e no espaço (conceito de privacidade, rela-

---

<sup>1</sup> ANDERSON, Michael. Elementos para a história da família ocidental. 1500-1914. Lisboa: Editorial Quercus, 1984.

ções entre os membros familiares, afetividade, individualidade, efeito da imigração nos laços familiares, o papel feminino, a moralidade, a infância, etc). Destaca, entretanto, a principal limitação desta vertente: a dificuldade em obter dados acerca desses fenômenos em fontes diretamente produzidas pelas populações, pois os estudiosos baseiam-se normalmente em literatura e documentação oficial, religiosa, etc., que comentam o comportamento popular.

Sobre a abordagem da economia doméstica, o autor destaca que ela procura interpretar as unidades domésticas e as famílias sobretudo no contexto do comportamento econômico dos seus membros. Anderson ressalta que esta abordagem, influenciada por teorias das ciências sociais, tende a isolar as restrições "estruturais" determinadas por pressões muitas vezes exteriores à consciência dos indivíduos por elas afetados. Por esta razão, salienta que a abordagem da economia doméstica tem dificuldade em documentar o impacto exato da "base estrutural" nas atitudes e comportamento da família. Além disso, via de regra não privilegia as experiências de vastos setores da população para os quais as referidas transformações estruturais foram irrelevantes.

E finaliza seu livro dizendo:

Deste modo, tal como uma abordagem demográfica se revela inadequada se não consegue ter em conta o significado e as relações entre o comportamento familiar e uma economia e sociedade mais vastas, e tal como a abordagem dos sentimentos é incompleta se ignorar o comportamento e o contexto econômico e social que limita as idéias que descreve, também as abordagens dos sentimentos e demográfica vêm completar a abordagem mais estrutural da escola da economia doméstica. Assim, resta-nos esperar que

estas três linhas de abordagem, tão diferentes, continuem a ser seguidas na história da família, tal como o têm sido noutras áreas da história social e da ciência social de um modo mais geral.<sup>2</sup>

A discussão levantada por Anderson, portanto, refere-se não à crítica dessas abordagens - principalmente porque elas foram e são capazes de grandes realizações - mas sim à possibilidade de uma construção metodológica para o estudo da família que se utilize do conjunto de suas **positividades**.

As reflexões do autor a respeito da história da família e a importância do tema da imigração na história das populações ocidentais foram os pontos de partida para a tentativa de se pensar uma construção metodológica capaz de, em seus resultados, trazer algumas novas questões para estes dois campos temáticos.

No primeiro caso, pensou-se na efetivação de um trabalho que, sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades de cada uma das abordagens acerca da família, fosse capaz de permear, ou ao menos tocar pontos de cada uma delas simultânea e articuladamente. Para acessar o campo temático da imigração, optou-se por um recorte específico: o da socialização - entendendo-se tal termo como o processo de aprendizagem que a sociedade impõe ao indivíduo a fim de torná-lo um ser social. Neste recorte interessa-nos, particularmente, resgatar as práticas individuais e/ou familiares (sociabilidades) para viabilizar as relações sociais.

Esta escolha não foi aleatória e sim um questionamento de obras sobre imigração, em especial sobre imigrantes alemães lute-

---

<sup>2</sup> *ibid* p.86.

ranos no Brasil. Nesses trabalhos, a maior parte dos autores resalta o alto grau de resistência dessa população à integração na sociedade receptora e, no caso particular dos trabalhos de Sérgio Nadalin - sobre os imigrantes germânicos da Comunidade Evangélica de Curitiba -, isso se expressa nos altos índices de endogamia matrimonial étnica, só tardiamente rompida<sup>3</sup>. Dessa forma, nos pareceu relevante procurar "vasculhar" a história da socialização de gerações de uma das famílias que fazem parte do universo do trabalho deste autor, na tentativa de compreender algumas das razões para essa "resistência", bem como as causas determinantes do seu fim.

Nosso objetivo é, portanto, tentar entender alguns comportamentos detectados pela história demográfica, os quais, devido às características metodológicas desta vertente não podem ser explicados a não ser através de aproximações indiretas e conjecturais com a história socioeconômica e política do meio e do período em que esses comportamentos se expressam. Além disso, por priorizar padrões gerais de comportamento, a abordagem demográfica costuma minimizar as tendências pouco significativas do ponto de vista quantitativo. Tal priorização, de certa forma, obscurece o entendimento dos comportamentos que fogem à tendência

---

<sup>3</sup> NADALIN, Sérgio O. A origem dos noivos nos registros de casamento da Comunidade Evangélica de Curitiba: 1870-1969. Dissertação de Mestrado, Curitiba: 1974; *Une paroisse d'origine germanique au Brésil: la communauté evangelique luthérienne a Curitiba entre 1866 et 1969*. Doctorat 3e Cycle. EHESS. Paris: Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1978.



geral, mas que também fazem parte dessa história. O apelo à experiência individual pode ajudar a revelar novos aspectos.

No processo de estruturação das bases da presente dissertação, optou-se pelo acompanhamento da trajetória de um ramo da família Strobel, através de sucessivas gerações. Tal escolha se deve a fatores bastante concretos: as fichas da família, elaboradas por Sérgio Nadalin<sup>4</sup>, possibilitavam a construção de uma genealogia bastante completa; o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná editou um livro de memórias de Gustav Hermann Strobel, um dos filhos do casal pioneiro e fundador do ramo da família a ser estudado<sup>5</sup>. Além disso, seus descendentes dispuseram-se a completar as informações necessárias, através de depoimentos. Em resumo, a escolha da família esteve condicionada à necessidade de garantir uma razoável riqueza documental do objeto de estudo.

Do ponto de vista teórico-metodológico, esta preocupação com as fontes, bem como os pontos de partida para a concepção do presente trabalho, não são expressão de empenho no sentido de se perseguir uma "história total". Minhas motivações aproximam-se muito mais da perspectiva da micro-história, comumente entendida como uma prática baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental.

---

<sup>4</sup> As fichas de família foram elaboradas a partir de informações dos registros de batismo, casamento e óbito da Comunidade Evangélica de Curitiba, segundo o método Henry & Fleury de reconstituição de famílias.

<sup>5</sup> STROBEL, Gustav H. Relatos de um pioneiro da imigração alemã. Estante Paranista 27, Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1987.

O ponto crucial que envolve esta prática, no entanto, não é a redução da escala. Conforme Giovanni Levi:

Embora a escala como uma característica inerente da realidade certamente não seja um elemento estranho no debate da micro-história ela é, sem dúvida, tangencial; porque o problema real está na decisão de reduzir a escala de observação para propósitos experimentais. O princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados.<sup>6</sup>

Este ponto de vista não significa o desprezo pelos resultados dos estudos de caráter macro e/ou quantitativo. Carlo Ginzburg, um dos grandes nomes na atual produção historiográfica inspirada na micro-história, já acentuou que a história quantitativa e a história serial são poderosos instrumentos de pesquisa e a elas devemos apreciáveis conhecimentos. Mas observa que, neste tipo de perspectiva, "raciocina-se por médias decenais, médias móveis, extraídas de folhas quase logarítmicas. A vida real (expressão que encerra, sem dúvida, elementos de ambigüidade) é largamente posta à margem".<sup>7</sup>

Contudo, se a micro-história põe relevo no conhecimento dos elementos individuais (as vidas, os acontecimentos), ao mesmo tempo procura - ou deve procurar - realizar abstrações, no sentido de fazer emergir, dos casos individuais, aspectos de um fenômeno mais geral.

As alternativas de se sacrificar o particular ao geral, ou de se concentrar apenas na singularidade do particular é, portanto, uma distinção inadequada. O problema é mais aquele de como poderíamos

---

<sup>6</sup> LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter(org). A escrita da História. São Paulo: UNESP, 1992. p.139.

elaborar um paradigma que dependa do conhecimento do particular, embora não rejeitando a descrição formal e o conhecimento científico do próprio particular.<sup>8</sup>

Esse posicionamento está mesmo, na base das questões teórico-metodológicas mais importantes colocadas pela historiografia contemporânea. Porque diz respeito à essência do conhecimento histórico - não mais tão preocupado com a singularidade dos acontecimentos, mas sim com a sua especificidade, com o que eles oferecem de inteligível<sup>9</sup>.

Estes são os princípios fundamentais na orientação do presente trabalho, princípios teórico-metodológicos que tomam forma na narrativa que se desenvolve ao longo dos três capítulos. Isso porque, ainda segundo Giovanni Levi:

... a função particular da narrativa pode ser resumida em duas características. A primeira é a tentativa de demonstrar, através de um relato de fatos sólidos, o verdadeiro funcionamento de alguns aspectos da sociedade que seriam distorcidos pela generalização e pela formalização quantitativas usadas independentemente [...]. A segunda característica é aquela de incorporar ao corpo principal da narrativa os procedimentos da pesquisa em si, as limitações documentais, as técnicas de persuasão e as construções interpretativas. Esse método rompe claramente com a assertiva tradicional, a forma autoritária de discurso adotada pelos historiadores que apresentam a realidade como objetiva. Na micro-história, ao contrário, o ponto de vista do pesquisador torna-se uma parte intrínseca do relato.<sup>10</sup>

Mas dizer que a realidade não é objetiva, não significa concordar que o conhecimento histórico se pautar pela falta de ob-

<sup>7</sup> GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Lisboa: DIFEL, 1991 p.170-171.

<sup>8</sup> LEVI, G. op. cit. 158.

<sup>9</sup> VEYNE, Paul. Introdução. IN: HIGOUNET, C. História e historicidade. Lisboa: Gradiva, 1988. p.11.

<sup>10</sup> LEVI, G. op. cit. p.153.

jetividade. Isso porque, antes de tudo, ele é uma atividade sustentada por uma norma de veracidade.<sup>11</sup>

Dessa forma, procurou-se fugir de atitudes atualmente recorrentes de se anular qualquer distinção entre ficção e história. O que se quer ter em conta é que a dimensão narrativa não implica uma diminuição das possibilidades cognitivas da historiografia, pois o problema da prova continua mais do que nunca no centro da investigação histórica.<sup>12</sup>

Assim é que, no primeiro capítulo, acompanha-se a aventura da emigração da família Strobel da Alemanha para o Brasil, e seu estabelecimento nos arredores de Curitiba. Tendo como principal fonte o livro de memórias de Gustav Hermann Strobel<sup>13</sup>, procurou-se recuperar a história da socialização do núcleo familiar pioneiro enquanto estratégia de sobrevivência, priorizando-se - em consequência - a análise da rede de relações profissionais e de convivência efetivada pelos Strobel.

Esse pressuposto permite interpretar a questão da "solidariedade étnica" - no que tange à socialização do imigrante no novo meio - sob uma nova ótica: em lugar da análise das ações coletivas e das tendências gerais de comportamento, que nos estu-

---

<sup>11</sup> VEYNE, P. op. cit. p.13.

<sup>12</sup> GINZBURG, C. op. cit. p.201.

<sup>13</sup> Para a "construção" dessa história, procurou-se recolher desta - e das demais fontes trabalhadas nos capítulos seguintes - as informações básicas acerca do ciclo vital, da vida profissional e da trajetória domiciliar dos indivíduos. São informações bastante concretas (data de nascimento, de casamento e de falecimento; endereços, locais e ramos de trabalho, etc), portanto, pouco expostas à subjetividade característica das memórias e histórias de vida.

dos históricos e antropológicos sobre imigração tradicionalmente são os elementos visitados na busca de explicação da criação e manutenção de uma etnicidade<sup>14</sup>, dá-se voz à experiência individual para a viabilização da vida cotidiana. Este ponto de vista vem reiterar, assim, a afirmação de Giovanni Levi, de que "fenômenos previamente considerados como bastante descritos e compreendidos assumem significados completamente novos, quando se altera a escala de observação".<sup>15</sup>

No segundo capítulo procurou-se recriar a história da socialização de três gerações dos Strobels no Brasil, a partir de informações acerca da escolha do cônjuge e da profissão. Nessa parte do trabalho, nossas principais fontes são as informações das fichas de família dos arquivos do Professor Sérgio Nadalin e os depoimentos dos descendentes.

Perseguindo o mesmo princípio fundamental (a experiência individual) e o mesmo pressuposto (a socialização como estratégia de sobrevivência), procurou-se mapear a história dessas socializações destacando os momentos de transformação e, principalmente, as características dessas mudanças.

No desenvolvimento do trabalho, aos poucos foi-se delineando a importância da família e da sua organização interna na determinação das diversas formas de socialização praticadas pelos

---

<sup>14</sup> Os trabalhos geralmente abordam a questão da identidade étnica através de pesquisa em fontes sobre igreja, associações e imprensa imigrantes.

<sup>15</sup> LEVI, G. op. cit. p.141.

indivíduos ao longo do tempo. A partir daí, nos pareceu razoável supor que tais alterações pudessem ter promovido, igualmente, alterações na própria função da família e na teia de laços que unem os membros familiares.

Revisitando as fontes e os temas já trabalhados nos dois primeiros capítulos - mas agora revendo-os sob a ótica das relações internas da família - e comparando-os com informações sobre a trajetória residencial dos Strobel, apresentamos, no terceiro capítulo, reflexões sobre este tema.

## 1. A BOA ESTRELA DE UM IMIGRANTE MORIGERADO E LABORIOSO

A transformação e expansão econômica extraordinárias ocorridas no século XIX são temas recorrentemente tratados pela historiografia. Sobre tudo o período posterior a 1848 até o início da década de 1870, "quando o mundo tornou-se capitalista e uma minoria significativa de países desenvolvidos transformou-se em economias industriais".<sup>1</sup>

Alguns índices resumem bem a importância de tal processo:

Nunca, por exemplo, as exportações inglesas cresceram tão rapidamente do que nos primeiros sete anos de 1850. O algodão inglês aumentou sua taxa de crescimento sobre as décadas anteriores. Entre 1850 e 1860 a taxa duplicou. [...] O número das máquinas de algodão cresceu de 100 mil em 1819-21 e 1844-46, e dobrou até 1850. E estamos aqui lidando com uma grande indústria de há muito estabelecida e, mais do que isso que acabava de perder terreno nos mercados europeus nesta década, devido à rapidez do desenvolvimento das indústrias locais. [...] A exportação de ferro da Bélgica mais que duplicou entre 1851 e 1857. Na Prússia, um quarto de século antes de 1850, 67 companhias tinham sido fundadas com um capital total de 45 milhões de táleres, mas em 1851-57, 115 companhias similares tinham-se estabelecido - excluindo companhias de estrada de ferro - com um capital total de 114,5 milhões [...].<sup>2</sup>

O notável movimento de expansão industrial teve como uma das principais consequências o êxodo rural em direção às cidades, a migração entre regiões, e entre países e continentes. Particularmente importante foi a corrente migratória estabelecida entre a Europa e a América.

---

<sup>1</sup> HOBBSBAWM, E. A Era do Capital: 1848-1875. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.49.

<sup>2</sup> Ibid p.50.

De fato, estima-se que durante todo o século XIX cerca de 57 milhões de europeus migraram para a América, atraídos pela intensa propaganda empreendida pelas elites americanas, interessadas em ocupar territórios e promover a agricultura e a indústria. Este movimento populacional se intensifica principalmente a partir do grande *boom* econômico da década de 1840. Na primeira metade do século XIX, 1,5 milhão de pessoas deixou a Europa. Entre 1846 e 1875 a emigração atingiu índices de mais de 5 milhões de pessoas; na década de 1880, entre 700 mil e 800 mil europeus emigraram em média cada ano, e nos anos posteriores a 1900, entre 1 e 1,4 milhão por ano.<sup>3</sup>

As grandes migrações foram, desta forma, uma das medidas viabilizadoras da expansão do capitalismo. A migração de capitais para os "países novos" e para as colônias deveria ser necessariamente acompanhada da migração de mão-de-obra, fazendo assim o capital fecundar e se multiplicar<sup>4</sup>. Resolveria, ao mesmo tempo, o problema do excedente da força de trabalho na Europa e de sua escassez nas Américas.

No Brasil, a política imigratória do Estado vinculou-se a esse grande movimento internacional no sentido de suprir a falta de mão-de-obra considerada adequada para a grande lavoura de exportação. Tal política tomaria impulso a partir de 1850, quando

---

<sup>3</sup> Ibid p. 207-208.

<sup>4</sup> SINGER, Paul. Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Editora Nacional: Edit. USP, 1968. p.88.



da proibição do tráfico de escravos, e os imigrantes europeus foram dirigidos especialmente para o trabalho nas fazendas de café de São Paulo, sob o regime de parceria ou como assalariados.

Num saldo geral estima-se que, entre 1819 e 1947, entraram no Brasil 4.903.991 imigrantes. Até 1880 há predominância de alemães e portugueses. Deste momento em diante, intensificou-se a imigração italiana.<sup>5</sup>

Na Região Sul do país, a política imigratória do Império se pautou pelo estabelecimento de estrangeiros em pequenas propriedades rurais. Com a fundação de núcleos coloniais, visava-se o preenchimento dos vazios demográficos em regiões de fronteira e, principalmente, o suprimento de bens alimentares para o mercado interno. Portanto:

Se, sob uma perspectiva nacional, a imigração para suprir mão-de-obra superou sempre com larga margem a colonização para povoamento, a importância relativa deste último sistema para a história do Brasil meridional é incontestável. [...] Desde 1850 os governos provinciais eram parte diretamente interessadas no assunto colonização. Empreendimentos particulares ou oficiais, as novas colônias proliferaram, penetrando cada vez mais para o interior.<sup>6</sup>

Ainda que a maior parte dos imigrantes chegados ao Brasil tenha sido estabelecida na área rural do Sul e do Sudeste, um número razoável deles veio para os centros urbanos, dedicando-se ao setor de serviços, ao artesanato, ou ainda ao trabalho fabril.

---

<sup>5</sup> CARNEIRO, J. F. Imigração e colonização no Brasil. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, Publ. avulsa No 2 (em quadro anexo).

<sup>6</sup> ANDREAZZA, Maria Luiza & NADALIN, Sérgio O. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante, 1994. (no prelo) p.7.

Além disso, estima-se que parcelas significativas de imigrantes inicialmente instalados no meio rural, posteriormente remigraram (eles ou seus descendentes) para as cidades.

No Paraná, a despeito do empenho do governo imperial no povoamento, essa política foi sempre obstaculizada pelos interesses conflitantes dos fazendeiros de café da Província de São Paulo - à qual o Paraná esteve ligado política e administrativamente até 1853 -, mais preocupados em direcionar a imigração para suprir a necessidade de mão-de-obra cafeeira. Dessa forma, até sua emancipação, apenas três colônias para estrangeiros foram instaladas no território paranaense.

Criada a nova província, o governo local procurou incentivar a imigração, com o objetivo de solucionar os graves problemas relativos ao abastecimento de gêneros alimentícios nas cidade<sup>7</sup> e de povoar o território. A província, porém, não possuía recursos para financiar a colonização. Para tanto, procurou estimular a vinda de imigrantes com capital da iniciativa privada. Uma lei de 21 de março de 1855 autorizava a província a chamar particulares que pretendiam contratar colonos ou trabalhadores estrangeiros. No prazo de dois meses, contudo, nem um só empresário demonstrou interesse. Por outro lado, segundo o relatório do Presidente de Província de 1856, "não era possível encontrar proprietários habilitados para receber por salário ou parceria, famílias de colo-

---

<sup>7</sup> Sobre esta questão da crise de abastecimento ver: SANTOS, Carlos R. A. Alimentar o Paraná Província: a formação da estrutura agro-alimentar, Curitiba: UFPR, tese (concurso para prof. titular de história do Brasil, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes), 1992.

nos e porque a província não tem terras devolutas onde as receba".<sup>8</sup>

Diante desses problemas, alguns anos deveriam passar até que se tornasse possível a criação dos pretendidos estabelecimentos agrícolas, o que só ocorreu a partir de 1869. Até esta data, a imigração para a província efetivou-se de forma espontânea, com imigrantes oriundos sobretudo de Santa Catarina, num processo de remigração.<sup>9</sup>

Foi na região dominada por Curitiba que melhor se desenvolveu a atividade colonizadora. Desde 1830 já havia ingresso de estrangeiros, geralmente de Rio Negro<sup>10</sup>, sendo que em 1850 foram contabilizados 153 imigrantes na cidade de Curitiba (1,7% da população total e quase 2% dos indivíduos de condição livre)<sup>11</sup>. Poucos anos após este censo, os Strobels, migrados da Alemanha, instalaram-se nos arredores da capital paranaense. As questões pertinentes à aventura imigratória desta família e ao seu estabelecimento em um novo meio social serão discutidas no presente capítulo.

---

<sup>8</sup> Relatório de Presidente da Província do Paraná, 1856 p.39.

<sup>9</sup> BALHANA, A. P. A Política Imigratória do Paraná. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba (12): 65-80, mai-jun, 1969. p.6. ANDREAZZA & NADALIN observam, porém, que "é impossível considerar este movimento remigratório realmente espontâneo [...]. Parece não ter sido simples coincidência o fato deste movimento ter ocorrido justamente após a instalação da Província. Além disso [...] existem evidências documentais na correspondência recebida pelos presidentes de Província indicando que, pelo menos, as autoridades provinciais teriam prometido subsídio para os estrangeiros que aqui quisessem se estabelecer" (ob. cit. p.21).

<sup>10</sup> A colônia Rio Negro (PR) foi fundada em 1829 - por iniciativa do governo imperial - por remigrantes alemães oriundos de diversas regiões de São Paulo.

<sup>11</sup> MAPPA dos habitantes de Curitiba (1850)

### 1.1. A AVENTURA DA EMIGRAÇÃO

A despeito da intensa propaganda veiculada pelos agentes de emigração - através de panfletos ou verbalmente, exaltando as qualidades e vantagens das novas colônias -, no século XIX a decisão de emigrar exigia muita coragem. Abandonar o país natal e enfrentar um mundo novo e desconhecido por si só já era um desafio. Além disso, as viagens de travessia do Atlântico constituíam um grande risco:

O custo em si mesmo não era uma dificuldade insuperável, embora as condições de viagem para emigrantes através do oceano fossem famigeradas [...] se não assassinas [...]. As tarifas eram baixas, não apenas porque considerava-se que este tipo de passageiro não necessitava ou merecia melhores acomodações do que animais (mas afortunadamente necessitando menos espaço), ou porque faltassem melhorias nas comunicações, mas também por razões econômicas. Emigrantes eram carga.<sup>12</sup>

Os indivíduos e as empresas envolvidos no projeto migratório e colonizador - agentes de propaganda, agentes governamentais, companhias de navegação, companhias de terras, empregadores, comerciantes - "faziam os seus lucros acumulando gado humano"<sup>13</sup>. A viagem da família Strobels foi apenas mais uma entre as centenas de exemplos.

Eles deixaram a pequena cidade de Glauchau, na Saxônia, em 1854, com um grupo de mais de trinta pessoas: sete homens que viajavam sozinhos (quatro tecelões com 17, 21, 24 e 39 anos, dois

---

<sup>12</sup> HOBBSBAWN, E. op. cit. p. 212.

<sup>13</sup> Ibid, p.212.

sapateiros de 21 anos, um cordoeiro de 37 anos e um tipógrafo de 29 anos); dois casais sem filhos (um advogado de 36 anos e a esposa de 32, um homem de 32 anos de profissão desconhecida com a esposa, da mesma idade). Dos casais com filhos, além dos Strobel (Christian com 35 anos, a esposa Christine com 28 anos e os filhos Emilie Bertha, Gustav Hermann e Emil Robert, com respectivamente 7, 5 e 1 ano) partiu também a família de um médico de 36 anos, com mulher (39 anos) e quatro filhos entre 10 e 3 anos; a família de um moldador de 25 anos, com mulher (22 anos) e uma filha de 1 ano e meio; a família de um industrial<sup>14</sup> de 43 anos e sua esposa de 39 anos, formada por dez pessoas, entre elas algumas de sobrenomes diferentes, mas possivelmente parentes. No grupo, todos eram protestantes.<sup>15</sup>

Em seu livro de memórias, a partida de Glauchau foi assim relatada por Gustav Strobél:

Nós, as crianças, fomos colocadas junto às tralhas nos carroções; junto a mim estava a senhora Gottschalk, que não tinha condições de caminhar. Os adultos nos seguiam em companhia de seus amigos, e eu sempre observava se meus pais nos acompanhavam [...]. De tempos em tempos, parávamos para nos despedir de alguns amigos que voltavam para casa. Assim, aos poucos, nossos acompanhantes foram

---

<sup>14</sup> Utilizo o termo industrial conforme aparece na Lista de Passageiros do Navio Florentin desembarcados em 11 de novembro de 1854, documento que faz parte do acervo do Arquivo Público de Joinville (SC). Este termo pode simplesmente significar que, em sua terra de origem, o indivíduo era proprietário de algum estabelecimento desta natureza, sem haver condições de precisar o porte do empreendimento. De qualquer forma, vale a pena observar que o "industrial" e toda a sua família viajaram na primeira classe.

<sup>15</sup> A Lista de Passageiros do Navio Florentin compõe uma coleção organizada a partir dos livros de anotações de entrada de imigrantes na Colônia Dona Francisca (atual Joinville). Cada lista possui as seguintes informações: nome do navio; data de saída; data de chegada; local de origem; local de destino; nome do capitão; número de nascimentos e de falecimentos a bordo; relação dos passageiros, reunidos por grupo familiar, registrando as idades, a profissão do chefe do grupo, a origem e a religião. Ao lado dos nomes das pessoas falecidas a bordo consta ainda uma cruz e a data do falecimento.

diminuindo e os emigrantes foram subindo também às carroças. [...] Eu, como as demais crianças, logo adormeci. Lembro-me apenas de quando já estávamos dentro do trem, em direção a Hamburgo.<sup>16</sup>

Em Hamburgo, o grupo foi alojado com os demais emigrantes num grande barracão mobiliado por beliches dispostos ao longo das paredes. O espaço central era utilizado para as refeições. Em 30 de setembro foram embarcados no veleiro Florentim e teve início a viagem em direção ao Brasil.

Eram 213 passageiros<sup>17</sup> em um barco pequeno, para uma viagem que durou seis semanas, com os mantimentos tornando-se "escassos e quase intragáveis". Durante a travessia, segundo Gustav Strobel, morreram 36 pessoas, que foram sepultadas no fundo do mar.<sup>18</sup>

Do grupo de 37 pessoas de Glauchau, morreram na viagem uma criança de um mês, parente do industrial, e o cordoeiro que viajava sozinho. Ao que parece, essas vítimas não faziam parte do círculo de relações dos Strobel, pois Gustav anotou no livro que, de sua família e dos companheiros de Glauchau, ninguém foi vitimado. Relembra, porém, que sua mãe e seus irmãos estiveram, na maior parte da viagem, doentes ou acamados.<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> STROBEL, G. Relatos de um pioneiro da imigração alemã, Estante Paranista 27, Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1987. p.22.

<sup>17</sup> Segundo meus cálculos, pois na lista de passageiros foi anotado 212.

<sup>18</sup> STROBEL, G. op. cit. p. 24. Na lista de passageiros consta 35 falecimentos, e pelos meus cálculos morreram 34 pessoas. De qualquer forma este índice de óbitos de mais de 15% pode ser considerado bastante alto.

<sup>19</sup> Ibid p. 26.

Dentre os demais mortos estavam 17 crianças e 15 adultos, muitos deles parentes entre si, e assim algumas famílias perderam a maior parte de seus membros na travessia. Essas vítimas da emigração eram geralmente trabalhadores humildes, ou seus filhos e esposas : lavradores, carpinteiros, sapateiros, marceneiros, mineiros, cordoeiros e principalmente operários<sup>20</sup>. Mas também morreram três pessoas que viajavam na primeira classe.<sup>21</sup>

Diante desse quadro tão desolador, a primeira pergunta que nos vem à mente é o que levava as pessoas a migrar. A historiografia sobre as grandes migrações vem há muito detendo-se no assunto. Nestes trabalhos é recorrente a indagação de ser a emigra-

---

<sup>20</sup> Uso esse termo conforme aparece na Lista de Passageiros do Navio Florentin. Pode significar trabalhadores assalariados de uma maneira geral.

<sup>21</sup> Eis o quadro para que se possa comparar o número de passageiros e o número de falecimentos, por região de origem:

PASSAGEIROS	REGIAO DE ORIGEM	FALECIMENTOS
78	HANNOVER	20
65	SAXONIA	5
28	SUIÇA	5
23	PRUSSIA	2
19	OUTROS(6)	2
TOT. 213		34

Nele, é evidente a discrepância entre o número de mortos e o número de passageiros, se comparados os índices de Hannover e da Saxônia. Talvez isto se explique porque, ao menos neste navio, os passageiros de Hannover são, na sua maioria, de condição humilde: 5 mineiros, 5 operários florestais, 2 operários de estrada, 1 carpinteiro, 1 comerciante, 1 sapateiro e 1 tintureiro. Os da Saxônia são, na maioria, trabalhadores especializados ou profissionais liberais: 4 tecelões, 3 carpinteiros, 3 sapateiros, 2 comerciantes, 2 marceneiros, 1 advogado, 1 agricultor, 1 barbeiro, 1 carnicheiro, 1 construtor de máquinas, 1 construtor de moinhos, 1 cordoeiro, 1 ecônomo, 1 ferreiro, 1 industrial, 1 médico, 1 moldador, 1 oleiro, 1 professor e 1 tipógrafo. Supostamente, estes últimos estariam em melhores condições físicas - decorrentes das melhores condições de vida - para enfrentar a viagem. Além disso são de Hannover as famílias mais numerosas que embarcaram no navio. Estes dados, retirados de uma única lista de passageiros, nos dão uma idéia do potencial destas fontes quantitativas para a pesquisa da população emigrante, além de indicarem dados sociais e econômicos relevantes da população das diversas regiões de emigração da Europa, à época.

ção uma consequência de motivações negativas no país de origem ou de motivações positivas no país de destino.

Hobsbawm considera esta uma "longa e inútil discussão"<sup>22</sup>, pois, para ele, é evidente que a pobreza empurra o indivíduo para a emigração. E acrescenta:

Apesar das perseguições políticas depois de 1848, refugiados políticos ou ideológicos formavam apenas uma pequena fração da emigração de massa, mesmo em 1849-54 [...]. A fuga de seitas religiosas procurando maior liberdade para prosseguir em suas atividades [...] era provavelmente menos significativa que no meio século precedente [...]. Portanto, não pode haver dúvida de que a primeira grande onda de emigração de nosso período (1845-54) foi essencialmente uma fuga da fome ou pressão da população na terra, basicamente na Irlanda e na Alemanha, que forneceu 80% de todos os emigrantes transatlânticos nestes anos.<sup>23</sup>

De fato, num estudo da documentação relativa aos primeiros emigrantes que se deslocaram para o Brasil neste período, foi observado que, grosso modo, essa população provinha de regiões rurais ameaçadas pela concentração fundiária<sup>24</sup>. Os estudos revelam, igualmente, que os europeus emigrados por motivos políticos eram a minoria. Os imigrantes alemães que se enquadram neste esquema eram chamados 1848er Kinder (filhos de 1848), os homens do Märztag (dos dias de março) ou, mais popularmente, os Brummer

---

<sup>22</sup> HOBBSBAWN, E. op. cit. p. 213.

<sup>23</sup> Ibid p. 214. Os estudiosos da emigração costumam destacar as rupturas estruturais que determinaram ou contribuíram para as grandes migrações humanas do século XIX: de um lado, o fenômeno da "transição demográfica"; de outro, as profundas mudanças na economia capitalista. São processos que interagem nas relações sociais, determinando a desintegração de uma longa história sustentada por uma "economia moral", comunitária e local, à qual correspondia uma população quase estacionária, com altos índices de mortalidade e natalidade (ANDREAZZA & NADALIN, op. cit, p.13).

<sup>24</sup> MAGALHÃES, Marionilde D. B. Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil. Tese de Doutorado, Campinas: UNICAMP, 1993, p. 17.



(mosqueteiros, no vocabulário popular). Estes liberais, nacionalistas românticos ou socialistas se distinguem dos pioneiros pelas suas atividades profissionais: são, na maioria, artesãos, intelectuais ou, em pequena escala, operários.<sup>25</sup>

Mais duas variáveis ainda podem ser acrescentadas a esse quadro das motivações para emigrar:

O ato de migrar nem sempre é rigorosamente compulsório. Muitos europeus deixaram seu país de origem em busca de novas e melhores condições de vida, dada a expectativa de incremento do patrimônio fundiário ou, como fica especialmente evidente no caso de muitos imigrantes alemães, o deslocamento se constituía numa estratégia de resistência à proletarianização.<sup>26</sup>

Estas variáveis reportam-se, claramente, às expectativas em relação ao país de destino e, para ilustrá-las, podemos lançar mão de alguns exemplos retirados da história da imigração no Brasil.

O primeiro caso pode ser reportado através das memórias de um dos personagens mais citados nos estudos de imigração no Brasil: Thomas Davatz, um mestre escola suíço que veio para o nosso país como colono contratado pelo senador Vergueiro, para trabalhar em sua fazenda de Ibicava. Depois de uma série de delusões, pela convivência com a escravidão e pela percepção de que nunca passaria de um trabalhador braçal, Davatz liderou uma revolta de imigrantes e voltou para a Suíça. Em 1850, já em seu

---

<sup>25</sup> Ibid, p.19.

<sup>26</sup> HOERDER, Dirk, apud MAGALHÃES, M. D. B. op.cit p.16.

país, publicou suas memórias<sup>27</sup>, onde denuncia o sistema de "escravidão" que aguardava os colonos e a atividade desonesta dos agentes de emigração. Francisco M. Paz assinala que o depoimento de Thomas Davatz é "um contraponto aos discursos dos agentes de emigração que acenavam com a possibilidade de colonos se transformarem em proprietários".<sup>28</sup>

O segundo caso pode ser exemplificado através de um estudo da colonização de São Leopoldo (RS), efetuado por Günter Weimar<sup>29</sup>. O autor constatou que a população pioneira, embora tivesse emigrado para desenvolver exclusivamente atividades agrícolas, tinha aproximadamente 60% de seu contingente exercendo uma outra atividade, além da agricultura.

Giralda Seyferth também comenta sobre este contingente de imigrantes alemães formado por artesãos, profissionais liberais, operários especializados, professores, religiosos, comerciantes e intelectuais que vieram para os núcleos urbanos. Outros chegaram a adquirir lotes coloniais, mas em pouco tempo mudaram-se para as cidades a fim de exercer sua atividade profissional.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> DAVATZ, T. Memórias de um imigrante suíço no Brasil. Belo Horizonte/São Paulo: Edit. Itatiaia/EDUFF, 1980.

<sup>28</sup> PAZ, Francisco. M. História e cotidiano: a sociedade paranaense do século XIX na perspectiva dos viajantes. In: Revista História: Questões e Debates, nº14, Curitiba: APAH, 1987.

<sup>29</sup> WEIMAR, Günter. As profissões dos imigrantes alemães do século XIX. In: ANAIS DO II SIMPOSIO DE HISTORIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMA NO RIO GRANDE DO SUL, São Leopoldo, 1976.

<sup>30</sup> SEYFERTH, Giralda. Cultura e imigração no Brasil. Brasília, UNB, 1990, p. 39-40.

Estes são casos exemplares da afirmação de Hoerder de que muitos trabalhadores com certa especialização deixaram os estados alemães para recriarem na América formas de subsistência autônomas do mundo fabril. Segundo este autor, não se trata de migrações entre países, mas entre mercados de trabalho, os quais se caracterizavam, desde aquela época, por serem necessariamente internacionalizados.<sup>31</sup>

Um primeiro olhar sobre o que foi até aqui exposto, revela-nos que a ênfase nos fatores de expulsão, de um lado, e nos fatores de atração, de outro, são uma decorrência da própria natureza das análises. A historiografia que põe acento nos fatores de expulsão geralmente está mais preocupada em, através da exposição de motivos dos emigrantes, caracterizar as profundas transformações que se processavam no mundo europeu à época, particularmente no que se refere às dificuldades de uma parcela da população em se adequar ou em conquistar seu espaço num mercado de trabalho que começava a apresentar um novo perfil. Aquela que enfatiza os fatores de atração, por sua vez, geralmente está mais voltada para a caracterização do novo mercado de trabalho em formação na América, no período, particularmente no que se refere ao melhor preparo da população emigrante da Europa para se adequar a ele.

Se nos colocássemos no ponto de vista do migrante, portanto, os estudos do primeiro tipo seriam vistos como os que se

---

<sup>31</sup> HOERDER, D. apud MAGALHÃES, M. D. B., op.cit p.16-17.

detiveram sobre o mundo que o indivíduo deixou para trás; os do segundo tipo, como os que enfocaram o mundo que o indivíduo teria pela frente. Sabemos que o ato de emigrar, para o indivíduo, envolve essas duas questões. Para o tema desta dissertação, no entanto, interessa-nos principalmente a perspectiva do segundo tipo, pois enfatiza as expectativas do emigrante e os aspectos sociais e econômicos de seu mundo futuro. Interessa-nos, principalmente, toda ordem de motivações de Christian Strobel na sua decisão de emigrar, bem como os rumos de sua vida no novo país, porque eles podem revelar um pouco das estratégias individuais na luta pela sobrevivência e pela ascensão social, num determinado período da história de um homem e de uma sociedade. Além do mais,

a compreensão de como indivíduos e famílias reagiram às mudanças históricas, e ao mesmo tempo qual foi sua participação na efetivação dessas mudanças pode ampliar consideravelmente nosso entendimento do próprio processo de mudança.<sup>32</sup>

## 1.2. A TRAJETORIA DE UM IMIGRANTE NO BRASIL

Em seu livro de memórias, Gustav Strobel afirma que razões políticas levaram seu pai a emigrar.

---

<sup>32</sup> HAREVEN, Tamara. Tempo da família e tempo histórico. IN: História: Questões e Debates. nº8, Curitiba: APAH, 1984, p. 5.

... provavelmente, nenhum dos imigrantes que na minha época resolveu deixar a Alemanha para tentar a sorte em outras terras, abandonou sua pátria por motivos de penúria. No nosso caso o motivo principal foi a revolução de 1849 em Dresden (capital da Saxônia).<sup>33</sup>

Entre os cidadãos alemães, devido aos acontecimentos de 1848-49, o sonho de uma Alemanha unida tinha terminado com o fracasso da revolução. Este sonho, colocado a uma distância inatingível, deixou muitos alemães desiludidos do futuro e dispostos a aceitar o convite para emigrar.<sup>34</sup>

Gustav, inclusive, faz questão de enfatizar que não foi a pobreza a causa da emigração da família:

Na época em que residia ali [em Glauchau], meu pai estava numa situação bastante confortável. Afora o seu salário como empregado fixo do Sr. Poeschelt tinha também uma renda de aluguel. No emprego ele trabalhava durante o verão, a céu aberto, como envernizador, e no inverno na oficina. Apesar do salário modesto, três taler (moeda da época = 3 marcos), por semana, conseguiram meus pais poupar parte desta quantia, pois os dois eram comedidos nos gastos. Por tudo isto pode-se deduzir que não foi a miséria a causa que os obrigou deixar a sua pátria.<sup>35</sup>

Segundo o autor, quando eclodiu a revolução de 1849, os homens de Glauchau, liderados pelo prefeito, Ottakar Dörffel, resolveram apoiar os revolucionários e organizaram caravanas para ir a Dresden lutar. Antes que chegassem, contudo, os revolucionários foram vencidos e os cidadãos de Glauchau retornaram para o vilarejo sem enfrentar qualquer confronto. Entretanto, o Dr. Dörffel foi levado à justiça, sob a acusação de ser um dos líderes da revolta. Christian Strobel e mais de trezentos cidadãos da vila foram testemunhas de defesa no julgamento. O prefeito foi

---

<sup>33</sup> STROBEL, G. op. cit. p. 11.

<sup>34</sup> ibid p. 12.

<sup>35</sup> ibid p. 12.

inocentado, mas passou a encontrar dificuldades junto ao governo. Por este motivo decidiu-se pela emigração e muitos de seus amigos, inclusive Christian, resolveram o mesmo.<sup>36</sup>

Embora em suas memórias Gustav Strobel tenha enfatizado apenas as razões políticas do pai ao se decidir pela emigração, é possível pensar na vinda de Strobel para o Brasil também no contexto da resistência à proletarianização e da expectativa de incremento do patrimônio fundiário. Para tanto, é preciso retornar à história da vida de Christian Strobel, registrada no livro de seu filho.

O autor nos conta que seu pai nasceu em Poppengruen (Vogland), filho de um proprietário rural e mestre escola do vilarejo. Apesar de ser o primogênito, podendo portanto herdar a propriedade, Christian preferiu aprender carpintaria e, após o término da aprendizagem, seguiu para outras cidades a fim de aperfeiçoar-se na profissão. Na viagem de regresso chegou a Glauchau, onde se fixou e casou. Ali, conforme já anotamos, vivia empregado como carpinteiro e com uma "renda de aluguel".

Um aspecto intrigante, à primeira vista, é que o fato de o prefeito da vila, Ottakar Dörffel, ter resolvido emigrar, parece ter sido motivo suficiente para Christian e outros optarem pelo mesmo. Uma vez que em suas memórias Gustav não se reporta a qual-

---

<sup>36</sup> Em sua tese de doutoramento Marionilde D. B. Magalhães anotou, em nota de rodapé na p.99, que Ottakar Dörffel "foi corresponsabilizado na Justiça pelas agitações políticas ocorridas em sua cidade no ano de 1849. Em virtude de ter sido condenado por crime de alta traição, ainda em liberdade, decidiu-se por migrar para o Brasil em 1854".

quer tipo de pressão, direta ou indireta, do governo sobre seu pai, torna-se um tanto imprecisa essa motivação para a emigração.

Não podemos deixar de levar em conta, no entanto, que Christian era um homem com um certo espírito aventureiro. Saiu da casa dos pais viajando pela Alemanha; apresentou-se para participar do levante de 1849; resolveu emigrar para uma terra estranha com mulher e três filhos, abdicando de uma porção de terra que poderia - supostamente - herdar. E, segundo consta no livro, em 1848 Christian foi até um vilarejo próximo a Glauchau, ver de perto um levante popular que assaltou, depredou e saqueou o castelo de um nobre. Mas as motivações de Christian, até agora tão frágeis, ganham alguma consistência se examinarmos sua trajetória aqui no Brasil.

O Florentim chegou ao porto de São Francisco (SC) em 11 de novembro de 1854, dia em que Christian comemorava seu 36º aniversário. O navio com os imigrantes ficou ancorado no porto até 20 de novembro, quando o grupo embarcou em algumas lanchas com toda a bagagem e partiu, através do Rio Cachoeira, em direção à Joinville.<sup>37</sup>

Ao entardecer chegamos ao nosso destino: Joinville. De início nada pudemos ver. Uma pequena clareira nas margens do rio era o porto deste lugarejo. Aqui acostamos e desembarcamos. As nossas bagagens foram desembarcadas e as lanchas voltaram a São Francisco. Ficamos todos reunidos sem saber o que fazer, até que depois de algum tempo surgiu um encarregado da empresa colonizadora, e apontando um barracão extenso situado à margem do rio, nos disse "é ali o local onde poderão ficar.

---

<sup>37</sup> Entre 1850 e 1888, cerca de 17.500 imigrantes de língua estabeleceram-se na colônia Dona Francisca, atual Joinville (SC).

Cada família ocupará um compartimento". [...] Ninguém indagou se tínhamos fome ou sede, ou nos orientou sobre o modo de nos alimentarmos [...]<sup>38</sup>

Após a dificuldade inicial, o grupo começou a receber as terras devidamente demarcadas. Christian recebeu a sua, porém, como eram terrenos de mata virgem, em pouco tempo ele concluiu que a família morreria de fome antes que pudesse preparar o chão para o plantio. Desta forma, decidiu devolver as terras à companhia e buscar trabalho junto a outros colonos<sup>39</sup>. Contratado para derrubar árvores nas terras de um imigrante, não recebia o suficiente para sustentar a família.

Falando com minha mãe, concluiu que ali não havia futuro para nós. Tinha ouvido falar que no altiplano do Paraná as possibilidades eram bem melhores. Seguiu para lá, e nesse tempo minha mãe tinha que tratar de dar um jeito até que ele mandasse algum dinheiro ou nos mandasse buscar. Minha mãe vendeu mais alguns objetos nossos, e com o dinheiro comprava mantimentos [...]. Assim conseguimos sobreviver...<sup>40</sup>

Christian Strobel veio para Curitiba em companhia de um imigrante de nome Weigang, natural da cidade de Weimar, na Saxônia. Pelo litoral, seguiram até Paranaguá, e de lá subiram a serra até Curitiba.

---

<sup>38</sup> STROBEL, G. op. cit. p.30. Trata-se da Sociedade Colonizadora de Hamburgo responsável pela vinda e instalação de colonos alemães para esta região de Santa Catarina.

<sup>39</sup> Ibid, p 31-32. Gustav nos informa que os Strobel vieram para o Brasil com praticamente nenhum dinheiro. Segundo o livro, Christian teria trazido uma boa quantia "se o destino não lhe tivesse pregado uma dolorosa peça: trezentos taler foram furtados de dentro da nossa casa, em Glauchau, quando meu pai viajou até Poppengruen para despedir-se de seus parentes [...]. Com isso, ao chegarmos em Joinville, possuíamos apenas 7 vinténs (140 réis)". p. 31.

<sup>40</sup> Ibid p. 32. Neste período Curitiba transformava-se na capital da Província do Paraná, recentemente (1853) emancipada de São Paulo. Portanto, aos olhos dos imigrantes e da população em geral, tornava-se uma região propícia a oferecer maiores e melhores oportunidades de trabalho.



Após 14 dias de andanças, meu pai e seu colega finalmente chegaram pela primeira vez em Curitiba, nos primeiros dias de 1855. Naquele tempo Curitiba, apesar de sede provincial do Paraná, era ainda uma modesta cidade com mais ou menos 8.000 habitantes.<sup>41</sup>

De fato, à época, a capital da Província do Paraná não era mais do que um vilarejo. Em 1854 tinha 20.629 habitantes, sendo 18.861 livres e 1.768 escravos<sup>42</sup>. Pode-se supor que boa parte dessa população vivia na área rural, em função das atividades econômicas predominantes. Curitiba, neste período, era "uma espécie de síntese" das duas regiões econômicas da província: o litoral, que dedicava-se ao comércio e vivia no século XIX uma espécie de surto industrial, com a instalação de dezenas de engenhos de descasque de arroz, de produção de cachaça e principalmente de beneficiamento de erva mate; os Campos Gerais, onde predominavam os latifúndios agropastoris, dedicados tanto à pecuária bovina quanto à invernagem e comércio de muares do Rio Grande do Sul. Assim, no planalto de Curitiba, a população dedicava-se ao comércio de gado e à extração e beneficiamento de mate, atividade econômica que se encontrava em franco desenvolvimento.<sup>43</sup>

Esta cidade "despovoada" foi descrita no relato de Avé-Lallemant. Ao visitá-la, em 1858, este médico e viajante alemão participou de uma festa da matriz de Curitiba em comemoração à

---

<sup>41</sup> Ibid, p. 40.

<sup>42</sup> MIRANDA, Beatriz T. M. Aspectos demográficos de uma cidade paranaense no século XIX: Curitiba - 1851 a 1880. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 1978, p.52.

<sup>43</sup> PEREIRA, Magnus R. M. Fazendeiros, industriais e não-morigerados, ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889). Dissertação de Mestrado, Curitiba:UFPR, 1990, p.83-84.

padroeira da cidade (8 de setembro). No seu livro ele comenta que a maior parte dos participantes da festividade vinha dos arredores do núcleo urbano especialmente para as festas. Passando os eventos, voltariam ao campo e a cidade retornaria ao seu ritmo normal, vazia como as demais<sup>44</sup>. Curitiba, então, ainda era muito semelhante à cidade que Saint-Hilaire conheceu cerca de 40 anos antes:

Curitiba mostra-se tão deserta, no meio da semana, quanto a maioria das cidades do interior do Brasil. Ali, como em inúmeros outros lugares, quase todos os habitantes são agricultores que só vêm à cidade nos domingos e dias santos, trazidos pelo dever de assistir à missa.<sup>45</sup>

Mas em 1858 Avé-Lallemant indicou os sinais de que a cidade estava em processo de mudança. O viajante apontou para o que seria uma "decisiva regeneração", com a construção de novos prédios públicos, a abertura de estradas e o estabelecimento de colônias de imigrantes europeus.<sup>46</sup>

Foi esta cidade que Christian Strobel percorreu em busca de trabalho. Em cada canteiro de obras oferecia-se para trabalhar como carpinteiro.

Mas os operários e carpinteiros, que eram todos mulatos, não conseguiram entender sua comunicação através de gestos. Em resposta meu pai obteve apenas risos. Desanimado, seguiu adiante, achando

---

<sup>44</sup> AVÉ-LALLEMANT, Robert. Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858). Belo Horizonte/São Paulo, Editora Itatiaia/EDUFF, 1980, p.282.

<sup>45</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina. Belo Horizonte/São Paulo, Editora Itatiaia/EDUFF, 1978. p.71.

<sup>46</sup> AVÉ-LALLEMANT, R. op. cit. cap. IV.

cada vez mais injusto animar pessoas com falsas promessas, para virem a estas paragens, sem prestar-lhes a mínima assistência.<sup>47</sup>

Mas Christian teve sorte, pois encontrou na cidade uma mulher que se dirigiu a ele em alemão:

De início meu pai ficou bastante surpreendido, pois a esse tempo os alemães eram pouquíssimos em Curitiba (eram da região de Mosele-Moselschwaben) [...]. A mulher disse que seu marido se chamava Teodoro Gaspar e que moravam em São José dos Pinhais - lugarejo próximo de Curitiba. Convidou-o a ir para lá, pois tinha certeza de que arrumaria trabalho para ele.<sup>48</sup>

Em São José dos Pinhais, Christian foi contratado para confeccionar balcões e prateleiras para uma loja, uma empreitada que durou três meses. Como Teodoro Gaspar, na época, comerciava com Joinville, Christian solicitou-lhe que trouxesse sua família para São José.

Christine e os filhos seguiram para o Paraná em 20 de abril de 1855 e depois de 14 dias de viagem chegaram em São José dos Pinhais. Instalaram-se em um cômodo da casa de Teodoro Gaspar e, tempos depois, quando os Gaspar mudaram-se para Curitiba, toda a casa foi alugada para os Strobels.

Mas a situação da família não melhorou, pois Christian não conseguira outros trabalhos de carpintaria. Além disso, logo que chegou a São José dos Pinhais, em 8 de julho de 1855, Christine Strobels deu à luz a uma menina (Marie). A família, então, resol-

---

<sup>47</sup> STROBEL, G. op. cit.p. 40.

<sup>48</sup> Ibid p. 40-41.

veu transferir-se para uma casa menor e Christian foi procurar trabalho junto aos caboclos.

Muitos destes estavam demarcando as divisas de suas propriedades por meio de valetas. Meu pai, Ernesto Stein e mais tarde Weigang juntaram-se aos outros alemães que já trabalhavam nestas empreitadas.<sup>49</sup>

Nesse trabalho Christian Strobel conheceu Pedro Machado, proprietário de terras nos arredores de Campo Largo da Roseira.

Em conversa com Machado meu pai contou-lhe que tinha sua família em São José e que era seu desejo morar na roça pois então os seus familiares poderiam plantar algo para ajudar no sustento da família. E o Machado fez-lhe a oferta de uma casa com terra de sua propriedade que já há algum tempo estava desocupada, dizendo que nos cederia sem cobrar algo. Meu pai aceitou muito agradecido a oferta e logo em seguida mudamos para lá.<sup>50</sup>

Nesta casa os Strobel viveram por três anos<sup>51</sup>. Christian introduziu alguns melhoramentos na construção e continuou ocupado no trabalho de abertura de valetas. Christine reservou uma área onde plantou uma horta com o auxílio de Gustav, enquanto a filha mais velha cuidava dos afazeres da casa. Nesse período Ernesto Stein, que trabalhava ao lado de Christian, foi morar com a família.

Tempos depois, os Strobel foram viver na propriedade de Bento Fagundes, o qual, por problemas com a justiça, resolveu mudar-se para longe, por algum tempo, até que tudo fosse esquecido.

---

<sup>49</sup> Ibid p. 50.

<sup>50</sup> Ibid p. 50.

<sup>51</sup> Num outro trecho da op. cit. (p. 55), G. Strobel diz que ficaram na casa por um ano.

Para que durante sua ausência a propriedade não ficasse abandonada, foi à procura de uma pessoa de confiança para morar e zelar por ela.

O novo lar dos Strobels era mais espaçoso e a propriedade tinha alguns galpões, diversas árvores frutíferas, instalação para o preparo de farinha de milho (uma novidade para esses imigrantes) e uma grande horta, onde poderiam plantar e usar à vontade. O gado e os porcos também ficaram e as crias que nascessem seriam divididas entre Strobels e o proprietário, quando do retorno deste.

Como a nova casa ficava a pouca distância do caminho que vinha de Joinville, os Strobels passaram a abrigar os imigrantes oriundos daquela cidade para comerciar ou para tentar uma nova vida em Curitiba, além dos que trabalhavam nas redondezas. Nesta casa, em 7 de dezembro de 1858, nasceu mais uma filha de Christian e Christine Strobels: Anna.

Após residirem por dois anos neste local, eles tiveram que se mudar, por desentenderem-se com o proprietário. Um vizinho, Bernardo da Cruz, propôs a Christian a venda de uma propriedade que ficava a meia hora de São José, na estrada que seguia para Morretes, constituída por um terreno com uma boa casa, área cercada para plantação e com um tanque com monjolo. O pagamento seria feito em parcelas e parte do preço seria pago pelo trabalho de carpintaria na construção de uma casa para Bernardo. O negócio

foi acertado e em pouco tempo os Strobels mudaram-se para casa própria, por volta de 1860.

Os primeiros meses em nossa propriedade foram de sacrifício, até que a terra produzisse alguns mantimentos para o nosso sustento. Trabalho não nos faltava, pois como a propriedade era nossa, pretendíamos introduzir diversos melhoramentos, como também aumentar a área plantada. Papai tratou de trabalhar fora, para conseguir ganhar algum dinheiro, a fim de poder saldar a dívida contraída com a compra da propriedade.<sup>92</sup>

Nestes anos morando na casa, os Strobels plantaram milho, feijão, batata inglesa e diversos cereais europeus (exceto o trigo, que não se adaptava devido ao ataque da ferrugem) e vendiam parte da colheita em Curitiba.

Em 17 de novembro de 1861 nasceu Fanny, a última filha do casal Strobels, e como as outras filhas nascidas no Brasil, foi batizada na igreja católica. O padrinho de Fanny, Custódio da Cruz, tempos mais tarde contratou Strobels para construir uma nova casa do outro lado do rio Iguaçu. Sua propriedade foi adquirida por Strobels, bem como um outro terreno vizinho. As obras de construção de benfeitorias nos terrenos adquiridos foram realizadas por Christian e Ernesto Stein, com a ajuda de Gustav Hermann e Emil Robert.

Também nesta casa todos os alemães que passavam em viagens faziam parada, e os que trabalhavam nas redondezas, ali se alojavam freqüentemente por alguns dias. Cobrávamos uma quantia pela hospedagem e comida. Mãe também lavava e consertava as roupas destes mediante pagamento.<sup>93</sup>

---

<sup>92</sup> Ibid p. 68-69.

<sup>93</sup> Ibid p. 76.

Depois de estabelecer-se nessa propriedade, Christian passou a dedicar-se mais aos serviços de carpintaria.

Quando o grosso do trabalho em nossa lavoura estava feito, ele atendia aos seus clientes levando a mim como seu ajudante, quando eu era dispensável no trabalho doméstico. Os trabalhos menos pesados ficavam por conta de mamãe e meus irmãos. Aos dez anos de idade eu ainda não podia produzir muito, mas era sempre uma ajuda a meu pai, e já ia aprendendo o ofício. Trabalhávamos bastante em Campo Largo da Roseira, e também para a família Rocha executamos diversos trabalhos.<sup>54</sup>

Em breve surgiram propostas de trabalho em Curitiba. O primeiro deles foi solicitado por Guilherme Mayer (conhecido por Buddelmayer - Buddel=cavar). Depois Christian trabalhou em muitas empreitadas para o ferreiro Sprenger. Em 1863, quando ficou pronta a casa de Augusto Stellfeld, na praça Tiradentes, Christian foi contratado pelo engenheiro Gottlieb Wieland para construir a cobertura da obra, com técnica alemã.

Os trabalhos foram pagos por dia trabalhado, e meu pai recebia dois mil e quinhentos réis; Ernesto Stein, que tinha aprendido o ofício com papai, recebia um e quinhentos, e eu um mil réis por dia [...]. Nesta construção completei quatorze anos.<sup>55</sup>

Nesta obra Christian construiu a primeira escada em caracol de Curitiba - e provavelmente do Paraná. Seu talento como carpinteiro foi alvo da atenção generalizada e, assim, os Strobel passaram a receber muitas solicitações de trabalho na cidade, de forma que não tiveram mais condições de assumir empreitadas em outras localidades.

---

<sup>54</sup> Ibid p. 89.

<sup>55</sup> Ibid p. 91.

Após encerrar os trabalhos de carpintaria na casa de Stellfeld, Christian foi contratado pelo barão de Holleben (engenheiro) para executar a reforma de sua residência no Alto da Glória. Em seguida, Strobel participou dos trabalhos de construção da Estrada da Graciosa (que liga Curitiba ao litoral do Paraná).

Meu pai tinha assumido com os empreiteiros os trabalhos em madeira, e em 1866 construímos primeiramente a ponte sobre o rio Capivari [...]. Estes trabalhos eram pagos por dia trabalhado. Meu pai como mestre percebia 2.500 réis por dia, Ernesto Stein, 2.000 e eu, 1.500 [...]. Após o término desta ponte, meu pai assumiu a construção de doze casinholas destinadas a operários encarregados da conservação da estrada.<sup>56</sup>

Antes mesmo do final das obras na Graciosa, Christian recebeu oferta de trabalho em Curitiba. Tendo como empregados Ernesto Stein, José Hartmann, João Schmidlin e um outro homem citado apenas como Raschendoerfer, construiu a roda de água e as engrenagens da olaria de Gottlieb Wieland, além da cervejaria e da residência de João Leitner. Pouco tempo depois Christian participou da reforma do palácio do presidente da província.

[Neste prédio], a escada que servia ao andar de cima era ainda do tipo primitivo, e a mesma deveria ser substituída por uma mais moderna. Na dependência onde a escada seria renovada, deveria sobrar lugar para uma passagem para uma outra sala, mas pelos cálculos do engenheiro não sobraria espaço. Como o dono da construção não achava solução para o impasse, o pedreiro Moreira, que tinha trabalhado conosco na construção do Stellfeld, sugeriu chamar meu pai, pois sabia que ele tinha prática de escadas de caracol [...]. Depois de montada e terminada a escada, Ramos mostrou-se muito satis-

---

<sup>56</sup> Ibid p. 106-113. Os engenheiros responsáveis pela obra foram: Barão de Holleben, Schwartz e Gottlieb Wieland.



feito, e disse que iria chamar o engenheiro, mostrar a escada, e dizer que o que ele achou impossível um carpinteiro alemão acabou fazendo.<sup>97</sup>

O comerciante Ramos, proprietário deste prédio, mais tarde contratou Strobel para outras construções. Depois de terminados os trabalhos, Christian Strobel assumiu a responsabilidade pelas obras de carpintaria do novo Hospital da Misericórdia (Santa Casa), iniciadas em 1870.

... Pela falta constante de verba, a mesma foi progredindo lentamente, levando de sete a oito anos para ser terminada [...] e os trabalhos em madeira foram todos executados pelo meu pai, inclusive portas e janelas [...]. Uma construção como esta era inédita em todo Paraná e meu pai ficou feliz por poder mostrar toda sua habilidade e conhecimento nesta obra. Também para meu irmão e para mim era muito importante, e aprendemos muito nesta construção.<sup>98</sup>

Durante os períodos de paralisação da construção do hospital, os Strobel assumiram outros trabalhos, entre estes a casa paroquial e a igreja da Comuna Evangélica Luterana, inaugurada em 1876. A igreja, construída em estilo enxaimel, foi um projeto do Eng. Gottlieb Wieland.<sup>99</sup>

Com estas memórias pudemos acompanhar a trajetória de Christian Strobel na Alemanha e no Brasil. Acreditamos ter coberto a maior parte de sua vida profissional, pois ele faleceu em 11 de

---

<sup>97</sup> Ibid p. 119-120.

<sup>98</sup> Ibid p. 123. Engenheiro responsável: G. Wieland.

<sup>99</sup> NADALIN, Sérgio. O. A origem dos noivos nos registros de casamentos da comunidade evangélica luterana de Curitiba - 1870-1960. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 1974. p.22.

janeiro de 1900 - com 81 anos - e os trabalhos na Santa Casa se estenderam até 1877 aproximadamente - quando Christian estava com 59 anos. Além disso, tudo indica que, depois da construção da Santa Casa, ele foi, aos poucos, deixando para os filhos Gustav Hermann e Emil Robert a direção dos negócios. É o que se pode intuir no trecho do livro onde Gustav Strobel rememora a atitude dos religiosos católicos encarregados da administração da entidade em relação aos luteranos.

Um interno relatou-me um destes fatos. O caso aconteceu com Cristiano Vosgrau. Ele vivia há tempos separado de sua família pelo fato de ser alcoólatra. Após estar restabelecido da doença, visitou-me à procura de trabalho [...]. Disse que após receber alta propuseram-lhe ficar trabalhando no próprio hospital [...]. O padre, certo dia, propôs-lhe que se ele se convertesse receberia uma garrafa de vinho. Cristiano concordou e após ter se submetido à conversão recebeu sua garrafa de vinho [...] Cristiano com isto também não mudou e continuava com suas bebedeiras. Eu em pouco tempo tive que mandá-lo embora do trabalho.<sup>60</sup>

É possível a análise da trajetória de Christian Strobel - desde a saída da Alemanha até seu estabelecimento em Curitiba - enfatizando-se as mudanças que ele foi empreendendo em sua vida ao longo do tempo. E pensar estas mudanças enquanto **opções** que um determinado mercado de trabalho - mais precisamente o da cidade de Curitiba e seus arredores - ofereceu a um indivíduo para viabilizar sua sobrevivência e, principalmente, para concretizar ao menos algumas das expectativas que influenciaram na sua decisão de emigrar.

---

<sup>60</sup> STROBEL, G. op. cit. p.128 (grifos meus).

Ao chegar ao Brasil, o primeiro objetivo de Strobel era sem dúvida adquirir as terras que a companhia colonizadora prometera aos alemães que se estabelecessem em Dona Francisca. Como estes terrenos estavam ainda incultos e com vegetação original, a urgência de Strobel - que veio sem nenhum capital da Alemanha - em alimentar sua família, fez com que ele desistisse de seu intento. A falta de emprego razoavelmente remunerado nesta colônia levou-o a desistir de ali se estabelecer e a tentar melhor sorte no planalto de Curitiba.<sup>61</sup>

Ao chegar ao Paraná, Christian procurou emprego como carpinteiro e só foi trabalhar na abertura de valetas porque em São José dos Pinhais encontrou dificuldades para se estabelecer na sua profissão. Nesse sentido, foi a frente de trabalho aberta na conjuntura de implantação da Lei de Terras de 1850 que garantiu a sobrevivência dos Strobel nos primeiros tempos no Brasil.<sup>62</sup>

Na etapa seguinte, as relações de amizade estabelecidas por Strobel com brasileiros de Campo Largo da Roseira permitiram-lhe realizar as primeiras obras de carpintaria, bem como o arrendamento e posterior compra de sua propriedade em São José dos Pinhais. Quando se estabelece em sua propriedade, Christian empenha-se em procurar serviços de carpintaria, afim de quitar sua

---

<sup>61</sup> Lembrar que, se Christian Strobel não tivesse sido roubado na Alemanha, poderia talvez ter concretizado seu objetivo inicial de tornar-se pequeno proprietário rural na Colônia Dona Francisca e, então, sua história teria sido outra. Por outro lado, pode-se levantar, aqui, a hipótese de que a ênfase do autor em atribuir causas políticas à emigração do pai poderia estar encobrindo uma necessidade econômica.

<sup>62</sup> Sobre este tema ver COSTA, Odah R. G. Estruturas agrárias de Curitiba-Paraná: posse, propriedade e trabalho. s.n.t.

dívida e ampliar seu empreendimento agrícola. Mais uma vez, uma característica do mercado paranaense da época propiciou uma opção a Strobel. Refiro-me à grande escassez de produtos alimentícios nos mercados urbanos, fenômeno constante no Paraná por praticamente todo o século XIX - uma vez que a população da região, de uma maneira geral, estava envolvida direta ou indiretamente no trabalho de extração e beneficiamento da erva-mate ou nas atividades pecuárias -, a ponto de a província ter que importar a maior parte dos alimentos consumidos em seu território.

Por outro lado, a sua condição de imigrante facilitou a utilização da propriedade como hospedaria dos imigrantes que transitavam entre Joinville e Curitiba ou que trabalhavam no serviço de abertura de valetas. É interessante destacar esta atividade dos Strobel também porque ela demonstra que o próprio imigrante pôde atuar (dessa e de outras formas) na rede de sustentação da política imigratória, e dela tirar proveito econômico.

Ao longo do tempo, porém, a atividade da carpintaria exercida em Curitiba pareceu cada vez mais atrativa a Strobel. Isso infere-se quando observamos que, embora o sítio tivesse muita necessidade de mão-de-obra, ainda assim Christian levava seus filhos homens para trabalhar em carpintaria. Tudo indica que, com o tempo, a produção agrícola tornou-se cada vez mais uma atividade acessória dos Strobel. Pode-se deduzir que isso se deva à maior lucratividade da carpintaria e também a um aumento da "concorrência" de produtores, já que a partir de 1869 uma grande

massa de imigrantes foi instalada nos arredores de Curitiba exatamente para exercer esta atividade.<sup>63</sup>

Porém, o que mais contribuiu para que Strobel optasse pelo exercício da carpintaria em Curitiba deve ter sido a presença, na cidade, de um número razoável de alemães (comerciantes e industriais) que apreciavam e necessitavam de seus serviços especializados (técnica de carpintaria alemã). Esse parece ter sido um encontro entre produtor e consumidor, agora em um novo mercado. Strobel foi igualmente beneficiado pela disposição do governo da província recém-criada em prover a capital de serviços públicos e de estradas, utilizando-se da mão-de-obra e da técnica dominada pelos imigrantes. Pode-se supor, portanto, que se não houvesse em Curitiba essa demanda por serviços mais requintados e de maior vulto, a carreira de Strobel não teria sido tão promissora.

Isso fica ainda mais evidente se compararmos sua atuação como carpinteiro em Curitiba, em São José dos Pinhais e em Campo Largo da Roseira. Nestes dois últimos locais, Strobel conseguiu participar apenas da construção de pequenas obras, como residências e móveis para lojas. Nada que pudesse garantir sua sobrevivência e sua autonomia como carpinteiro. Finalmente, pode-se supor que Christian Strobel, por ser quase um pioneiro da imigração alemã em Curitiba, não deve ter encontrado aqui muitos imigrantes que com ele disputassem o mercado de trabalho em sua especialidade. Na sequência, a difusão, na cidade, do gosto pela arquite-

---

<sup>63</sup> BALHANA, Altiva. P. et alii. História do Paraná (v.1). Curitiba: Grafipar, 1969. p.164-167.

tura alemã, deve ter ajudado ainda mais os imigrantes, e descendentes destes, ligados profissionalmente à construção civil.<sup>64</sup>

A despeito de todas essas "facilidades" colocadas à sua disposição, fica patente que Strobel soube sobretudo aproveitá-las. Através de várias frentes de trabalho, ele pôde dar uma nova perspectiva à sua vida, atuando junto às populações nacional e imigrante, para ter acesso à terra e para conquistar renome como mestre carpinteiro. Assim, se Christian foi (como de fato foi) *morigerado e laborioso*, não deixou de contar também com uma *boa estrela*.

O acompanhamento do desempenho profissional de um imigrante (ou de qualquer pessoa), em sua inserção num novo meio, nos permite inferir a multiplicidade de fatores que intervêm neste processo. A análise mais detalhada esclarece o fato de que não é apenas um aspecto - como o esforço e/ou o talento individuais -, mas sim uma conjugação de fatores contribuem decisiva-

---

<sup>64</sup> Em sua dissertação de mestrado Magnus Pereira (1990) observa que: "Na década de 1830, Curitiba recebeu um pequeno contingente de alemães remigrados de Rio Negro, posteriormente, o processo se aceleraria com o acréscimo dos reimigrados de Santa Catarina e com a imigração direta. Esses estrangeiros trouxeram consigo outras concepções de espaço urbano e de arquitetura, além de novos métodos construtivos baseados em alvenaria de tijolo e madeira [...] a documentação estudada demonstra que os pedreiros alemães eram apreciados. Em 1839, os vereadores solicitaram que o governo provincial providenciasse a vinda de alguns deles para Curitiba, mostrando os benefícios que representava a vinda desses trabalhadores para o município" (p.189-190).

mente para o "sucesso" ou o "insucesso" de uma trajetória individual.<sup>65</sup>

A história de Strobel nos permite, igualmente, pôr em questão a propalada solidariedade étnica: solidariedade que Strobel não obteve em Joinville, e que obteve e praticou na região de Curitiba, mas sempre atrelada a interesses recíprocos. Os exemplos pululam no relato, e aqui relembremos apenas alguns: a hospedagem de imigrantes pelos Strobel, a contratação de Strobel por engenheiros, comerciantes e industriais alemães. Talvez a exceção tenha sido o casal Teodoro Gaspar, que acolheu Christian em São José dos Pinhais. Não se pode esquecer, porém, que Strobel também recebeu apoio de muitos nacionais.<sup>66</sup>

Já é possível, agora, retornarmos à questão das motivações para a emigração e relacioná-las com o que, de fato, o imigrante pôde construir para si no novo mundo.

Vimos que a mais efetiva mudança profissional realizada por Strobel - se levarmos em consideração toda a sua história - foi sair da condição de empregado, na Alemanha, para estabelecer-

---

<sup>65</sup> Em sua tese de doutoramento Marionilde Magalhães (1993) observa, em nota de rodapé na p.42, que discorda com BALHANA e HERING, quando vêm o processo de mudanças e desenvolvimento urbano do fim do século XIX e início do XX, no sul do Brasil, como produto exclusivo da operosidade e do caráter inovador dos imigrantes. Para ela deve-se levar em consideração o desenvolvimento econômico do país como um todo; o surgimento de um empresariado ligado à indústria como lógica do sistema capitalista; a capacidade de acumulação prévia de capital, a disponibilidade de mão-de-obra e a existência de um mercado consumidor. E nos remete a SEYFFERTH, 1974 e GERTZ, 1990, obras que se colocam contra tais correntes interpretativas.

<sup>66</sup> Sérgio Nadalin, em seus trabalhos sobre os imigrantes alemães luteranos de Curitiba, observa que só se pode pensar numa "identidade étnica" na segunda geração, quando as diferenças culturais e linguísticas entre as diversas regiões de origem dos imigrantes já foram "abastadas" e se criou, então, uma "cultura étnica" (imigrante) que se opõe a uma "cultura local". E é nesse processo que se pode falar em "solidariedade étnica". Ver ANDREAZZA & NADALIN, op. cit. p.24-26.

se como mestre artesão carpinteiro autônomo, no Brasil. Esta constatação adquire um outro aspecto relevante se compararmos a trajetória de Strobel com a de um outro imigrante alemão que chegou ao Brasil um pouco mais tarde.

Joseph Umann (1850-1927) nasceu na Boêmia e veio para o Rio Grande do Sul, com a esposa e uma filha, em 1877. De família pobre, trabalhou desde os cinco anos ajudando o pai, na pequena propriedade, e a mãe, no tear. Aos 16 anos conseguiu emprego como tecelão manual numa das fábricas de sua cidade natal, mas logo foi despedido. Tempos depois aprendeu o ofício de lapidador e se tornou operário em uma indústria de vidro do Vale do Alto Kamnitz. Nesse período ele ingressou nas fileiras do "partido operário nascente". Decidiu emigrar para o Brasil (e para o Rio Grande do Sul) graças às recomendações de sua irmã que, com o marido, lá vivia desde 1873. Foi morar na Linha Cecília - município de Venâncio Aires - em terras para ele reservadas e demarcadas pelo governo imperial. Nessa propriedade Joseph Umann viveu e criou seus filhos, que também se tornaram agricultores.<sup>67</sup>

Este breve resumo da trajetória de Umann nos permite afirmar que, através da emigração, ele transformou radicalmente sua vida profissional: de operário para pequeno proprietário rural. Assim, podemos supor que Umann usou a emigração para fugir da condição de proletário, enquanto Christian Strobel usou-a como

---

<sup>67</sup> ULMANN, Josef. *Memórias de um Imigrante Boêmio*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.



fuga de uma proletarização iminente, ou pelo menos, como fuga dos limites que o mercado alemão vinha impondo aos seus planos de ascensão profissional. Esta última afirmação tende a ser confirmada se retornamos à lista de passageiros do navio Florentim. Revendo as profissões dos companheiros de Glauchau que viajaram com os Strobel, observamos que, afora o advogado, o industrial e o médico (o primeiro, com certeza; e os demais, provavelmente, envolvidos nos acontecimentos de 1849), os demais são artesãos (tecelões, sapateiros, cordoeiro, tipógrafo e moldador).<sup>68</sup>

Mas na trajetória desses dois imigrantes há ainda uma outra diferença. A efetivação de uma nova vida, para Umann, não seria possível sem a existência de uma política imigratória do Império visando o acesso à propriedade da terra em regiões pioneiras. Strobel, por outro lado, foi beneficiado por se estabelecer em um centro urbano que - embora já constituído - iniciava um período de transformações econômicas, políticas e demográficas profundas, decorrentes do iminente fim da escravidão, da própria imigração, da riqueza do mate e da instalação da nova província. Nos dois casos, portanto, a imigração permitiu a esses homens o acesso a um mercado de trabalho alternativo que lhes possibilitou mudar suas próprias histórias, bem como as de suas famílias e de seus descendentes.

---

<sup>68</sup> Analisando a lista de passageiros chegados em Joinville em 1852, 1853, 1854, 1860, 1861 e 1862, Marionilde Magalhães constatou que mais da metade declarara profissões ligadas ao meio urbano (marceneiros, alfaiates, sapateiros, mecânicos, açougueiros, cervejeiros, moleiros, padeiros, funileiros, tipógrafos e outros). Op cit p. 20.

De qualquer forma, a trajetória de Strobél e de seus descendentes esteve muito menos condicionada a uma política de Estado específica e muito mais dependente de uma conjuntura comum a toda a população da cidade de Curitiba ao longo de dezenas de anos. É nesse sentido que o acompanhamento da história dos filhos de Christian Strobél e dos descendentes de Gustav Strobél (filhos e netos) ganha relevância.

Mas como uma determinada conjuntura afeta diferentemente os diversos estratos sociais de uma população, a história dos descendentes de Christian Strobél - que será analisada no decorrer deste trabalho - não estaria fundamentada adequadamente se, no presente capítulo, não tivéssemos situado o seu núcleo original no universo socioeconômico da cidade de Curitiba. Em outras palavras, era preciso efetuar o resgate das condições em que se deu tal inserção.

## 2. DO PLURAL AO SINGULAR: A SOCIALIZAÇÃO DE UMA FAMÍLIA IMIGRANTE.

A escolha do cônjuge e da profissão costuma marcar de forma definitiva a história de uma vida. Ao fazer suas opções nestes campos - as melhores ou ao menos as mais adequadas, dentre as possíveis - o indivíduo, de certa forma, está simultaneamente definindo o seu próprio destino. Nesse sentido, considero casamento e profissão questões fundamentais para os estudos dedicados ao tema da socialização.

Seguindo tais premissas, no presente capítulo iremos "rastrear" as escolhas empreendidas por alguns dos descendentes de Christian e Christine Strobel. Nosso objetivo é, ao longo dessas gerações, detectar algumas tendências comportamentais, as condições socioeconômicas e culturais que as norteavam, bem como os momentos de mudança e seus significados.

### 2.1. A ESCOLHA DO CONJUGE

Dentre os trabalhos de história da população e da família, um dos temas recorrentes é o do casamento. Neles, os historiadores procuram levantar um perfil dos cônjuges, com a finalidade de

revelar algumas características da dinâmica da população em estudo, bem como, num sentido mais amplo, aspectos da socialização de indivíduos e famílias. Nas pesquisas sobre a história da população do Paraná - e de Curitiba - por exemplo, freqüentemente encontramos tais preocupações. Dentre estes trabalhos, aqueles que se detiveram nas populações de imigrantes e seus descendentes são de interesse especial para o presente estudo. Principalmente porque buscam levantar informações sobre o comportamento matrimonial (endogâmico ou exogâmico) dessas populações e, assim, refletir sobre seu processo de integração ao novo meio social.

No estudo sobre a população de origem italiana de Santa Felicidade, Altiva Balhana<sup>1</sup> elaborou estatísticas acerca da origem dos noivos. Sobre esta questão as principais conclusões da autora são de que, nos primeiros decênios, há freqüência de casamentos entre pessoas da mesma paróquia italiana de origem. Dos 3234 casamentos pesquisados, 72.3% têm cônjuges nascidos na paróquia e, destes casamentos, as mulheres nascidas em Santa Felicidade perfazem 74.45% enquanto os homens são 70%.

Para a autora, tais índices revelam que a comunidade manteve-se bastante coesa e fechada por todo o período. E destaca:

A abertura do mercado matrimonial, no sentido de propiciar maiores oportunidades de casamentos mistos, foi lenta e tardia [...] no Brasil de modo geral. As tendências endogâmicas dos contingentes imigrados de certo modo correspondiam às expectativas da sociedade receptora, na qual persistia a

---

<sup>1</sup> BALHANA, Altiva P. Famílias coloniais: fecundidade e descendência. Curitiba: A.M. Cavalcanti & Cia. Ltda., 1977.

rígida estratificação social. [...]. Mesmo depois da abolição da escravidão, a estrutura social brasileira conservou suas características tradicionais.<sup>2</sup>

Estudo de natureza semelhante foi realizado por Rui Wachowicz<sup>3</sup>, para a Colônia Abranches - comunidade formada originalmente por imigrantes poloneses. Em seu trabalho o autor localiza no início do século XX uma contínua redução percentual dos casamentos endogâmicos, até atingir 24% em 1951-1960. Em contrapartida, no mesmo período ocorre o contínuo crescimento dos percentuais de casamentos mistos e de outros grupos (40% e 36%, respectivamente).

Uma dissertação de mestrado sobre a população de imigrantes (e seus descendentes) católicos de origem germânica de Curitiba foi realizada por Serley Ranzi<sup>4</sup>. O trabalho abrange o período 1850-1919 e, nele, a autora traçou um perfil do casamento nessa população. Já para o período 1850-59, Ranzi encontrou uma alta taxa de uniões interétnicas (71%), comportamento que atribui ao fato de haver poucos imigrantes alemães na cidade à época. A partir da década de 1860, há uma pequena superioridade dos casamentos intra-étnicos, mantida até 1890 - que ela infere ser uma consequência do aumento de entrada de alemães por remigração. Desde então, e até o final do período, os casamentos interétnicos

---

<sup>2</sup> Ibid p.122.

<sup>3</sup> WACHOWICZ, Rui C. Abranches: um estudo de história demográfica. Curitiba: Editora Vicentina, 1976.

<sup>4</sup> RANZI, Sirlei M. F. Alemães católicos de Curitiba - aspectos sociodemográficos 1850-1919. Dissertação de mestrado, Curitiba: UFPR, 1983.

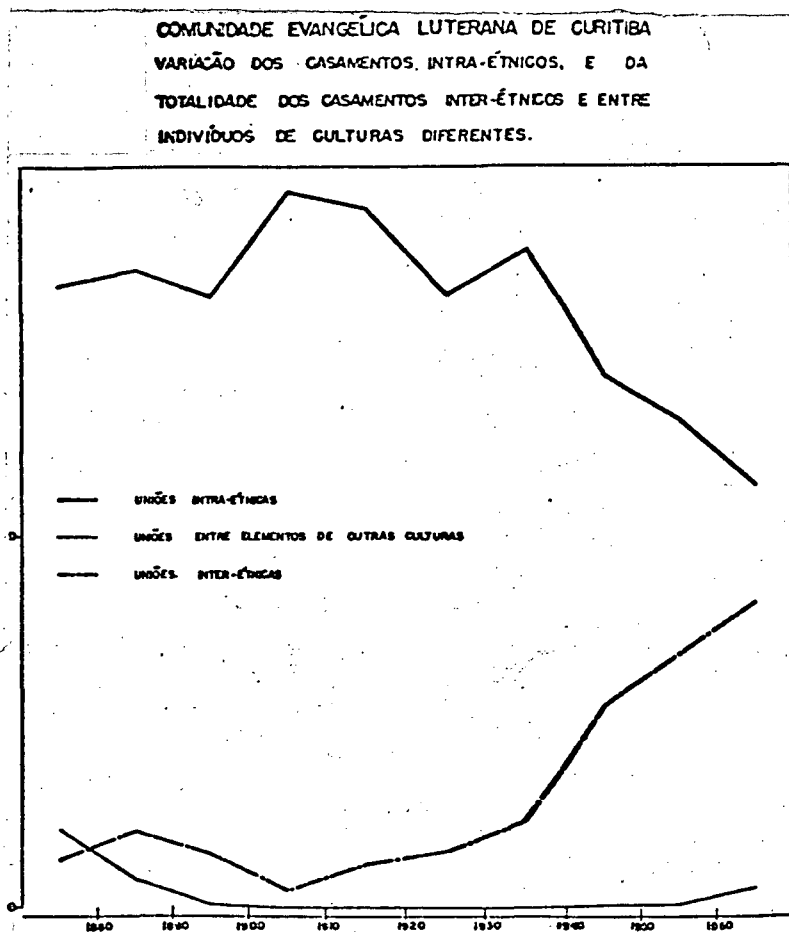
eram preponderantes, com uma pequena retração no período que antecede a Primeira Guerra - quando Curitiba começa a receber um novo fluxo imigratório.

Muito mais próximos do interesse do presente trabalho estão os estudos efetuados por Sérgio Nadalin acerca da comunidade alemã luterana de Curitiba. Através de levantamento de dados sobre endogamia e exogamia étnica, em um de seus primeiros trabalhos<sup>3</sup> procurou mapear as variações no tempo. Para o período 1870-1939, o autor verificou que as percentagens relativas aos casamentos intra-étnicos são bastante altas, sempre superiores a 80%. A partir da década de 1940, no entanto, a curva relativa aos casamentos intra-étnicos inicia queda significativa - chegando a 56.74% em 1969 -, enquanto ascende a curva que representa as uniões inter-étnicas - atingindo a 40.92% em 1969. O autor acrescenta que tudo indica ser geralmente o homem o responsável pelo rompimento da endogamia étnica.

Para o detalhamento desse comportamento, Nadalin apresenta um gráfico com os dados sobre a origem dos noivos, reproduzido a seguir.

---

<sup>3</sup> NADALIN, Sérgio O. A origem dos noivos nos registros de casamentos da Comunidade Evangélica de Curitiba: 1870-1969. Dissertação de mestrado, Curitiba: UFPR, 1974.



Como observa o autor, existem dois grandes períodos de 50 anos na evolução da origem dos noivos da comunidade. O primeiro, de 1870 a 1919, é marcado pelo aumento no número de cônjuges nascidos em Curitiba. Portanto, levando-se em consideração as altas taxas gerais de endogamia étnica entre os luteranos, pode-se afirmar que é uma fase de crescimento da população de descendentes de imigrantes estabelecidos na cidade e, ao que parece, uma diminuição da imigração (hipótese corroborada pela diminuição geral verificada na entrada de elementos estrangeiros no Brasil). O segundo período (1919-1969) é evidenciado pela tendência de dimi-

nuição dos noivos nascidos em Curitiba, caracterizando um reinício da imigração.

O passo seguinte do estudo foi tentar conhecer melhor a origem dos noivos não nascidos em Curitiba. Resumindo-se as considerações do autor, pode-se afirmar que, entre 1870 e 1939, ocorre o predomínio de elementos de cultura alemã, com um pequeno reforço de imigrantes de outras culturas<sup>6</sup>. Entre 1940 e 1969, o predomínio entre os noivos, não nascidos em Curitiba é de teuto-brasileiros oriundos principalmente de Santa Catarina.<sup>7</sup>

Em um artigo recente, Maria Luiza Andreazza & Sérgio Nadalin resumiram e refletiram sobre os principais conhecimentos acumulados sobre esta comunidade, dentre estes, alguns relativos ao casamento<sup>8</sup>. Abrangendo o período 1866-1939, os autores analisam esta população fundamentados em histórias de famílias agregadas em três coortes: 1866-1895, 1896-1919 e 1920-1939. A primeira é predominantemente formada por casais imigrantes, a segunda e a terceira, por cônjuges teuto-brasileiros.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Ibid, p. 94. O autor comenta que o grupo que mais contribuiu para a comunidade germânica em Curitiba, no século XIX, é o da região leste-nordeste-norte (Prússia Ocidental e Oriental, Posnânia, Silésia, Pomerânia e Polônia) e no século XX, o das regiões noroeste-centro e oeste da Alemanha (Brandemburgo, Hannover, Hamburgo, Schleswig-Holsten, Mecklenburgo, Oldenburgo, Saxônia, Turingia, Westfália, Renânia, Hessen, Nassau, Palatinato, Baden, Alsácia-Lorena) p.124.

<sup>7</sup> Ibid, p. 94.

<sup>8</sup> ANDREAZZA, M. Luiza & NADALIN, Sérgio O. O cenário da colonização no Brasil meridional e a família imigrante, 1994.(no prelo)

<sup>9</sup> Ibid, p. 26-27.



Dentre os inúmeros indivíduos e famílias estudados por Nadalin, estão descendentes de Christian e Christine Strobel. Assim, reunimos uma série de informações sobre os filhos, netos e bisnetos do casal pioneiro, o que permite a comparação de suas histórias individuais com os dados gerais da comunidade alemã em que estão inseridos.<sup>10</sup>

#### FILHOS DE CHRISTIAN E CHRISTINE STROBEL

NOME	ORIGEM	CASAMENTO	CONJUGE	ORIGEM
Emilie Bertha Strobel	Saxônia	11.12.1875	Fried. Wilh. Illing	Saxônia
Gustav Hermann Strobel	Saxônia	17.04.1875	Emma Emilie Wendt	Pomerânia
Emil Robert Strobel	Saxônia	21.07.1885	Therese Osternack	Curitiba
Marie Strobel	S. J. P.	03.04.1886	Carl Weckerlin	Alemanha
Anna L. Strobel	C. L. R.	21.12.1878	Joh. Schnitzler	Austria
Fani Strobel	S. J. P.	08.12.1883	Ernst A. C. Jucksch	Hamburgo

<sup>10</sup> As informações do quadro foram obtidas nas fichas de família elaboradas por Sérgio Nadalin a partir das fontes paroquiais da comunidade luterana de Curitiba. A descendência de Gustav e Emma Strobel (filhos e netos) está completa, porque preenchemos as lacunas das fichas de família com informações obtidas em entrevistas com os seguintes descendentes de Gustav Hermann Strobel: Hans Bürger, Edith Clara Strobel, Egon Friedrich Strobel, Érica Strobel Oliveira (netos); Hugo Bürger e Felix José Strobel (bisnetos). Nessas entrevistas foi possível resgatar principalmente os dados sobre casamentos realizados após 1939 e sobre os que não se realizaram na paróquia da Comunidade Luterana. Observar que, evidentemente, não constam desse quadro os descendentes que morreram jovens e os que nunca casaram.

## NETOS DE CHRISTIAN E CHRISTINE STROBEL

NOME	ORIGEM	CASAMENTO	CONJUGE	ORIGEM
A. M. Fanni Illing	S. J. P.	15.07.1899	Rich. Stahn	Brandenburg
Anton Illing	S. J. P.	18.12.1909	Helene Kanning	Curitiba
Mã Minna Illing	S. J. P.	28.05.1910	Wilh Ern. H. Schulz	Brandenburg
Clara Strobel	Curitiba	1898	Paul Bürger	Prússia
Emilio Rich. Strobel	Curitiba	20.09.1902	Emma Koch	Joinville
Gustav Wilh. Strobel	Curitiba	14.09.1908	Otilia L. Garmatter	Curitiba
Rudolf Strobel	Curitiba	11.06.1910	Rosina Osternack	Curitiba
Franz Strobel	Curitiba	23.09.1911	Bertha Weigert	Curitiba
Fried. Alwin Strobel	Curitiba	28.10.1911	Amália Blitzkow	Curitiba
Alfred Weckerlin	Curitiba	24.07.1915	Hermine Janz	Curitiba
Alwin Weckerlin	Curitiba	?	Margareth Koy	?
Frieda Weckerlin	Curitiba	17.05.1930	João Henr. Veyl	?
Bertha Schnitzler	S. J. P.	02.04.1910	Carl Born Jr.	Curitiba
Max Emil Schnitzler	?	04.04.1908	Maria Hanke	?
Anna J.Fried.Schnitzler	?	12.02.1910	Robert Born	Curitiba
Olga Jucksch	Curitiba	17.09.1904	Robert Kopsch	Curitiba

S. J. P. - São José dos Pinhais

C. L. R. - Campo Largo da Roseira.

## BISNETOS DE CHRISTIAN E CHRISTINE STROBEL

NOME	ORIGEM	CASAMENTO	CONJUGE	ORIGEM
Karl Paul Stahn	Curitiba	?	Elfried M. S. Storm	?
Erna Schutz	Curitiba	29.09.1934	Fritz Affolter	Curitiba
Elza Bertha Schutz	Curitiba	25.05.1935	Ewald L. Lepper	Curitiba
Paul Herm. Bürger	Curitiba	03.09.1927	Judith Eheke	Canoinhas
Rudolf Bürger	Curitiba	* +/- 1945	Hilda ?	S. Paulo
Heinz Bürger	Curitiba	* +/- 1945	Elfried ?	Alemanha
Eugen Strobel	Curitiba	22.01.1929	Amália S. Fieber	Curitiba
Germano Strobel	Curitiba	* ?	Frieda Salfer	Joinville
Emil Strobel Jr.	Curitiba	17.11.1934	Nair Hatschbach	Curitiba
Waldemar S. Strobel	Curitiba	16.04.1940	Olinda M. Wischrael	Curitiba
Egon Fried. Strobel	Curitiba	28.09.1957	Norma Heisler	Curitiba
Gerda Emma Strobel	Curitiba	22.04.1958	Nelson Gloor	?
Erwin K. Strobel	Curitiba	11.06.1935	Mercedes Egg	Curitiba
Érica Strobel	Curitiba	12.1941	Nicolau A. Oliveira	Curitiba
Reinaldo Strobel	Curitiba	16.06.1949	Dirce Sperandio	?
Kurt Strobel	Curitiba	?	Diva Costa	?
Walter Strobel	Curitiba	20.12.1947	Nair L. Coutinho	Curitiba
Walfried Strobel	Curitiba	* +/- 1935	Elisabeth Sersósimo	Jacarezinho
Zilda Strobel	Curitiba	19.10.1957	Edgar W. Bredow	Rio Negro
Elfie Strobel	Curitiba	01.07.1933	Nicolau Klass	São Mateus
Milton J. Weckerlin	Curitiba	06.01.1951	Paula Mohr	Brusque
Anna Ida Born	Curitiba	08.07.1933	Joh. Ch. Meyer	Alemanha
Leopold Born	Curitiba	31.07.1943	Nilda Nickel	Curitiba
Adelaide Born	Curitiba	03.09.1936	Ewald R. Escholz	Curitiba
Elvira H. Born	Curitiba	08.05.1943	Heinz A. Heeren	Curitiba
Albert Born	Curitiba	19.04.1941	Adelina Morosin	Curitiba
Cecília Born	Curitiba	07.11.1942	Alfredo Pockrandt	Curitiba
Erwino Born	Curitiba	27.10.1951	Ester Richter	Curitiba
Elfried O. Kopsch	Curitiba	31.07.1934	João Santos Ribas	Curitiba

\* - Casamentos não realizados em Curitiba.

A história dos casamentos dos membros da família Strobel parece confirmar os dados gerais obtidos por Nadalin para toda a comunidade luterana alemã de Curitiba, no que diz respeito à origem dos noivos. Das 22 uniões realizadas entre 1875 e 1919, seis se deram entre casais onde um cônjuge era nascido em Curitiba ou arredores e o outro era estrangeiro; oito uniões se realizaram entre noivos nascidos em Curitiba ou arredores; duas uniões tiveram ambos os cônjuges de origem estrangeira (germânica); apenas uma união refere-se a um cônjuge nascido em Curitiba e outro em Santa Catarina. De duas uniões, não foi possível levantar a origem de um dos noivos; de outra desconhecemos a origem dos noivos.

Os casamentos ocorridos a partir da década de 1920 (excluindo-se os realizados fora de Curitiba) caracterizam-se pelo predomínio de cônjuges nascidos na cidade, pelo declínio dos cônjuges estrangeiros e pelo aumento de cônjuges oriundos de outras regiões do país (preferencialmente cidades catarinenses): das 25 uniões, 16 se dão entre cônjuges nascidos em Curitiba, 4 têm um cônjuge nascido em Curitiba e o outro em outra cidade do país; em uma união um dos cônjuges nasceu em Curitiba e o outro veio da Alemanha. De quatro uniões não foi possível conhecer a origem de um dos noivos.

Os dados sobre a endogamia étnica-matrimonial dessa família também confirmam as estatísticas gerais para o grupo. Dos 51 casamentos levantados, apenas sete são interétnicos (13.7%)<sup>11</sup>. E

---

<sup>11</sup> Nesta taxa também estão incluídos os casamentos não realizados na igreja da Comunidade.

mais: essa endogamia rompeu-se apenas com os bisnetos do casal pioneiro, em uniões realizadas a partir da segunda metade da década de 1930. Existe, igualmente, a tendência dos homens em romper com a endogamia étnica: dos sete casamentos interétnicos, cinco tinham um descendente dos Strobel como cônjuge do sexo masculino.

Se a comparação com os dados da comunidade revela que esta família segue a tendência geral de comportamento no que se refere à escolha do cônjuge, uma análise das histórias individuais de alguns membros da família Strobel talvez possa ajudar a entender um pouco mais sobre tais escolhas, assim como sobre as condições que determinaram as mudanças. Para isso, reunimos o maior número possível de informações sobre os cônjuges dos filhos de Christian e Christine Strobel, e sobre os filhos e netos de Gustav Strobel (segundo filho do casal pioneiro e autor do livro de memórias).

#### 2.1.1. FILHOS DE CHRISTIAN E CHRISTINE STROBEL

No quadro a seguir encontram-se alguns dados fundamentais acerca do casamento dos filhos de Christian e Christine Strobel.

NOME	IDADE AO CASAR	ORIGEM	CASAMENTO	CONJUGE	IDADE AO CASAR	ORIGEM
Emilie Bertha Strobel	29	Saxônia	11.12.1875	Fried. Wilh. Illing	27	Saxônia
Gustav Hermann Strobel	25	Saxônia	17.04.1875	Emma Emilie Wendt	19	Pomerânia
Emil Robert Strobel	32	Saxônia	21.07.1885	Therese Osternack	19	Curitiba
Marie Strobel	30	S. J. P.	03.04.1886	Carl Weckerlin	34	Alemanha
Anna L. Strobel	20	C. L. R.	21.12.1878	Joh. Schnitzler	23	Austria
Fani Strobel	22	S. J. P.	08.12.1883	Ernst A. C. Jucksch	31	Hamburgo

A fim de aproximarmos um pouco mais das especificidades de cada escolha, acrescentamos mais algumas informações sobre a história dessas uniões.

Emma Wendt, esposa de Gustav Hermam, veio para o Brasil com os pais, Ferdinand e Johanna Wendt. A família morou em Joinville e só mais tarde estabeleceu-se em Curitiba. Os Strobel e os Wendt deviam se conhecer mesmo antes da união de seus filhos, pois Ferdinand Wendt era pedreiro e pode ter trabalhado em algumas obras com os Strobel.<sup>12</sup>

A família de Therese Osternack, noiva de Emil Robert, também devia ser conhecida dos Strobel, pois seu pai - Christiano Osternack, um imigrante originário de Hamburgo<sup>13</sup> - construiu em Curitiba a primeira olaria moderna de boa produção.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> A trajetória dos Wendt e a profissão do pai de Emma constam da ficha da família dos arquivos do prof. Sérgio Odilon Nadalin. Daqui por diante, para referenciar tais fichas, utilizo a expressão Arquivos SON.

<sup>13</sup> Arquivos SON.

<sup>14</sup> STROBEL, Gustav. Relatos de um pioneiro da imigração alemã. Estante Paranista 27, Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1987. p.134.

Segundo a ficha da família, elaborada por Sérgio Nadalin, Carl Weckerlin, marido de Marie, nasceu na Alemanha, mas seu pai - Sebastian Weckerlin - era um velho conhecido dos Strobels, pois seu nome consta na lista de passageiros da mesma viagem do Florentim que trouxe os Strobels para o Brasil. Nela consta que Sebastian Weckerlin era um lavrador suíço e que viajou sozinho para o Brasil, aos 22 anos. Segundo o livro de memórias de Gustav Stobel, em Joinville, Sebastian Weckerlin trabalhou numa olaria. Em 1863, já em Curitiba, era um dos operários da construção da residência de August Stellfeld.<sup>15</sup>

Mas a origem de Carl Weckerlin é um pouco enigmática. Na ficha da família consta que talvez fosse viúvo e que estava com 34 anos à época do casamento (teria nascido, portanto, em 1852). Seu pai, no entanto, veio sozinho da Alemanha em 1854, e apenas em 1860 casou com Therese Hoffmann. Pode-se supor, assim, quatro alternativas:

1º Sebastian Weckerlin casou-se com Therese Hoffmann e adotou o filho desta como seu;

2º Sebastian Weckerlin veio para o Brasil antes de Therese e do filho Carl, e só mais tarde - já no Brasil - legalizou a união;

3º um dos dados da ficha de família está incorreto (a paternidade ou naturalidade e a idade de Carl);

---

<sup>15</sup> Ibid p.34,91.

49 O Sebastian Weckerlin, pai de Carl, não é o mesmo que veio para o Brasil no navio que trouxe os Strobel.

Tudo indica que a segunda proposição é a mais correta, uma vez que na ficha de família de Sebastian Weckerlin há um espaço intergenésico de 8 anos entre o primeiro filho (Carl) e o segundo.

Uma última informação: na lista de passageiros do Florentin, Sebastian Weckerlin aparece como protestante, mas seu casamento com Therese Hoffmann foi celebrado na igreja católica. Já a união matrimonial de seu filho Carl com Marie Strobel foi efetuada na igreja luterana.

Anna Luiza, que se casou com John Schnitzler (de pais católicos), também se casou na igreja católica.<sup>16</sup>

Na avaliação dos dados disponíveis sobre a primeira geração, o que chama imediatamente a atenção é a endogamia étnica absoluta, nesses casamentos realizados entre 1875 e 1886. Comportamento que confirma os dados gerais de Sérgio Nadalin, e que, aparentemente, expressa o nascimento e início do desenvolvimento de uma comunidade étnica "fechada e coesa".

Mas a história dos casamentos de Gustav, Emil e Marie demonstram que, para além dos vínculos étnicos é - para a maior parte dos casamentos - também dos religiosos, há entre os noivos (ou melhor, entre as famílias dos noivos), vínculos profissionais: Ferdinand Wendt (pedreiro), Christiano Osternack (oleiro) e

---

<sup>16</sup> Arquivos SON.



Sebastian Weckerlin (carpinteiro) exercem, todos eles, profissões do ramo da construção civil, tal como Christian, Gustav e Emil Strobel. Assim, se religião e, principalmente, etnia comuns aparecem como pré-requisitos para a escolha do cônjuge, foi através dos vínculos profissionais que estes princípios básicos puderam ser viabilizados.

Se considerarmos a escolha do cônjuge um indício importante para entender o tipo de socialização aberta ao indivíduo e às famílias imigrantes, é preciso observar que uma tradição cultural comum (religião e etnia) por si só não era suficiente para unir as pessoas. Ao menos neste momento, quando a família já está estabelecida no país mas ainda em fase de integração em um meio urbano, o trabalho, a vida cotidiana e uma mesma condição socioeconômica também foram fatores de peso. Daí porque no início de sua socialização na cidade, os vínculos profissionais dos Strobel talvez tenham sido tão importantes, funcionando como porta para a integração, mesmo quando os indivíduos envolvidos nessa rede de sociabilidades tinham a mesma origem e viviam a mesma condição de imigrantes.

#### 2.1.2. FILHOS DE GUSTAV E EMMA (WENDT) STROBEL

Gustav Hermann estabeleceu-se definitivamente em Curitiba, quando casou, em meados da década de 1870<sup>17</sup>. O casal Gustav-Emma teve sete filhos, um dos quais - Otto August - viveu apenas até

---

<sup>17</sup> STROBEL, G. op. cit. p.126.

os 2 anos. No quadro a seguir constam os principais dados das uniões matrimoniais dos demais filhos.

NOME	IDADE AO CASAR	ORIGEM	CASAMENTO	CÔNJUGE	IDADE AO CASAR	ORIGEM
Clara Strobel	22	Curitiba	1898	Paul Bürger	28	Prússia
Emilio Rich. Strobel	25	Curitiba	20.09.1902	Emma Koch	18	Joinville
Gustav Wilh. Strobel	27	Curitiba	14.09.1908	Otilia L. Garmatter	26	Curitiba
Rudolf Strobel	25	Curitiba	11.06.1910	Rosina Osternack	19	Curitiba
Franz Strobel	25	Curitiba	23.09.1911	Bertha Weigert	19	Curitiba
Fried. Alwin Strobel	23	Curitiba	28.10.1911	Amália Blitzkow	18	Curitiba

Para esta geração temos informações mais específicas sobre a origem dos cônjuges de todos os membros da família Strobel.

O marido de Clara, Paul Bürger, veio sozinho para o Brasil, já adulto. Ele encontrou sua futura esposa nos eventos promovidos pelas sociedades recreativas germânicas que funcionavam na cidade.<sup>18</sup>

Emma, a esposa de Emilio Richard, era filha de Otto Koch, um tipógrafo de Joinville. Consta que os Strobel tinham contatos comerciais e laços de amizade com a família<sup>19</sup>. Além disso, os Koch eram parentes de Therese Osternack Strobel, esposa do tio do noivo.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Entrevista com Hans Bürger, set/1991.

<sup>19</sup> Entrevista com Egon Strobel, ago/1991.

<sup>20</sup> Arquivos SON.

Otilia - a esposa de Gustav Wilhem - era filha de Reinhold Garmatter, um imigrante alemão estabelecido em Curitiba e proprietário do açougue e fábrica de salsichas Garmatter, de grande tradição na cidade. Na época do casamento, no entanto, Reinhold Garmatter já havia falecido há 13 anos.<sup>21</sup>

Sabemos ainda que a noiva de Rudolf - Rosina Osternack - era sobrinha de Therese Osternack Strobels (tia de Rudolf)<sup>22</sup> e que os Weigert, pais da noiva de Franz, eram antigos conhecidos dos Strobel, pois quando casaram, em 1875, Gustav e Emma tornaram-se vizinhos de João Schaffer, avô de Anna (nascida Schaffer) Weigert, mãe de Bertha.<sup>23</sup>

Finalmente, sabemos que o casamento de **Friedrich** durou pouco tempo. Em 1913, doente, ele foi levado para a Alemanha por seus pais, para tratamento de saúde, e lá faleceu<sup>24</sup>. Mas o casal teve uma filha<sup>25</sup> e alguns anos mais tarde Amália tornou a se casar.<sup>26</sup>

Também para esta geração dos Strobel destaca-se a manutenção da endogamia étnica, nesses casamentos realizados entre

---

<sup>21</sup> Arquivos SON.

<sup>22</sup> Arquivos SON.

<sup>23</sup> STROBEL, G. op. cit. p.126.

<sup>24</sup> Ibid p.141.

<sup>25</sup> Arquivos SON.

<sup>26</sup> Entrevista com Egon Strobel. ago/1991.

1898 e 1911. Mas aqui, os vínculos profissionais entre as famílias dos cônjuges não parece ter tido tanto peso na viabilização dessas uniões. Tudo indica que ocorreu uma espécie de ampliação da rede de relações sociais dos Strobels, via parentesco (como demonstram os casamentos de Emilio Ricardo com Emma Koch e de Rudolf com Rosina Osternack), via relações de amizade iniciada pela vizinhança das famílias (como demonstra o casamento de Franz com Bertha Weigert) e via laços de amizade decorrentes da convivência social (como demonstram os casamentos de Emilie Mathilde com Paul Bürger e de Gustav Wilh. com Otília Garmatter).

É uma geração já plenamente estabelecida no país e no meio urbano, e é assim que esta diversificação de "portas sociais" pode ser explicada. Por outro lado, tal transformação reforça a afirmação acerca da geração anterior, quando dissemos que os vínculos profissionais foram a primeira porta para integração dos membros da família à cidade e à comunidade germânica.

### 2.1.3. NETOS DE GUSTAV E EMMA (WENDT) STROBEL

A primeira filha de Gustav e Emma Strobels - Clara Emilie, casada com Paul Bürger - teve 5 filhos, dos quais um não sobreviveu e outro (Hans) nunca se casou<sup>27</sup>. No quadro a seguir estão as informações básicas sobre as uniões matrimoniais dos filhos desse casal.

---

<sup>27</sup> Entrevista com Hans Bürger. set/1991.

NOME	IDADE AO CASAR	ORIGEM	CASAMENTO	CONJUGE	IDADE AO CASAR	ORIGEM
Paul Herm. Bürger	28	Curitiba	03.09.1927	Judith Eheke	26 ou 18	Canoinhas
Rudolf Bürger	+/-35	Curitiba	± +/- 1945	Hilda	?	S. Paulo
Heinz Bürger	+/-31	Curitiba	± +/- 1945	Elfriede	?	Alemanha

A noiva de Paul Hermann, Judith Eheke, era filha de Robert e Amélia (Wendt) Eheke. A família era de Canoinhas, mas possuía uma casa em Curitiba. O casamento durou pouco tempo pois Paul Hermann faleceu em 1931, em um acidente.

Rudolf conheceu sua noiva e se casou em São Paulo, para onde foi, ainda solteiro, em busca de trabalho. A moça (Hilda) não era de origem alemã.

Heinz, o filho mais jovem, partiu um pouco antes da Segunda Guerra para a Alemanha e, quando eclodiu o conflito, não pôde mais voltar. Após a guerra ele se casou com Elfriede e ficou morando na Alemanha Oriental.<sup>28</sup>

O segundo filho de Gustav e Emma Strobel - Emilio Ricardo (casado com Emma Koch) - teve 4 filhos, cujas uniões matrimoniais têm seus dados reunidos no seguinte quadro.

---

<sup>28</sup> Entrevista com Hans Bürger e com Hugo Bürger. set/1991.

NOME	IDADE AO CASAR	ORIGEM	CASAMENTO	CONJUGE	IDADE AO CASAR	ORIGEM
Eugen Strobel	26	Curitiba	22.01.1929	Amália S. Fieber	?	Curitiba
Germano Strobel	25	Curitiba	?	Frieda Salfer	?	Joinville
Emil Strobel Jr.	27	Curitiba	17.11.1934	Nair Hatschbach	19	Curitiba
Waldemar S. Strobel	25	Curitiba	16.04.1940	Olinda M. Wischrael	21	Curitiba

A noiva de Eugênio - Amália - era filha de Josef Fieber, que à época do casamento era proprietário de uma panificadora (também residência da família) próxima a residência de parentes de Eugênio.

Tudo que sabemos sobre Frieda Salfer, a noiva de Germano, é que residia em Joinville e que o casal se conheceu e se casou naquela cidade.<sup>29</sup>

Sobre Nair Hatschbach, cônjuge de Emil Rich. Jr, sabemos apenas que era filha de Carlos e Fanny Hatschbach. A família tinha vínculos com os Strobel pois Otília Garmatter, tia de Emil Jr, era casada com Alwin Hatschbach.<sup>30</sup>

A família de Olinda, moça que se casou com Waldemar, o filho caçula, pertencia à comunidade luterana e residia próxima à casa do noivo.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Entrevista com Felix José Strobel, out/1991.

<sup>30</sup> Arquivos SON.

<sup>31</sup> Entrevista com Felix José Strobel, out/1991.

O casal Gustav Wilhem (Otilia Garmatter) Strobel teve quatro filhos. A mais velha, Edith Clara, nascida em 1909, nunca se casou. O filho seguinte - Herbert Erich - faleceu solteiro, aos 48 anos incompletos, depois de sofrer por muito tempo por sua saúde precária<sup>32</sup>. Os dados sobre as uniões matrimoniais dos demais filhos são os seguintes:

NOME	IDADE AO CASAR	ORIGEM	CASAMENTO	CONJUGE	IDADE AO CASAR	ORIGEM
Egon Fried. Strobel	40	Curitiba	28.09.1957	Norma Heisler	?	Curitiba
Gerda Emma Strobel	35	Curitiba	22.04.1958	Nelson Gloor	?	?

A esposa de Egon, Norma Heisler, era filha do proprietário da Joalheria Heisler, família que pertencia à comunidade. Mas o casal se conheceu no litoral, sem a mediação dos pais, inclusive porque, na época, os pais de Egon já haviam falecido.

Nelson Gloor, o marido de Gerda, nasceu em Curitiba, mas seus pais eram da Suíça. Conheceram-se porque Gerda e a irmã de Nelson eram amigas e o casal iniciou o namoro durante uma excursão de marumbinistas na Ilha do Mel.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Entrevista com Edith Clara Strobel. set/1991.

<sup>33</sup> Entrevista com Egon Strobel e com Edith Strobel. set/1991. Marumbinistas é o termo que designa os membros de uma associação que organiza excursões ao litoral e Serra do Mar, no Paraná, sobretudo ao pico Marumbi.

O casal Rudolf (Rosina Osternack) Strobel teve quatro filhos, sendo que um deles - Arthur (1912) - nunca se casou. Os dados dos casamentos dos outros 3 filhos são os seguintes.

NOME	IDADE AO CASAR	ORIGEM	CASAMENTO	CONJUGE	IDADE AO CASAR	ORIGEM
Erwin K. Strobel	23	Curitiba	11.06.1935	Mercedes Egg	23	Curitiba
Érica Strobel	24	Curitiba	12.1941	Nicolau A. Oliveira	31/32	?
Reinaldo Strobel	25	Curitiba	16.06.1949	Dirce Sperandio	17	Curitiba

A noiva de Erwin - Mercedes - era filha de Ferdinand Egg, na época proprietário de um bar (onde a família também morava), próximo à casa de Erwin. Além disso, as famílias tinham relações de amizade.

Érica, a terceira filha, foi a primeira mulher da família Strobel a romper com a endogamia étnica. O casal se conheceu porque Nicolau residia em uma pensão de estudantes em frente à casa de Érica. O casamento se realizou - na Igreja Católica - contra a vontade dos pais da noiva; tanto que Érica rompeu os laços com toda a família, reatando-os somente após o falecimento do marido em 1979.<sup>34</sup>

A noiva de Reinaldo, Dirce Sperandio, era filha de João Sperandio Neto e de Duzolina Valentim, ambos de origem italiana<sup>35</sup>.

<sup>34</sup> Entrevista com Edith Clara Strobel, set/1991.

<sup>35</sup> Arquivos SON.



Ao contrário do que aconteceu à sua irmã, porém, a família de Reinaldo não se opôs ao casamento.<sup>36</sup>

O casal Franz e Bertha (Weigert) Strobel teve 5 filhos, e apenas 1 não sobreviveu até a idade adulta<sup>37</sup>. As principais informações sobre suas uniões matrimoniais são as seguintes:

NOME	IDADE AO CASAR	ORIGEM	CASAMENTO	CONJUGE	IDADE AO CASAR	ORIGEM
Kurt Strobel	?	Curitiba	?	Diva Costa	?	?
Walter Strobel	?	Curitiba	20.12.1947	Nair L. Coutinho	?	Curitiba
Walfried Strobel	?	Curitiba	± +/- 1935	Elisabeth Sersósimo	?	Jacarezinho
Zilda Strobel	31	Curitiba	19.10.1957	Edgar W. Bredow	?	Rio Negro

Sabemos ainda que Walfried Strobel conheceu Elisabete Sersósimo porque foi trabalhar no interior do Paraná (Jacarezinho, ao que tudo indica), onde a moça residia.

Sobre o noivo de Zilda - Edgar Bredow - sabemos também que tinha família em Rio Negro e migrou sozinho para Curitiba.<sup>38</sup>

O casal Friedrich Alwin Strobel e Amália Blitzkow teve apenas uma filha: **Elfie**. Ela se casou em 01 de julho de 1933, aos

<sup>36</sup> Entrevista com Egon Strobel, ago/1991.

<sup>37</sup> Arquivos SON.

<sup>38</sup> Entrevista com Egon Strobel, ago/1991.

20 anos, com Nicolau Klass (na época, com 23 anos)<sup>39</sup>. A família de Nicolau era de São Mateus, mas vivia em Curitiba.<sup>40</sup>

Nesta geração, que abrange casamentos entre 1927 e 1958, se rompeu a endogamia étnica absoluta da família Strobel.

Este dado está em concordância com os obtidos por Nadalin para a comunidade como um todo, e em seus trabalhos, o autor pôde apenas lançar uma hipótese: a de que o crescimento das uniões inter-étnicas nessa comunidade imigrante teve alguma relação com acontecimentos entre 1930 e 1945. Em primeiro lugar, entre 1930 e 1937, devido ao fim da "Grande Imigração" e a regulamentação de uma imigração por quotas. Em segundo lugar, devido a uma sucessão de acontecimentos - a partir do Estado Novo - que fizeram florescer um ambiente ideológico desfavorável à cultura imigrante. Quando, em 1942, o Brasil declara guerra à Alemanha, as pressões sobre as comunidades de origem germânica tornam-se ainda maiores. O abalo final veio com a derrota alemã, que teria colocado a identidade teuto-brasileira em questão - no interior mesmo das comunidades - em virtude da desmistificação do nacional-socialismo e da revelação da natureza genocida do nazismo.<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> Arquivos SON.

<sup>40</sup> Entrevista com Egon Strobel, ago/1991.

<sup>41</sup> NADALIN, S. O. Uma comunidade de origem germânica em Curitiba: demografia e sociedade. In: História: Questões & Debates, ano 8, nº 14, Curitiba:APAH, 1987 p. 139-140.

Assim, vale a pena aprofundarmo-nos nesta matéria, com os dados obtidos na reconstituição da história dos casamentos dessa geração dos Strobel.

Dentre os 17 casamentos, 11 foram endogâmicos e 6 exogâmicos. Em relação aos casamentos endogâmicos, é importante ressaltar uma mudança: dos 10 casamentos sobre os quais pudemos resgatar as condições em que os cônjuges se conheceram, 5 referem-se aos laços de amizade ou de vizinhança das famílias, mas 5 foram decorrentes da iniciativa individual dos noivos, seja porque casaram fora de Curitiba (Heinz Bürger e Germano Strobel - na Alemanha e em Joinville, respectivamente), seja porque já eram mais velhos, o que pressupõe maior independência em relação aos pais (Zilda Strobel, Egon e Gerda Strobel - estes dois últimos com os pais já falecidos na época de seus casamentos).

Mas esta questão fica mais clara se analisarmos as uniões exogâmicas realizadas durante esta geração. Duas delas não se realizaram em Curitiba: Walfried Strobel casou em Jacarezinho, por volta de 1935, com Elisabeth Sersósimo; Rudolf Bürger casou em São Paulo, por volta de 1945, com Hilda. Nesse sentido, pode-se considerar que a distância geográfica desses rapazes, em relação à família e à comunidade, contribuiu para a realização de uniões matrimoniais decorrentes exclusivamente da socialização realizada pelo indivíduo na cidade onde ele passou a residir. Assim é que a manutenção da endogamia étnica nos casamentos de Heinz Bürger e Germano Strobel, também realizados fora de Curi-

tiba, pode ser considerada circunstancial. É que eles migraram para meios sociais que propiciavam o encontro com cônjuges da mesma etnia (Alemanha e Joinville).

Neste sentido, o casamento de Érica Strobel com Nicolau Oliveira, realizado em Curitiba em 1941, ganha relevância. Ele é significativo porque a endogamia foi rompida por uma mulher, e porque esta união sofreu a oposição do grupo familiar de Érica. Se tentarmos conjecturar sobre as razões para tal oposição, descartamos o fato de o noivo não ser de origem alemã nem luterano, uma vez que Reinaldo, irmão de Érica, também casou com uma moça não-germânica e não-luterana. A razão parece estar no fato de Érica ter escolhido para marido um indivíduo que não fazia parte da grande malha de relações sociais em que os Strobel se inseriam.

Este "ato de insubordinação" é muito mais significativo, porém, porque expõe (ao romper com) uma espécie de regra de nupcialidade: aqueles cuja socialização se efetiva enquanto membro de uma família devem manter este princípio no momento da escolha do cônjuge. E isso se torna ainda mais inaceitável quando o rompimento é efetuado por uma mulher: por não construírem uma vida profissional, as mulheres estavam mais condicionadas que os homens à socialização que a família lhes proporcionava. Se para os homens a exogamia parecia mais aceitável é porque, através do trabalho, ele poderia "escapar" dessa sociabilidade familiar, ou ao menos acrescentar a ela a sua sociabilidade individual.

Assim é que, embora os estudos sobre imigração tendam a caracterizar a mulher (o elemento mais conservador) como ponte entre as gerações para a preservação da identidade étnica, pode-se imaginar o caráter muito mais amplo desse papel social feminino: o controle de sua socialização como meio de preservação dos laços comunitários, frequentemente ameaçados a partir do momento em que os elementos masculinos tendem ou são obrigados a sair da cidade ou do seio da comunidade para viabilizar sua vida profissional; ou também devido ao crescimento e variação populacional da cidade. Somente dessa forma se pode explicar o surgimento e a manutenção, na cidade que se urbaniza, de uma comunidade de famílias, identificada pelos vínculos socioeconômicos, profissionais, de vizinhança, de parentesco e, muitas vezes, religiosos entre seus membros.

Pode-se imaginar, igualmente, que enquanto a socialização do jovem se efetiva no interior da comunidade, através de sua família, o indivíduo tende a dar continuidade à endogamia comunitária e, por conseguinte, étnica. Quando ele foge a esse controle, seja por insubordinação (como Érica), seja por contingências profissionais (como ocorreu com os rapazes), o rompimento da endogamia étnica **pode** ocorrer. E mais: é viável "supor" que os casamentos exogâmicos realizados na igreja luterana, com a aprovação da família dos cônjuges (Kurt, Reinaldo e Walter Strobel), tenham sido exogâmicos do ponto de vista da etnia, mas não do ponto de vista da comunidade.

Finalmente, pode-se acrescentar que, se a saída dos rapazes para outras cidades indica - na década de 1930 - o início da ruptura do "princípio comunitário", o caso de Érica revela algo ainda mais relevante: a crescente inviabilidade da idéia da própria cidade enquanto um conjunto de comunidades. No caso em questão, porque em um bairro de classe média marcadamente povoado por descendentes de imigrantes germânicos, se instalara uma pensão de estudantes.

Em resumo, a história de três gerações dos Strobels aponta para uma mudança no tipo de socialização, ao longo do tempo. Das 28 uniões nas três gerações pesquisadas, em 17 pudemos recuperar com relativa precisão as condições sociais que determinaram o encontro dos futuros cônjuges. Os casamentos cujos noivos se conheceram graças às relações sociais entre famílias ocorreram entre 1875 e 1940. Os casamentos cujos cônjuges se conheceram devido à socialização realizada pelos próprios noivos ocorreram entre 1935 e 1958.

Como ficou evidente, a tendência a casamentos decorrentes da socialização realizada pelo indivíduo em substituição aos decorrentes da socialização realizada pela família contribuiu para o surgimento da exogamia, mas também ocorreu nos casos em que a endogamia foi mantida. E esta tendência parece se confirmar se avançamos para a quarta geração Strobels.

Dos 30 casamentos realizados pelos bisnetos de Gustav e Emma (Wendt) Strobels, 19 foram exogâmicos e 11 endogâmicos - do

ponto de vista da etnia (levando em consideração apenas o sobrenome do cônjuge). Levantamos as condições sociais que determinaram o encontro dos cônjuges de alguns desses casamentos, realizados entre 1950 e 1989.

**Hugo Bürger** (filho de Paul Hermann Bürger e Judith Eheke) tinha 2 anos quando seu pai faleceu, foi criado pela mãe em Canoinhas. Judith se casou novamente 3 anos após a morte do marido e teve outros 3 filhos. Hugo Bürger se casou em 1949 com Haydée Annunziato. Eles se conheceram em Guarapuava, quando Hugo lá trabalhava.<sup>42</sup>

**Heidrun Bürger** (filha de Heinz e Elfried Bürger) nasceu, casou e vive na Alemanha.<sup>43</sup>

**Felix José Strobel** (filho de Eugênio Strobel e Amália Fieber) casou em 1956 com Maria do Carmo Brunatto. O namoro teve início em uma festa na Sociedade Thalia. Embora fossem vizinhos, nem eles nem suas famílias conheciam-se até então.

**Edgar Eugênio Strobel** (irmão de Felix) casou em 1961, com Rosely Russo, descendente de alemães por parte de mãe. Os noivos conheceram-se no Clube Concórdia.<sup>44</sup>

**Simone Gloor** (filha de Nelson Gloor e Gerda Strobel) casou em 1987 com Karl Griebeler. Ele é alemão e se conheceram quando

---

<sup>42</sup> Entrevista com Hugo Bürger. set/1991.

<sup>43</sup> Entrevista com Hans Bürger. set/1991.

<sup>44</sup> Entrevista com Felix José Strobel. out/1991.

Simone, em uma viagem de turismo com o irmão, visitou a Alemanha. O casal vive naquele país.

**Carlos Guilherme Gloor** (irmão de Simone) casou pouco tempo depois da irmã, com Rosângela Heiss. Ela era secretária no escritório onde Carlos trabalhava.<sup>45</sup>

**Eni Alvim Oliveira** (filha de Nicolau Alvim Oliveira e Érica Strobel) casou em 1989 com Carlos Alberto Barroso. Eles se conheceram no local onde trabalham.<sup>46</sup>

Esta geração só vem confirmar a tendência da anterior, qual seja, a da consolidação do individualismo na construção da sociabilidade, quando a endogamia ou a exogamia étnica tornam-se puramente circunstanciais.

Nas palavras de Viveiros de Castro & Benzaquem de Araújo, o que emerge é:

uma concepção particular das relações entre indivíduo e sociedade, estando subordinada a uma imagem básica da cultura ocidental - a do indivíduo liberto dos laços sociais, não mais derivando sua realidade dos grupos a que pertença, mas em relação direta com um cosmos composto de indivíduos, onde as relações sociais valorizadas são relações interindividuais.<sup>47</sup>

Acreditamos que esta espécie de "retorno" à idéia de vida comunitária - observada para as primeiras gerações dos Strobel no

---

<sup>45</sup> Entrevista com Edith Clara Strobel. set/1991.

<sup>46</sup> Entrevista com Érica Strobel Oliveira. ago/1991.

<sup>47</sup> VIVEIROS DE CASTRO & ARAÚJO. Romeu e Julieta e a origem do Estado. In: VELHO, Gilberto. *Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977



Brasil - esteja diretamente relacionada à própria situação de imigração.

Isto porque, durante o período em que a família Strobel conseguiu efetivar tal forma de sociabilidade (do final do século XIX até a década de 1930) é exatamente a época - segundo os estudos historiográficos - que a cidade de Curitiba se urbaniza e se moderniza. A lógica do processo, assim, deveria ser uma concomitante modernização (individualização) das relações sociais.

De qualquer forma, Anthony Wrigley<sup>48</sup>, ao escrever sobre as pressões da transição de uma sociedade tradicional para uma industrial, já refutou a idéia comumente aceita de que esse processo destruiu um tipo de família mais antiga, que funcionava como uma unidade de reprodução, produção, consumo, **socialização**, educação e, em alguns casos, prática religiosa e atuação política. Para Wrigley, existem boas razões para se acreditar que a relação entre modernização e industrialização seja contingente, ao invés de necessária, bem como supor que nos primórdios da industrialização, seus progressos, em muitos aspectos, tendem a retardar em vez de acelerar a modernização.

O autor observa que imigrantes urbanos, por exemplo, costumam enfrentar uma série de dificuldades econômicas e uma grande insegurança no novo ambiente se comparada à situação enfrentada pelos membros de uma economia camponesa estável, que têm posse

---

<sup>48</sup> WRIGLEY, E. Anthony . Reflexions on the history of the family. IN: Daedalus, 106(2): 71-85, Spring, 1977.

livre de terra ou um arrendamento, comumente garantido. Em circunstâncias desse tipo, uma rede de relações informais com parentes e vizinhos pode ser o único recurso contra desastres. Na Europa Ocidental - palco de transferência maciça de populações do campo para as cidades - o autor considera que somente no final do século XIX um "comportamento racional" se disseminou. Isso porque nesse período as rendas reais começaram a aumentar de forma consistente e o Estado assumiu algumas responsabilidades para a provisão de educação e assistência.

Esta tese de Wrigley, acredito, pode explicar as mudanças do comportamento matrimonial dos Strobels, ao longo do tempo - e provavelmente de outras famílias imigrantes. Mas a observação de Altiva Balhana, associando as tendências endogâmicas dessas populações às expectativas da sociedade receptora<sup>49</sup>, talvez ajude a completar nossa análise: os estudos sobre a imigração já revelaram que, em Curitiba, os imigrantes, principalmente os alemães, irão formar a classe média urbana (ainda que bastante diversificada)<sup>50</sup>. Estabelecendo-se em uma sociedade rigidamente estratificada e marcada pela escravidão, parece pertinente supor que a endogamia matrimonial encontrada entre imigrantes e seus descendentes tem, também, muito de endogamia de classe. E este comportamento apresenta-se ainda mais reforçado enquanto, entremeando-o,

---

<sup>49</sup> Ver nota 2 deste capítulo.

<sup>50</sup> Sobre esta questão ver capítulo 3 de: SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Brasília: Editora UnB, 1990.

existe um padrão de vida comunitária interferindo nas relações interindividuais.

Mas se assim é, como explicar a frouxa endogamia matrimonial entre as populações de origem polonesa e germânica católica estudadas, respectivamente, por Wachowicz e Ranzi?<sup>51</sup> Uma vez que esses dois estudos demográficos mais quantificam do que qualificam os padrões matrimoniais, é possível apenas identificar hipóteses.

1) Como ambos os trabalhos levantam dados de igrejas católicas, pode-se supor que:

- a) A catolicidade (e por paralelismo, o protestantismo) teve certa influência no tipo de socialização das famílias.
- b) Embora um decreto de 1861 tenha reconhecido a validade dos casamentos evangélicos, a legislação previa que os casamentos mistos continuavam sob o exclusivo domínio católico romano. Assim, é evidente que as paróquias católicas celebraram muito mais casamentos inter-religiosos (e inter-étnicos) do que as igrejas luteranas.

2) No caso da Colônia Abranches (em comparação com a colônia de Santa Felicidade), o grande número de casamentos de outros grupos (36% para o período 1951-60) revela uma comunidade já há muito habitada por outras etnias (inclusive população de origem lusó-brasileira) além da polonesa. Em decorrência ou pela convi-

---

<sup>51</sup> Conforme apresentamos no início deste capítulo.

vência, é um espaço propício à realização de um maior número de casamentos inter-étnicos (40% para o período 1951-60).

## 2.2. A ESCOLHA DA PROFISSÃO

A importância econômica da população imigrante, que a partir do século XIX se estabeleceu no Sul e no Sudeste do Brasil, tem sido preocupação de grande número de pesquisadores. Sobre esta questão, Seyferth afirmou que os imigrantes ...

... em grande parte acabaram preenchendo os espaços não-preenchidos na estrutura ocupacional brasileira tradicional. Nesses espaços destacam-se a diversificação da atividade artesanal, o pequeno comércio, [...], a pequena empresa industrial [...]<sup>52</sup>

Giralda Seyferth observa, ainda, que atividade artesanal desenvolvida por imigrantes deu origem a pequenas empresas industriais de base familiar, fato que permitiu a inúmeros pesquisadores (como Wilhems e Diegues Jr.) atribuir ao artesanato a responsabilidade pela industrialização das áreas, com forte predomínio de população de origem imigrante. E mais, esse "mito" acabou fortalecido pelas biografias de alguns industriais imigrantes bem sucedidos e pela ideologia do "vencer pelo trabalho" ou do "progresso pelo esforço próprio"<sup>53</sup>. Segundo a autora,

---

<sup>52</sup> SEYFERTH, G. op. cit. p.63.

<sup>53</sup> Ibid p. 40-41.

Se industrialização houve é porque ocorreram condições favoráveis no país, além do sucesso da imigração, a partir de determinada época (mais precisamente a partir do advento da República). Sem essas condições, nem imigrantes, nem outros, fariam a industrialização.<sup>54</sup>

Para ela, portanto, o que distingue os imigrantes na sociedade brasileira é o fato de, em parte, terem se tornado pequenos produtores independentes, a maioria se concentrando na classe média. Nas cidades, muito poucos dos que se transformaram em grandes empresários capitalistas foram anteriormente artesãos, outros se estabeleceram como pequenos comerciantes, artesãos e pequenos empresários, inclusive das "indústrias de fundo de quintal", formando a classe média urbana. A maior parte veio engrossar a camada de proletários como mão-de-obra não-especializada na grande indústria em formação. Em contraposição à idéia do artesanato como embrião da grande indústria brasileira, Seyferth afirma que a associação entre o surto industrial das vilas e cidades e o artesanato é bem mais simples: os artífices tornaram-se operários especializados na indústria; as oficinas de artesãos não se transformaram necessariamente em fábricas, embora sempre possam ser apontadas exceções.<sup>55</sup>

Tais colocações, no entanto, não devem ocultar o peculiar papel do imigrante e de seus descendentes nas transformações da economia brasileira. Os estudiosos da imigração no Paraná, por exemplo, anotaram a grande participação de imigrantes alemães e,

---

<sup>54</sup> Ibid p. 41.

<sup>55</sup> Ibid p. 40-43.

em menor grau, italianos e outros, no processo de desenvolvimento industrial não só como operários especializados, mas também como pequenos e grandes empresários. As pequenas empresas industriais de Curitiba, no final do século XIX, pertenciam, na maior parte, a imigrantes ou filhos de imigrantes. O comércio recebeu grande impulso com a imigração e pode-se dizer que em Curitiba, no início do século XX, os teuto-brasileiros tinham preponderância nesta atividade.<sup>56</sup>

Esses (e outros) trabalhos tiveram por objetivo avaliar a contribuição imigrante no processo de modernização e diversificação econômica do Estado e de sua capital. Foram pesquisas que procuraram vincular a vida profissional dessas populações a tradições culturais de suas respectivas etnias e a condições socioeconômicas específicas. Não poderiam - e nem tinham tal objetivo - analisar as profissões e ocupações dessas populações enquanto parâmetros de medida do grau e da natureza da integração de indivíduos a um meio social. Nos estudos sobre a sociedade paranaense, esta ainda é uma questão em aberto, mas acreditamos que o acompanhamento da trajetória de uma única família de imigrantes talvez possa lançar alguma luz sobre o tema. Para isso, devemos retornar à biografia das gerações dos Strobel, acrescentando mais algumas informações, agora sobre a vida profissional de seus membros.

---

<sup>56</sup> Ver: MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná* 2.ed. São Paulo: T.A. Queiróz Editor. 1989. NADALIN, Sérgio O. *Processo de modernização do Brasil*, dez. 1972, mimeo. WESTPHALEN, Cecília M.

### 2.2.1. FILHOS DE CHRISTIAN E CHRISTINE STROBEL

Dessa primeira geração, que desenvolveu sua vida profissional, grosso modo, entre as décadas de 1860 e 1890, não pudemos descobrir a profissão dos genros de Christian Strobel. Mas no que se refere a **Friedrich Wilhem Illing**, casado em 1875 com a filha mais velha do casal (Emilie Bertha), existe a possibilidade de que sua vida profissional tenha estado ligada à do sogro ou que tenha sido iniciada sob a proteção deste, já que o casal se estabeleceu em São José dos Pinhais (todos os seus filhos nasceram naquela cidade)<sup>97</sup>, localidade onde Christian Strobel mantinha uma chácara.

Sabemos, contudo, que os filhos homens de Christian Strobel seguiram a profissão do pai. Além de revelar que, nesta geração, a família exercia um papel importante na determinação da vida profissional dos filhos - da mesma forma que exercia influência na escolha do cônjuge - esta informação indica, igualmente, que a profissão de carpinteiro de formação germânica encontrava, em Curitiba, uma conjuntura ainda favorável, tal como no tempo de seu pai.<sup>98</sup>

Os testemunhos de época reiteram esta indicação. Bigg Witter, entre suas visitas à Curitiba (1872 e 1873), notou o pro-

---

<sup>97</sup> Arquivos SON.

<sup>98</sup> Conforme destacamos no capítulo 1.

gresso da cidade, com novas construções<sup>59</sup>. Nestor Victor, em 1912, após 17 anos de ausência (portanto desde 1895), comentou que a cidade havia mudado muito o seu estilo arquitetônico, pois até a sua saída ainda predominava a influência dos mestres-de-obra alemães e, na virada do século, a arquitetura de inspiração italiana (mais leve) começou a ganhar terreno.<sup>60</sup>

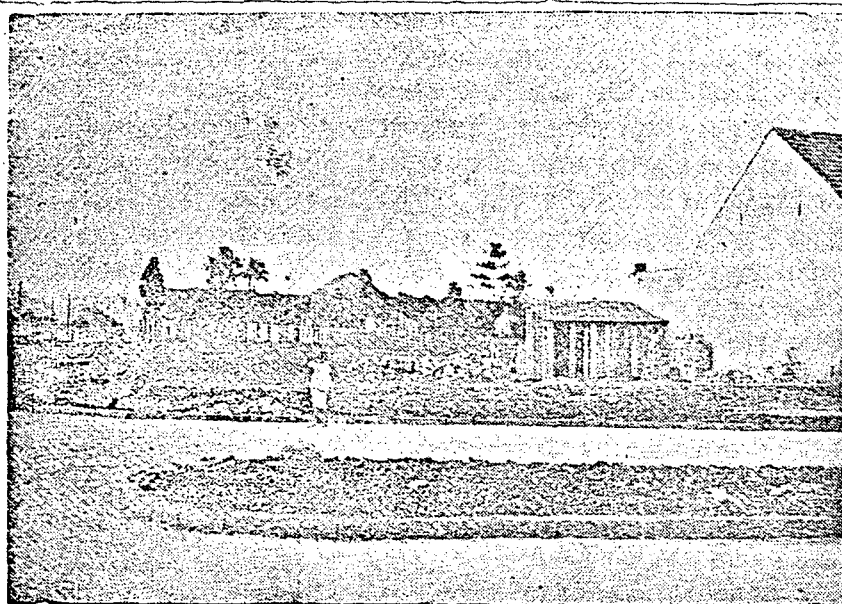
No caso de Gustav isso pode ser perfeitamente comprovado pois, como carpinteiro ele pôde criar e encaminhar profissionalmente seus descendentes, viajar duas vezes para a Alemanha e financiar estudos de um de seus filhos naquele país. Além disso, a própria condição econômica da família teve ascensão considerável, se tomarmos como base as fotografias que mostram as duas residências em que viveram - reproduzidas na próxima página.

---

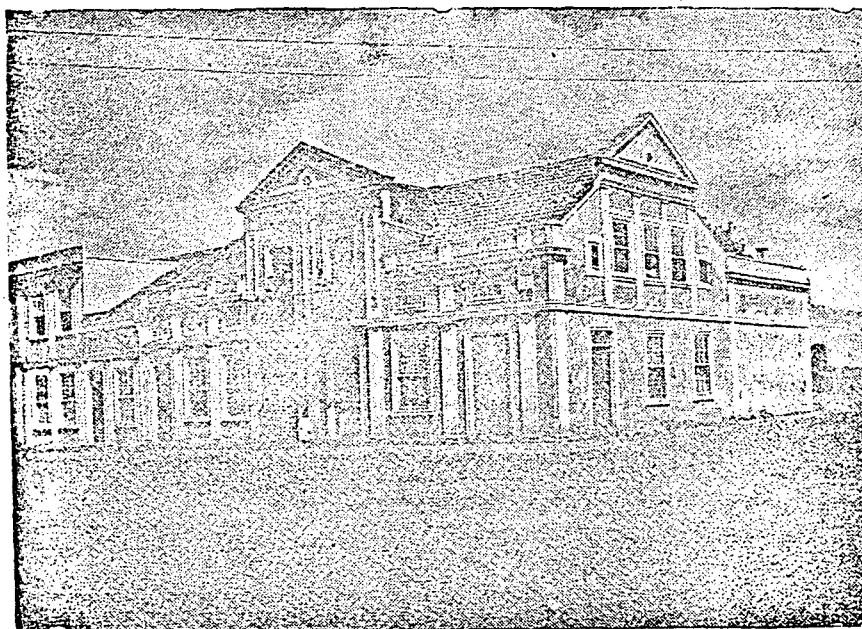
<sup>59</sup> BIGG WITHER, Thomas. Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná; três anos em suas florestas e campos, 1872/1875. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. p. 323.

<sup>60</sup> VICTOR, Nestor. A terra do futuro. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio. 1918. p. 113-115.





*Av. Visconde de Guarapuava esquina com Frei Caneca. Ao flundo, casa de madeira onde nasceram os filhos de Gustav Hermann Strobel.*



*Casa de Gustav H. Strobel à Rua André de Barros esquina com Travessa Frei Caneca.*

### 2.2.2. FILHOS DE GUSTAV E EMMA (WENDT) STROBEL

**Paul Bürger**, casado em 1898 com a filha mais velha de Gustav, veio da Prússia Oriental, onde estudou para ser professor de escola primária. Em Curitiba foi trabalhar como professor da Escola Alemã, transferindo-se, sucessivamente, para Porto Alegre, Ponta Grossa, Castro e novamente Curitiba, até que as escolas alemãs foram fechadas, em 1918. Paul Bürger, então, passou a dar aulas particulares, e no fim de sua vida profissional tornou-se funcionário da Rede Ferroviária Federal S/A, na contabilidade - emprego indicado por um engenheiro de suas relações.<sup>61</sup>

O segundo filho, **Emil Richard** (casado em 1902), seguiu a profissão do pai, do tio e do avô: possuía uma oficina de carpintaria e também realizava construções.

**Gustav Wilhem**, casado em 1908, aprendeu o ofício de alfaiate com um amigo de seu pai - Anton Pospissil - e ainda solteiro foi para a Alemanha (Leipzig), para aprimorar-se na profissão. Exerceu este ofício por alguns anos e, por problemas de saúde, teve que abandoná-lo. Fez curso de contador e escriturário e trabalhou com o cunhado no açougue Garmatter (propriedade da família de sua esposa). Em 1919, Gustav Wilhem tornou-se um dos sócios da casa Leutner - comércio de fazendas, armarinhos, artigos para homens e alfaiataria. Esta casa comercial foi fundada em aproximadamente 1900, por Konrad Leutner e Florêncio Kind, ambos vindos da Alemanha. Em 1921 esta sociedade já estava alterada: os

---

<sup>61</sup> Entrevista com Hans Bürger, set/1991.

sócios então eram Gustav Wilhem Strobel, Konrad Leutner e Hilário Soffiatti. Em aproximadamente 1928 Konrad Leutner retirou-se e a família Meister entrou na sociedade. Mas foi por apenas alguns anos, pois em aproximadamente 1932 Gustav Wilhem se tornou o único proprietário. Alguns anos depois incluiu seus dois filhos homens como sócios.

**Rudolf Strobel**, casado em 1910, iniciou sua vida profissional como empregado da casa comercial de Carlos Cornelsen, um imigrante alemão primeiro estabelecido em São José dos Pinhais (onde iniciou relações de amizade com os Strobel) e depois em Curitiba (nos anos de 1880). Mais tarde Rudolf abriu uma loja de secos e molhados e, tempos depois, estabeleceu-se como proprietário de uma casa de tintas e materiais de construção.

**Franz Strobel**, casado em 1911, ajudava o pai em serviços de carpintaria. Após sua união com Bertha Weigert, no entanto, foi trabalhar com o sogro, proprietário de uma chácara com moinho no Barigüi e de uma loja próxima ao Largo da Ordem. Em 1921 ele era sócio dos cunhados Maurício e Alfredo Weigert neste mesmo empreendimento.

O filho caçula, **Friedrich Alwim** (também casado em 1911), faleceu ainda muito jovem, dois anos após o seu casamento. Até

viajar para a Alemanha, onde faleceu, foi morar e trabalhar com o sogro, em uma chácara no Barigüi.<sup>62</sup>

Como se pôde observar, nesta geração - que desenvolveu sua vida profissional, grosso modo, entre as décadas de 1890 e 1930 - ocorreu uma "diversificação profissional" no interior da família. A carreira dos indivíduos sofreu influência não apenas do pai (Emil Richard), mas também da família das esposas (Franz e Friedrich) e das amizades de seus familiares (Gustav Wilhem e Rudolf). O genro de Gustav Hermann manteve a profissão aprendida na Alemanha.

Tal "diversificação" pode revelar uma certa "saturação" do mercado da carpintaria na cidade e/ou uma conjuntura econômica mais favorável ao comércio. De fato, este comportamento acompanha a tendência geral dos estudos sobre a cidade, os quais apontam, para o período, uma intensa diversificação das atividades econômicas com expressiva participação da população de imigrantes e seus descendentes.<sup>63</sup>

Por outro lado, tal comportamento revela que, assim como ocorreu na escolha do cônjuge, a escolha da profissão esteve vinculada a uma rede social mais alargada. Este é, evidentemente, um movimento natural, decorrente da própria passagem do tempo de es-

---

<sup>62</sup> Entrevista com Egon Strobel, ago/1991. A informação sobre a sociedade entre Gustav Wilhem Strobel, Konrad Leutner e Hilário Soffiati foi obtida nos Arquivos da Junta Comercial do Paraná (Cecília Westphalen, ficha de 01-01-1921). a informação sobre a sociedade entre Franz Strobel e seus cunhados foi obtida nos mesmos arquivos (ficha de 12-05-1921)

<sup>63</sup> Ver: LUZ, Regina. *A modernização do empresariado paranaense*. Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR, p. 9-10.

tabelecimento dos Strobel na cidade, mas ele vem reforçar a hipótese de uma sociabilidade inteligível apenas se pensada em termos de relações comunitárias mediadas pela família. Por seu turno, a afinidade profissional e socioeconômica dos imigrantes - e sua distância social em relação a população de origem luso-brasileira (que, à época, compunha comumente as classes alta e baixa da cidade) - contribuiu, tal como ocorreu na escolha do cônjuge, para que esse comportamento se expressasse pela existência, puramente, de vínculos étnicos.

Mas há aqui uma diferença importante: se nesta geração os casamentos permaneceram endogâmicos, em relação a vida profissional já aparece um rompimento. No caso, a sociedade comercial entre Gustav Wilhem Strobel e Konrad Leutner com Hilário Soffiatti. Essa associação só vem corroborar o que até aqui foi dito, pois demonstra a afinidade profissional e socioeconômica de uma parcela dos imigrantes de uma maneira geral (principalmente alemães e italianos), afinidade que - ao contrário do casamento - se revela mais precocemente, uma vez que independe ou não é interdita por impedimentos religiosos.

### 2.2.3. NETOS DE GUSTAV E EMMA (WENDT) STROBEL

O casal Paul (Clara Strobel) Bürger criou quatro filhos.

O mais velho - **Paul Hermann** (casado em 1927) - teve seu primeiro emprego em uma casa comercial de José Hauer. Após o casamento, no entanto, foi morar e trabalhar em Canoinhas, onde o

seu sogro possuía uma fazenda com serralha e produção de erva-mate. Paul Hermann faleceu em 1931 em um acidente, durante o trabalho.

**Hans Bürger**, nascido em 1906, foi o primeiro celibatário da família. Ele começou a trabalhar por volta dos 15 anos, em um emprego conseguido por seu pai na União Comercial, limpando e arrumando os utensílios da loja. Ao mesmo tempo Hans estudou contabilidade na escola noturna (Escola Técnica do Comércio) e, depois de formado, foi exercer o ofício de guarda-livro e contador nesta mesma casa comercial, de propriedade de um judeu-alemão e de Benjamin Zilli. Depois desse tempo Hans tentou montar seu próprio negócio com um sócio (fretes com caminhão), mas o empreendimento não foi bem sucedido. Foi nesse momento que seu primo Emil Strobel Jr., que trabalhava no Banco Alemão Transatlântico, conseguiu um emprego para Hans nesta instituição. Em 1941, quando o banco foi fechado, Hans passou a trabalhar na fábrica de brinquedos Seiler, de propriedade de Guilherme Seiler. Tempos depois a fábrica foi vendida para uma "firma italiana de São Paulo" (do ramo gráfico), mas Hans continuou a trabalhar nela até se aposentar, com mais de 40 anos de serviço.

**Rudolf Bürger**, casado em 1945, com cerca de 35 anos, começou a trabalhar em uma casa de modas da Rua XV (onde hoje está a Casa Kalú). Depois de muitos anos neste emprego ele resolveu tentar melhor oportunidade em São Paulo. Acabou empregado como foguista em um navio norueguês e, por muitos anos, viajou conhe-

cendo a Argentina, o Uruguai e o Norte do Brasil. Quando Getúlio Vargas regulamentou a navegação de cabotagem dando 'direito apenas ao Loyd Brasileiro, Rudolf se empregou em uma "fábrica de Raio X", em São Paulo. Após o seu casamento, transferiu-se para Goiânia, para trabalhar com um tio de sua esposa. Dois anos depois, sem qualquer recurso, Rudolf voltou para Curitiba (após mais de dez anos de ausência) e empregou-se numa empresa de eletrificações (Zatt). Em seguida, seu irmão Hans arranhou-lhe uma colocação nos escritórios da fábrica de brinquedos Seiler. Rudolf manteve-se nesse emprego por apenas 2 ou 3 anos e passou a trabalhar por conta própria, no ramo de representações.

**Heinz Bürger**, o filho caçula, nascido em 1914, teve sua trajetória de vida alterada um pouco antes da II Guerra Mundial. O diretor da Sociedade Técnica Bremense (amigo de um seu tio), firma com matriz em São Paulo e em Bremer, convidou-o para ir à Alemanha a fim de aperfeiçoar-se na área comercial. Quando eclodiu a guerra Heinz não pôde mais voltar e após o conflito ficou morando na Alemanha Oriental. Para sustentar sua família Heinz se tornou tradutor de portugueses.<sup>64</sup>

O casal Emilio Richard Strobil - Emma Koch, teve quatro filhos.

**Eugênio**, o mais velho, casado em 1929, formou-se em contabilidade e quando casou foi trabalhar com o sogro no armazém

---

<sup>64</sup> Todas as informações deste item foram obtidas na entrevista com Hans Bürger, set/1991.

deste. Durante a Revolução de 1930, o empreendimento faliu e Eugênio se empregou - por cerca de 3 anos - como gerente de uma serraria em São Miguel (próximo a Irati-PR). A seguir ele foi contratado como contador da fábrica de palhões de um seu tio, em Guajuvira-PR (Felix Koehler-Asseburg, casado com uma irmã de sua mãe). Após 2 anos naquela cidade, Eugênio voltou para Curitiba e passou a trabalhar (por 6 ou 7 anos) na loja Prosdócimo (conserto e vendas de peças de bicicletas). Em 1940, aproximadamente, abriu a Casa Sans Souci, em sociedade com Bernardo Mayer. Esta casa comercial funcionou até cerca de 1960 e foi fechada devido à falta de interesse dos filhos de Eugênio em dar continuidade ao empreendimento. A seguir ele adquiriu uma pequena fábrica de cabides que pertencia a Otto Koch (irmão de sua mãe), mas vendeu algum tempo depois.

**Germano**, que também se casou na mesma época de seu irmão, tornou-se representante comercial e viajante. Mais tarde ele exerceu o ofício de rádio-técnico e sua esposa, Frieda Salfer, era costureira.

**Emil Richard Jr.**, nascido em 1907, era funcionário do Banco Alemão Transatlântico. Após o seu casamento, em 1934, passou a trabalhar com o sogro, na firma de representações deste.

**Waldemar**, o filho mais jovem do casal Strobel-Koch (nascido em 1914), tornou-se contador e trabalhou por muitos anos



na Souza Cruz. Mais tarde optou pelo ramo da representação comercial, aposentando-se nessa profissão.<sup>65</sup>

O casal Gustav Wilhem (Otília Garmatter) Strobel teve quatro filhos.

A mais velha, **Edith Clara** (nascida em 1909), nunca se casou e sempre trabalhou com a família na Casa Leutner. O mesmo ocorreu com seus irmãos **Herbert Erich** (nascido em 1913) e **Egon Friedrich** (nascido em 1916), que se tornaram sócios do pai e, depois da morte deste (em 1936), passaram a dirigir os negócios. Os irmãos tiveram outros sócios ao longo do tempo em que a Casa Leutner funcionou (até 1980): primeiro Inácio Falks (um funcionário da loja, descendente de poloneses), um senhor, citado nos depoimentos apenas como Faraco<sup>66</sup> e, finalmente, **Nelson Gloor**. Este é cunhado de Herbert e Egon desde 1958, quando se casou com Gerda Emma, a caçula. Antes de entrar nesta sociedade, por ocasião de seu casamento, Nelson Gloor era funcionário da Casa Nickel.<sup>67</sup>

O casal Rudolf (Rosina Osternack) Strobel teve quatro filhos.

---

<sup>65</sup> Todas as informações deste item foram obtidas na entrevista com Félix José Strobel, out/1991.

<sup>66</sup> Provavelmente Ernani Faraco, ligado à comunidade germânica da cidade, pois foi diretor social do Clube Concórdia (NADALIN).

<sup>67</sup> Entrevista com Egon Strobel, ago/1991, e com Edith Clara Strobel, set/1991.

O mais velho - **Erwin** - casado em 1935, sempre trabalhou com o pai na casa de tintas e materiais de construção, continuando nesta atividade mesmo após o casamento. Seus irmãos **Arthur Ernst** (nascido em 1912), que nunca se casou, e o caçula **Reinaldo** (nascido em 1923 e casado em 1949), também permaneceram trabalhando no comércio da família.

O genro de Rudolf - **Nicolau Oliveira** - que em 1941 se uniu a Érica contra a vontade da família, formou-se químico farmacêutico e trabalhou na Saúde Pública e na Polícia Técnica até sua aposentadoria.<sup>68</sup>

O casal Franz e Bertha (Weigert) Strobel criou quatro filhos, mas não conseguimos obter dados acerca da vida profissional de **Kurt Robert** e **Walter** (filhos), e de **Edgar Bredow** (genro).

O quarto filho, **Walfried** (nascido em 1922), formou-se em Agronomia e foi trabalhar no interior do Paraná - Jacarezinho provavelmente - onde se casou.

O casal Friedrich Alvin (Amália Blitzkow) Strobel teve apenas uma filha. **Elfie** - criada pela mãe e pelo padrasto. O marido de **Elfie**, **Nicolau Klass** (nascido em 1909), deu continuidade aos negócios do pai - **Arnold Klass**, proprietário de fazenda em São Mateus e de uma fábrica de pregos e parafusos em Curitiba.<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> Entrevista com Érica Strobel Oliveira. ago/1991.

<sup>69</sup> Todas as informações deste item foram obtidas na entrevista com Egon Strobel. ago/1991.

Esta geração - que desenvolveu sua vida profissional entre as décadas de 1920 e 1970 - realizou alterações ainda mais profundas na composição profissional da família de uma maneira geral. Dos 17 indivíduos sobre os quais foi possível recuperar informações (entre filhos e genros), dois deram continuidade aos negócios dos sogros, cinco deram continuidade aos negócios dos pais e nove dedicaram-se a profissões independentes da família, seja como assalariados ou em profissões autônomas. Ocorre, portanto, a exacerbação da tendência ao individualismo como base da socialização, tendência já observada no que tange à escolha de cônjuge.

Mas há um pormenor nesse processo: os indivíduos da segunda geração que não herdaram a profissão do pai fizeram uso da sociabilidade familiar a fim de desenvolverem uma profissão (amigos, vizinhos e parentes). Já seus descendentes tiveram um comportamento muito mais "moderno": a escola (sobretudo o curso de contabilidade). Essa mudança reforça a tese de Wrigley, citada na primeira parte deste capítulo, de que a inexistência ou a escassez de instituições formais de profissionalização contribui para o estreitamento de laços comunitários, e vice-versa.

A despeito dessa impessoalização do "ensino", a história dos indivíduos da terceira geração revela que suas vidas profissionais foram construídas através de um misto de relações que denotam a existência, ainda, de uma certa solidariedade comunitária.

ria, mas também o crescimento de um tipo de sociabilidade marcada pela impessoalidade e pelo relacionamento inter-individual. Por essa razão vale a pena resgatar a história da vida profissional de alguns dos indivíduos da quarta geração dos Strobel, e avaliar de que forma elas foram orientadas.

O filho de Paul Hermann Bürger e Judith Eheke - **Hugo Bürger** - nascido em 1929, tinha dois anos quando o pai faleceu. Sua mãe voltou a se casar e Hugo foi criado em Canoinhas, com os demais irmãos, filhos da segunda união. Ele estudou por alguns anos em Curitiba e no Rio de Janeiro. Em 1948, quando a mãe e o padrasto viviam em Ponta Grossa, Hugo veio para Curitiba quando trabalhou no Banco Comercial. Em 1949 foi para Guarapuava (para o mesmo banco). Tempos depois passou a administrar a serraria do padrasto, mas logo desistiu e empregou-se em um escritório de contabilidade em Guarapuava. Em 1963 veio para Curitiba, trabalhar na indústria de madeira Zaniolo. Ficou neste emprego até 1972 e então transferiu-se para uma empresa agro-florestal do grupo Bozano-Simonsen. Seus filhos (quinta geração), nascidos em 1953 e 1959, são, respectivamente, analista sênior do Boticário e funcionário da Petrobrás.<sup>70</sup>

**Felix José Strobel** (filho de Eugênio Strobel e Amália Fieber), nascido em 1930, frequentou a Escola de Química Industrial da UFPR, formando-se em 1953. Após a criação do curso de Engenha-

---

<sup>70</sup> Entrevista com Hugo Bürger, set/1991.

ria Química ele fez adaptação e em 1955 formou-se engenheiro. Desde os 14 ou 15 anos trabalhou com o pai na Casa Sans Souci e depois de formado empregou-se na Alba Química, onde ficou até sua aposentadoria. Atualmente dá assistência técnica para empresas, como autônomo, e é conselheiro do Conselho Regional de Química. Seus filhos (quinta geração), nascidos em 1958, 1960 e 1964, são, respectivamente, engenheiro civil proprietário de construtora, engenheiro mecânico e fonocardiologista.

**Edgar Eugênio Strobel** (irmão de Felix), nascido em 1935, também trabalhou com o pai e depois tornou-se representante comercial.

**Nelson Strobel** (filho de Germano Strobel e Frieda Salfer) é professor na UFPR. Seu irmão **Orlando** é engenheiro civil e professor, sua irmã **Eliane** era modelo e manequim, casada com Vinícius Coelho - jornalista.

**Ronald Strobel** (filho de Emil Strobel Jr. e Nair Hatschbach), nascido em 1935, empregou-se nas lojas Hermes Macedo e Prosdócimo, na IBM, até se tornar um alto funcionário da SERPRO. É formado em economia mas exerce a profissão de analista de sistemas. Suas irmãs **Carmem Silvia** (nascida em 1938) e **Vivian** são casadas com representantes comerciais.

**Roberto Strobel** (filho de Waldemar Strobel e Olinda Wischrael) fez curso de administração mas deu continuidade à firma de representações do pai. Sua irmã **Marli** casou-se com um dentista.

**Daisy** (filha de Erwin Strobel e Mercedes Egg), nascida em 1936, é casada com Carlos Alberto Moro, advogado. Sua irmã **Marisa** é casada com um proprietário de ótica.<sup>71</sup>

**Eni Oliveira** (filha de Nicolau Oliveira e Érica Strobel), nascida em 1951, é engenheira química e especialista em informática. Trabalha no Instituto de Pesquisas Espaciais, em São José dos Campos. Seu irmão **Renato** (nascido em 1956) é formado em administração e cuida dos negócios da família.<sup>72</sup>

**René**, o filho mais velho de Reinaldo Strobel e Dirce Sperandio, é proprietário de um restaurante na Praça da Ordem.<sup>73</sup>

Esta "amostra" de indivíduos da quarta geração parece suficiente para atestar um direcionamento das carreiras a partir de diploma universitário e em empregos em grandes empresas ou em órgãos do governo e estatais. Poucos (Roberto Strobel, Renato Oliveira e talvez René Strobel) direcionaram suas vidas profissionais em ligação com os seus genitores.

Tudo o que foi discutido neste capítulo permite-nos constatar que os processos de individualização das relações sociais observados na escolha do cônjuge e da profissão estão intimamente ligados. Se em um primeiro momento a independência na escolha do cônjuge esteve vinculada à realização de uma vida profissional

---

<sup>71</sup> Entrevista com Félix José Strobel. out/1991.

<sup>72</sup> Entrevista com Érica Strobel Oliveira. ago/1991.

<sup>73</sup> Entrevista com Félix José Strobel. out/1991.

geograficamente afastada da família e da comunidade, ao longo do tempo o fenômeno se generalizou, atingindo mesmo os cônjuges que permaneceram na cidade. O que estes dados parecem revelar é uma, também crescente, complexificação das relações econômicas e sociais na cidade e uma conseqüente mudança na lógica convivencial, onde o espaço da sociabilidade torna-se cada vez mais preparado para receber o indivíduo - genérico e impessoal.

Se esta "descomunitarização" é uma decorrência da diversificação econômica e da modernização, no caso de Curitiba levadas a cabo, em grande parte, pelos imigrantes e seus descendentes, é também verdade que ela atingiu todas as grandes e médias cidades brasileiras - e até as pequenas - com ou sem população imigrante. Seja ela decorrente da industrialização ou de um crescente movimento populacional (país/país, cidade/cidade, campo/cidade), a tal ponto que a referência histórica do indivíduo (origem familiar, cidade natal, raízes culturais) aos poucos perdeu o sentido, por certo a desagregação da vida comunitária tem implicações marcantes no que diz respeito às funções e à "idéia" de família, e promove alterações ainda maiores na teia de laços que unem os membros familiares. Este é o tema do próximo capítulo.

### 3. A FAMÍLIA E O IMPACTO DA IMIGRAÇÃO

Um dos mais fecundos campos de investigação da historiografia têm sido os estudos sobre a família ocidental. Neles, procura-se destacar os mais variados aspectos acerca das estruturas econômica, demográfica e psico-sociológica da família, alguns detendo-se na análise das diversas funções dessa instituição ao longo de tempo, outros na grande gama de relações e laços intra-familiares.

São trabalhos que procuram compreender o processo de individualização das relações sociais - cuja datação do início os autores nem sempre concordam - que determinou a constituição do individualismo afetivo, expresso na família contemporânea nuclear, intensamente centrada em si mesma, unida emocionalmente e orientada para os filhos.

Alan MacFarlane encontra a origem dessa trajetória a partir do momento em que a unidade mínima de produção e consumo deixa de ser a família e passa a ser o indivíduo. O autor acrescenta que, nesta condição, o indivíduo só pode expandir-se de uma maneira, em direção à outra pessoa, através do casamento. Dessa



forma, a união marido/mulher é enfatizada. Há menores obrigações com parentes e concentração nos filhos.<sup>1</sup>

O autor defende a tese de que este modelo - ou pelo menos suas premissas básicas - remonta ao século XII ou antes, mas não está seguro de que modo o sistema funcionou como um conjunto de instituições interligadas e de quando emergiu, na Inglaterra, para mais tarde se expandir para todo o mundo ocidental.<sup>2</sup>

Entretanto a maior parte dos pesquisadores atribui o desencadeamento desse processo à crescente interferência do Estado na sociedade. Anthony Wrigley<sup>3</sup> acredita que o declínio da família do tipo tradicional só ocorreu no século XIX quando as rendas reais começam a aumentar de forma consistente e quando o Estado assume algumas responsabilidades para a provisão de educação e assistência.

Jean-Louis Flandrin<sup>4</sup> afirma que nos séculos XVI, XVII e XVIII o parentesco, a linhagem e a domesticidade se prestam muito mais ao estudo da família no período, e que o conceito de família, tal como é hoje habitualmente definido (pai-mãe-filhos), é um fenômeno bastante recente na nossa cultura ocidental. Para o

---

<sup>1</sup> MACFARLANE, Alan. História do casamento e do amor: 1300 - 1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 53-56.

<sup>2</sup> Ibid p.59.

<sup>3</sup> WRIGLEY, E. Anthony. Reflections on the history of the family. In: *Daedalus*, 106(2):71-85, Spring, 1977.

<sup>4</sup> FLANDRIN, Jean-Louis. Família: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

autor, a Idade Moderna é exatamente o período de luta entre o poder público e o poder privado e só a progressiva ressurreição do poder real e a ação da Igreja reduziram, até sua destruição, o modelo familiar tradicional.

Lawrence Stone <sup>9</sup> reitera a existência do conflito entre poderes público e privado na determinação de modelos familiares. Em sua argumentação, o autor afirma que a chave para o entendimento desse processo é o fluxo e o refluxo da luta entre valores e interesses em conflito representados pelos diversos níveis de organização social, do indivíduo ao Estado Nação.

Stone concebe, então, uma espécie de roteiro das transformações decorrentes dessa dialética. Para ele, até princípios do século XVI se reconhecia que os parentes tinham prioridade sobre o Estado, sobre a família nuclear e sobre o indivíduo. Eram os interesses da "casa" (dos parentes) que se consideravam como supremos. Do século XVI até princípios de século XVIII o Estado Nação começou a estabelecer suas próprias medidas para minar a autoridade dos parentes e reforçar o patriarcado numa família cada vez mais nuclear e fundada em relações internas mais autoritárias, com ênfase no princípio de obediência da esposa e dos filhos.

---

<sup>9</sup> STONE, Lawrence. Família, sexo y matrimonio en Inglaterra 1500 - 1800. México:Fondo de Cultura Económica, 1990.

Para muchos la Obediencia Pasiva y el Derecho Divino de los Reyes parecían la esperanza de evitar el caos político. Para el Estado, la obediencia pasiva al esposo y padre en el hogar era el modelo y garantía para la obediencia pasiva al rey en la nación. <sup>6</sup>

Durante o século XVIII teve prosseguimento a decadência da influência dos parentes e a maior coesão nos laços internos da família nuclear. Por outro lado, é um período de questionamento da necessidade do poder absoluto do monarca e, em consequência, do patriarca. Surgiu assim, sobretudo no interior da burguesia e da baixa nobreza proprietária de terras, um novo tipo de família, inspirado no princípio do individualismo afetivo, em que a eleição do cônjuge se baseava mais nas expectativas de afeto mútuo duradouro do que em cálculos para incrementar o dinheiro, o nível social ou o poder. A autoridade dos esposos sobre as esposas e dos pais sobre os filhos diminuiu, e se iniciou uma tendência à maior igualdade para cada um dos membros familiares (ou seja, para o indivíduo).

No século XIX, contudo, os interesses do Estado e da religião se reafirmaram, até a arremetida final do individualismo afetivo do século XX.

Segundo a trajetória descrita por Stone, portanto, o mundo ocidental, desde o final da Idade Média, teria conhecido três modelos fundamentais de família:

---

<sup>6</sup> Ibid p.331. "Para muitos a obediência passiva e o direito divino dos reis pareciam a esperança de evitar o caos político. Para o Estado, a obediência passiva ao esposo e pai no lar era o modelo e garantia para a obediência passiva ao rei na Nação". (tradução livre).

19 extensa, no qual o indivíduo e a unidade de reprodução estão submetidos aos interesses e necessidades da comunidade de parentes e/ou vizinhos (sendo esta, portanto, a unidade de produção, consumo, socialização, educação, etc).

29 patriarcal, caracterizado pela submissão do indivíduo às necessidades e interesses do chefe da família e pela autonomia em relação à comunidade de parentes e/ou de vizinhos (sendo portanto a família a unidade de produção, consumo, socialização, educação, etc).

39 nuclear, fundamentada nas relações afetivas e na autonomia do indivíduo (sendo este, portanto, a unidade de produção, consumo, socialização, educação, etc).

O autor acrescenta que essas transformações não tiveram um caráter linear e, embora o que ele chama de individualismo afetivo, característico do século XX, tenha suas raízes nesse processo, é totalmente falso supor que ele seja vitorioso e que as coisas não vão mudar de sentido. Stone observa que o registro histórico mostra o curso altamente errático desta evolução, seu muito variável impacto nas diferentes classes, bem como as restrições a que submetem correntemente a sua difusão geográfica.

Segundo o autor, em qualquer época e em qualquer classe social, a escolha do tipo conveniente de família está no princípio do que se quer conquistar ou preservar, ou do que se está disposto a perder em nome da autonomia. Para Stone, o poder, a distribuição de laços afetivos e a relação entre membros familia-

res constituem-se como um jogo *zerosum*: quando se busca uma coisa, se perde outra. Concretamente, a privacidade e a comunidade são necessidades opostas e não podem levar sua máxima expressão de forma simultânea. Em outras palavras, a adaptação ótima ao mundo externo dos parentes ou da comunidade se consegue somente através da limitação dos laços afetivos internos (da família nuclear); ao inverso, somente se consegue a ótima integração interna ao custo de certa má integração com as redes sociais externas. Assim, em determinados momentos, a sociedade - no confronto entre variados valores e interesses - acaba fazendo escolhas.

Stone dá, em seu texto, alguns exemplos significativos desse jogo *zerosum*:

- aumentar a autonomia de esposas e filhos significa reduzir o respeito e a autoridade que antigamente se outorgava aos homens adultos, cujas posição e expectativa diminui necessariamente;

- a decadência dos laços com parentes priva a mulher de grande parte da ajuda externa que antes gozava nas difíceis tarefas de adaptar-se à vida sob a condição de esposa, e na criação e cuidado dos filhos;

- o declínio da linhagem e dos ancestrais, no sentido de serem depositários para a transmissão do sangue, da propriedade e da tradição, implica em perda de identidade;

- a formação de uma família muito personalizada e íntima implica na renúncia a uma rica e integrada vida de comunidade (com seus rituais, festividades, solidariedades, etc) e no aumento do isolamento físico, social e cultural.

A forma como Lawrence Stone pensa a evolução do modelo da família ocidental nesses últimos cinco séculos nos parece particularmente consistente quando voltamos para o caso - "micro" - da família Strobel. Ora, vimos nos capítulos anteriores que o ato de migrar - e a conseqüente ruptura dos laços sociais cultivados no meio de origem - determinou a construção de novas estratégias para viabilizar a socialização no novo meio, comportamento característico até mesmo das gerações subseqüentes à família pioneira. Assim, a experiência da imigração pode, igualmente, ter interferido na estrutura e organização familiares.

A relação que o autor estabelece entre modelos familiares e dialética das pressões sociais mais imediatas - em detrimento da perspectiva das mentalidades, quase imóvel, como a de Alan MacFarlane - bem como a sua ênfase na possibilidade de mudança de rumos da evolução (o seu caráter errático) e nas variações de seus impactos nas diferentes classes e regiões, nos parece metodologicamente pertinente para se pensar as funções da família e a construção dos laços familiares de algumas gerações dos Strobel.

### 3.1. VIDA FAMILIAR E TRABALHO

#### 3.1.1. A FAMÍLIA DE CHRISTIAN STROBEL

No capítulo anterior observamos que a imigração parece ter promovido um certo retorno ao princípio de uma vida comunitária. Vale a pena retornarmos a esta questão, abordando agora as consequências dessa mudança na organização da família de Christian e Christine Strobel aqui no Brasil.

A história profissional de Christian Strobel antes da emigração nos leva a considerar sua grande autonomia em relação aos pais, escolhendo sua profissão, saindo do vilarejo onde nasceu, viajando pelo país e estabelecendo-se em outro local. Sua história revela um comportamento já moderno, regido pelo primado do individualismo.

Mas sua trajetória no Brasil demonstra a efetuação de uma mudança considerável: no capítulo I destacamos o desenvolvimento, pelos Strobel, de um "trabalho familiar" tanto nas tarefas relativas às atividades nos sítios em que viveram, como nas obras de carpintaria. Mas há alguns detalhamentos ainda não mencionados. O primeiro refere-se ao fato de a família nuclear - nos sítios - ter funcionado como uma unidade econômica através da divisão sexual e etária das tarefas. Eis alguns exemplos retirados do livro de Gustav H. Strobel.

[ Sobre a propriedade entre São José dos Pinhais e Campo Largo da Roseira ]

Minha mãe tratou de preparar a terra com enxada e cortadeira e eu auxiliava-a na medida das minhas forças. A irmã cuidava dos afazeres da casa. Meu pai pouco podia contribuir neste trabalho, pois continuava trabalhando fora.<sup>7</sup>

[ Sobre a propriedade arrendada de Bento Fagundes ]

Todo dia, ao entardecer, o gado tinha que ser recolhido dos campos, e ao amanhecer as vacas leiteiras eram ordenhadas. Tínhamos também que cultivar a plantação e nós mesmos fazíamos a nossa farinha de milho [...] minha irmã em pouco tempo adquiriu prática no manejo do fabrico da farinha. Ela tinha aprendido e praticado, antes, na casa de um vizinho [...]. Nós três irmãos mais velhos estávamos na idade de freqüentar a escola e também gostávamos de brincar. Porém brincar apenas podíamos ao entardecer, quando já havíamos recolhido o gado.<sup>8</sup>

[ Sobre a propriedade comprada após 4 ou 5 anos no Brasil ]

O manejo com o arado, cavalos e carroças ficava a meu cargo, até que meu irmão pôde tomar conta deste serviço. Com isto eu tive que ir com meu pai trabalhar em serviços de carpintaria [...]. Apenas na época de plantio e na colheita ficávamos em casa para trabalhar nesta tarefa.<sup>9</sup>

Já no trabalho de carpintaria a unidade familiar de produção e consumo era garantida através da reversão dos salários dos filhos para os pais.

Nesta obra de Stellfeld trabalhamos 11 meses, e apesar do salário modesto, meu pai conseguiu economizar alguns cem mil réis, incluindo o meu salário, pois eu não podia dispor dele [...]. Meu pai

---

<sup>7</sup> STROBEL, Gustav H. Relato de um pioneiro da imigração alemã. Estante Paranista 27. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1987. p. 51.

<sup>8</sup> Ibid p. 59-60.

<sup>9</sup> Ibid p. 69.



exigia que seus filhos trabalhassem sem remuneração para seus genitores até aos 24 anos e afirmava que na Alemanha era este o costume.<sup>10</sup>

Embora não se possa tomar esta observação do autor do livro como verdade absoluta, talvez ela seja um dado que em parte explique os casamentos relativamente tardios dos quatro filhos mais velhos de Christian (Emilie com 29 anos, Gustav com 25, Emil com 32 e Marie com 30 - já as caçulas, Anna e Fani, casaram-se com 20 e 22 anos respectivamente).

A idade ao casar dos primeiros filhos de Christian Strobel é bem mais tardia se comparada com o índice da coorte 1866-1894 da comunidade luterana como um todo. Nadalin anotou que esta primeira geração, em média, casava-se mais cedo do que seus conterrâneos que não emigraram e aproximava-se do padrão brasileiro. Observa que tal comportamento, em Curitiba, parece estar

ligado à concessão gratuita de terras aos colonos estrangeiros na periferia da cidade, o que teria facilitado o estabelecimento pelos jovens de um domicílio próprio. Em todo caso, as explicações encontram-se em aberto, e poderíamos até nos perguntar em que medida a situação de pioneirismo articulada às dificuldades iniciais de instalação, não teria levado os pais ao incentivo de um casamento mais precoce para os seus filhos.<sup>11</sup>

Entre os Strobel, esse comportamento talvez não tenha ocorrido porque seus filhos não dependiam de terra para se estabelecer. Não eram agricultores e sim trabalhadores urbanos.

---

<sup>10</sup> Ibid p. 94.

<sup>11</sup> ANDREAZZA, Maria Luiza & NADALIN. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. 1994 p. 36.(no prelo).

O comportamento dos Strobels também não combina com o que MacFarlane coloca para a Inglaterra. Parece que, na difícil conjuntura de imigração, a necessidade de reverter a riqueza produzida pelos filhos em benefício da família (ou seja, o fluxo da riqueza de baixo para cima) contribuiu para o adiamento da idade ao casar. Mas esta contradição se desfaz numa análise mais atenta.

MacFarlane analisa o fenômeno histórico de rompimento do fluxo de riqueza dos filhos em direção aos pais e de advento de um conjunto de práticas onde, ao contrário, os pais se voltam para os filhos. Desta forma, na sociedade ocidental aos poucos os filhos deixam de ser considerados um benefício e se tornam fonte de despesa. Para o autor esse novo comportamento faz parte ou é expressão de uma ética aquisitiva centrada no indivíduo, que remete igualmente à idéia do amor romântico, da família nuclear com domicílio independente, do adiamento da idade ao casar e da redução da fecundidade (o sistema de casamento malthusiano).

Em sua análise, MacFarlane está comparando esse comportamento "moderno" com o de uma sociedade tradicional onde o casamento não significa a saída da casa e da tutela paternas, não significa a necessidade de um tempo de trabalho e poupança a fim de viabilizar a formação de um novo domicílio. Numa formação social do tipo tradicional o casamento é apenas a inclusão de mais alguns membros (cônjuge e filhos) dentro da família mais extensa.

E estes são vistos como aquisições benéficas ao aumento da riqueza familiar. Daí a precocidade dos casamentos.

No caso dos Strobel, parece ter havido a necessidade de orientação do fluxo de riqueza dos filhos em direção aos pais (pelo menos até uma certa idade) a fim de garantir um melhor estabelecimento econômico da família no novo meio. Mas se isso significou o adiamento (e não a antecipação) da idade ao casar, é porque, ao retomar uma prática tradicional, a família Strobel não retornou necessariamente ao modelo de família tradicional. Porque não se rompeu com o princípio fundamental - individualista - de que os casamentos dos filhos significavam a constituição de novos domicílios (de fato, no livro consta que, ao casar, Gustav estabeleceu domicílio independente, e no depoimento de um dos descendentes dos Strobel <sup>12</sup> consta que Emil Robert possivelmente construiu sua residência, por ocasião do casamento, próxima à do irmão).

Ao que parece, a situação de emigração promoveu a retomada de uma prática tradicional (a orientação do fluxo da riqueza dos filhos em direção aos pais), a qual naquele momento se mostrou compatível e apropriada no que tange à segurança econômica familiar. Mas esse resgate foi efetuado no âmbito de uma mentalidade moderna, consciente de que esta prática não poderia se estender senão até o casamento dos filhos.

---

<sup>12</sup> Entrevista com Egon Strobel, ago/1991.

O apego ao princípio da família nuclear se expressa, igualmente, em outro aspecto que, num primeiro momento, poderia parecer o seu abandono. Refiro-me ao fato de Ernest Stein ter vivido com os Strobels, aparentemente como agregado. Um trecho do livro de memórias demonstra bem o que se quer acentuar:

Como Ernest Stein trabalhava permanentemente com papai, também morava conosco. Ele também cercou uma pequena área para si e quando não tinha serviço fora, cultivava-a [...]. Mais tarde meu pai ensinou a Stein o ofício de carpinteiro, e ele continuou morando conosco até que em 1869 se casou em Curitiba com a filha do professor Merikoffer de Assunguy.<sup>13</sup>

No Brasil, os Strobels tiveram que se ajustar, igualmente, a uma outra nova situação. Se na Alemanha a filha mais velha frequentava a escola, aqui isso não foi possível e alguns arranjos tiveram que ser efetuados para providenciar a alfabetização e a profissionalização dos filhos. Mais uma vez recorremos a um trecho do livro:

Meu pai explorou-me bastante, pois sempre obedeci e fiz o que ele exigia, mas nem por isto eu me rebelei e, ao contrário, sou grato a ele, pois aprendi a economizar e trabalhar [...]. Gastos com estudos meu pai não teve comigo, pois em todo Paraná não havia uma única escola alemã, e como eu cresci entre os caboclos nas cercanias de São José, na minha juventude não cursei escola alguma, pois ao redor também não havia uma única escola brasileira. Minha mãe ensinou-me alguma coisa. Aprendi com ela a ler e escrever em alemão, e mais tarde adquiri alguns livros, com estes, nas horas vagas, à noite e aos domingos fui me instruindo por conta própria.<sup>14</sup>

[ Sobre a obra na Santa Casa]

---

<sup>13</sup> STROBEL, G. op. cit. p. 51-52. (grifo meu).

<sup>14</sup> Ibid p. 94.

Uma construção como esta era inédita em todo Paraná e meu pai ficou feliz por poder mostrar toda sua habilidade e conhecimento nesta obra. Também para meu irmão e para mim era muito importante e aprendemos muito nessa construção.<sup>13</sup>

A efetivação da vida econômica talvez tenha sido o processo onde uma certa desnuclearização familiar mais tenha se pronunciado. Isto tanto no que diz respeito a uma abertura em direção à comunidade, como à idéia de uma família extensa formada pelo conjunto de duas gerações. Três informações corroboram esta observação:

- além de ensinar sua profissão aos filhos, Christian ensinou-a também a Ernest Stein (ver citação 13);

- quando precisaram preparar a filha para a realização de uma tarefa cuja técnica não dominava, o casal apelou para os vizinhos (ver citação 8);

- embora após seus casamentos Gustav e Emil tenham formado domicílios nucleares, permaneceram trabalhando com o pai e, após o falecimento deste, os irmãos mantiveram-se profissionalmente ligados.

De qualquer forma pode-se dizer que a imigração levou os Strobel ao resgate de algumas práticas culturais referentes aos modelos familiares patriarcal e tradicional, sem que isso significasse o abandono do princípio moderno do individualismo. O resultado foi uma organização meio híbrida, marcada pelo adiamento (para depois do casamento) da transferência da unidade mínima de

---

<sup>13</sup> Ibid p. 123.

produção e consumo da família para o indivíduo, e pelo acionamento das relações comunitárias nas situações em que a sociedade e o Estado eram omissos. Por sua vez, essa organização tão particular revela o que os "modelos" são: paradigmas teóricos imprescindíveis à análise das práticas sociais, mas em sua forma pura raramente encontrados na vida concreta.<sup>16</sup>

As transformações na organização familiar, até aqui relacionadas, evidentemente determinaram algumas alterações importantes no que diz respeito aos laços familiares.

Analisemos, em primeiro lugar, o comportamento de Christian Strobel como filho. Sua independência econômica e distanciamento geográfico em relação aos pais (e aos parentes), anteriores mesmo ao casamento, testemunham, como já acentuamos, uma atitude regida pelo princípio do individualismo, exemplares do fenômeno descrito por MacFarlane. E, ainda que em Glauchau Christian tenha residido com a esposa e os filhos na casa de seus sogros, este parece ter sido apenas um arranjo temporário, já que a "aventura" da imigração - a mais radical ruptura de um homem com suas origens - foi realizada apenas pela família nuclear. O fato mais

---

<sup>16</sup> Anthony Wrigley, em sua obra já citada, nos alerta sobre a dificuldade em se determinar modelos familiares uma vez que a vida da família abrange virtualmente toda a escala das atividades humanas. A família na Europa pré-industrial, por exemplo, executava uma escala de funções bastante ampla: era a principal unidade de reprodução, produção, consumo, socialização, educação e, em alguns casos, prática religiosa e atuação política. O autor lembra-nos, ainda, que uma unidade de família para reprodução era geralmente uma entidade diferente da que constituía uma unidade de família para produção, e assim por diante. Além disso, a participação em uma família não eliminava a possibilidade de participação em outra. Michael Anderson, na introdução de seu livro *Elementos para a História da Família Ocidental 1500 - 1914*, afirma que o Ocidente sempre se caracterizou pela diversidade das formas da família, das funções da família e das atitudes para com as relações familiares, não só ao longo dos tempos mas em pontos precisos do tempo. (p. 10)

concreto, portanto, é que nos momentos em que Christian e Christine tiveram que fazer opções para viabilizar suas vidas, escolheram caminhos que sacrificavam os vínculos com a família extensa.

Cabe agora a análise do comportamento de Christian Strobel como pai. O primeiro aspecto a se considerar é o precoce estabelecimento de uma relação de trabalho com os filhos homens, o que leva à construção de uma espécie de "universo" masculino no interior da família - reforçado pelo afastamento geográfico durante os grandes períodos em que se ocupavam em obras em Curitiba ou na Estrada da Graciosa.

Estes trabalhos assumidos demoravam semanas e até meses, e às vezes a distâncias de um ou mais dias de nossa casa. Apenas na época de plantio e na colheita ficávamos em casa para trabalhar nesta tarefa.<sup>17</sup>

A contrapartida - evidentemente - é a formação de um "universo" feminino, composto por mãe e filhas (e filhos quando pequenos), sediado nos sítios.

Se a idéia dessa divisão sexual no interior da família nuclear pode - a princípio - parecer apenas uma inferência de análise - um "talvez" - vale a pena atentar para o próprio roteiro do livro de memórias de Gustav (que pôde ser apreendido na leitura de nosso capítulo 1) e observar que ele está naturalmente dividido em dois blocos: no primeiro o autor descreve a história

---

<sup>17</sup> STROBEL, G. op. cit. p. 69.

da família pela ótica do "universo" feminino (ao qual ele pertenceu até começar a exercer a profissão de carpinteiro); no segundo ele descreve a história da família pela ótica do "universo" masculino.

Dai podermos, agora sim, inferir que tal divisão impôs variados graus de relacionamento no interior da família nuclear. Num universo social onde a natureza dos trabalhos define em grande parte uma mais esparsa convivialidade entre os sexos, parece lógico supor uma mais íntima relação entre mães e filhas e entre irmãs, de um lado; entre pai e filhos e entre irmãos, de outro. Da mesma forma é possível constatar que a relação de afeição do casal também tenha sofrido alteração nessa conjuntura de dificuldade econômica da imigração.

### 3.1.2. A FAMÍLIA DOS DESCENDENTES DE GUSTAV STROBEL

A partir dos dados disponíveis acerca do ramo dos Strobel fundado pelo casamento de Gustav e Emma (apresentados no capítulo anterior) tentemos dar continuidade à trajetória da família no Brasil, sob a ótica de sua organização e relações internas.

Vimos que a inserção numa comunidade de famílias teve forte influência na escolha do cônjuge e da profissão entre os filhos de Gustav e Emma Strobel. Mas porque apenas um dos filhos homens permaneceu trabalhando, mesmo depois do casamento, com o pai e o tio, fragilizou-se o processo de estruturação da família extensa funcionando como uma unidade econômica, que poderia se



desenvolver até uma comunidade de parentes. No entanto, é pertinente relembrar que, com o casamento, dois filhos de Gustav ligaram-se profissionalmente às famílias de suas esposas, e dois filhos foram encaminhados profissionalmente graças às relações de amizade de Gustav.

Não foi possível recuperar informações sobre se o fruto do trabalho dos filhos de Gustav, enquanto estavam solteiros, revertia integralmente para a família. Tudo indica que não, uma vez que o próprio Gustav, em seu livro, considerou essa atitude de seu pai uma "exploração", ainda que moralmente positiva (ver citação 14). Por outro lado, o fato de todos os filhos homens terem deixado a casa paterna somente por ocasião de seus casamentos indica uma certa manutenção da idéia de família (pai, mãe e filhos solteiros) enquanto uma unidade econômica. Como já assinalou Caldwell, a manutenção dessa idéia não se deve tanto à natureza dos meios de produção, mas ao conjunto de expectativas culturais sobre a relação dentro e fora da família nuclear.<sup>18</sup>

A nova organização da família nessa geração pressupõe, de qualquer forma, uma maior ligação do pai com o filho que permaneceu trabalhando a seu lado, e relações de convivialidade um pouco mais frouxas entre os irmãos, se comparadas com as da geração anterior.

---

<sup>18</sup> Apud MACFARLANE, A., *op.cit.* p. 52.

Podemos agora analisar a organização familiar dos netos de Gustav e Emma Strobel. Dos quatro filhos de sua filha mais velha (Clara Bürger), dois deixaram a casa paterna antes do casamento; dos quatro filhos de seu penúltimo filho, um deixou a casa paterna antes do casamento. Esta "movimentação", inclusive, foi responsável pelo início do rompimento da idéia de família como unidade de socialização, em favor da ênfase no indivíduo (capítulo 2). Por este comportamento individualista poder expressar apenas uma exceção à regra, parece apropriada a comparação dos comportamentos dos filhos e dos netos de Gustav que permaneceram com os pais até o casamento.

Vimos que a tendência à estruturação - esboçada no núcleo familiar imigrante - de uma unidade econômica familiar (reunindo pais e filhos casados) tende à decadência na geração dos filhos de Gustav. No que respeita à geração dos netos, a tendência decadentista se consolida, mas apenas entre os filhos de profissionais detentores apenas de um saber profissional. Se não vejamos: os filhos do professor Paul Bürger e do carpinteiro Emil Richard seguiram, todos eles, profissões completamente desvinculadas das de seus pais. Já os filhos do proprietário da Casa Leutner (Gustav Wilhem) e do proprietário da casa de tinta e materiais de construção (Rudolf) deram continuidade aos negócios familiares. E mais, os sogros e cunhados com propriedades (como o de Eugênio Strobel, o de Emil Richard Jr. e o de Nelson Gloor) tenderam a

atrair os genros e cunhados para seus negócios. A exceção foi, é claro (e por razões óbvias), Nicolau Oliveira.

Assim, pode-se considerar que nesta geração (mas isso vinha se processando já na geração anterior) ocorreu o rompimento de uma rede de transmissão de saber profissional de pai para filho, mas não ocorreu a desagregação das empresas de caráter familiar. Pelo contrário, o exemplo da Casa Leutner é expressivo para demonstrar que a associação familiar foi, ao longo do tempo, até reforçada <sup>19</sup>. Se partirmos do princípio de que numa sociedade capitalista a escolha da profissão está intimamente ligada ao desejo de ascensão social (ou ao menos de manutenção do status social), é lícito pensar que, para a primeira geração, a herança de um conhecimento técnico era um bom instrumento nesse sentido. Já não o era, contudo, para a terceira geração. Nesta, a propriedade foi o que restou da herança profissional familiar.

É interessante observar que as diferentes estratégias das gerações para solucionar o problema da profissionalização dos filhos revelam também o recurso a diferentes práticas, uma tributária da sociedade tradicional e outra da sociedade moderna. Se Gustav Strobel recorreu à comunidade (aos amigos, talvez na falta de instituições formais) para formar os filhos que não seguiram sua profissão, os seus netos que não deram prosseguimento à profissão paterna ou do sogro procuraram a escola para efetivar suas

---

<sup>19</sup> Conforme expusemos no capítulo 2, item "A escolha da profissão", subitem "Netos de Gustav e Emma (Wendt) Strobel".

carreiras (quase todos freqüentaram a escola de comércio, cursando contabilidade).

A mesma linha de pensamento pode ser empregada na comparação dos comportamentos dos filhos de Gustav e de seus netos que deram prosseguimento aos negócios dos pais. Se num modelo de sociedade tradicional tanto a propriedade como o saber profissional se conservam e se transmitem de geração a geração (de forma próxima ao que ocorreu para o caso de Gustav, seja como filho, seja como pai), num modelo de sociedade moderna essa transmissão fica restrita à propriedade (de forma próxima ao que ocorreu com os netos de Gustav).

Finalmente, podemos admitir que a existência desses três comportamentos na geração dos netos de Gustav e Emma Strobel (os que saíram da cidade, os que foram trabalhar com o pai, os que permaneceram na cidade mas trabalhando de forma independente) determinou também diferentes níveis de relações intra-familiares. É possível imaginar uma linha decrescente de estreitamento dos laços geracionais que parte dos filhos que trabalham com os pais, passa pelos filhos que vivem na cidade mas exercem profissões independentes, e termina nos filhos que moram fora da cidade. Da mesma forma é possível imaginar essa linha decrescente, agora de estreitamento dos laços fraternos, que parte dos irmãos que trabalham juntos, passa pelos irmãos que vivem na mesma cidade mas exercem profissões independentes, e termina nos irmãos que vivem separados geograficamente.

### 3.2. VIDA FAMILIAR E DOMICILIO

#### 3.2.1. A FAMÍLIA DE CHRISTIAN STROBEL

Uma forma de recuperar informações que podem contribuir para um maior aprofundamento das questões pertinentes às mudanças de organização e de relacionamento familiar é o acompanhamento da trajetória residencial dos indivíduos pesquisados.

Considerando nossa observação de que a família de Christian, por sua organização econômica, acabou dividida em dois "universos" (feminino e masculino), com maiores afinidades entre pais e filhos e entre mãe e filhas, é pertinente investigar se as condições de residência confirmam tal colocação.

Já comentamos que Gustav Hermann fixou residência em Curitiba, vivendo toda sua vida em casas no terreno que atualmente forma a quadra das ruas Westphalen, Visconde de Guarapuava, Frei Caneca e André de Barros. Um dos descendentes da família acredita que Emil Robert, irmão de Gustav, também construiu casa nas proximidades <sup>20</sup>. Assim, a proximidade profissional dos irmãos talvez tenha contribuído para o estabelecimento de mais um vínculo entre eles: o de vizinhança.

Temos poucas informações sobre a trajetória residencial das filhas de Christian Strobel. Sabemos que a mais velha morou em São José dos Pinhais (onde nasceram seus filhos), talvez nas

---

<sup>20</sup> Ver nota 12.

proximidades ou mesmo no sítio de seus pais. Dessa forma, mesmo com a exegüidade de fontes, tudo indica que as relações de convivialidade mantiveram por um certo tempo esta "certa divisão sexual".

### 3.2.2. AS FAMÍLIAS DOS DESCENDENTES DE GUSTAV STROBEL

Os quadros a seguir trazem um resumo da trajetória residencial de Gustav Strobel e de seus descendentes. Embora não tenha sido possível recuperar informações sobre todos os indivíduos, ela permite a verificação de questões relativas aos laços de ligação familiar.

# TRAJETORIA DOMICILIAR DO CASAL GUSTAV - EMMA STROBEL E DE SEUS DESCENDENTES

21

DATAS	Gustav (Emma Wendt) Strobel
1875 - 1900	Casa própria na Frei Caneca com Visconde de Guarapuava (onde nasceram os filhos).
1900 - 1913	Sobrado próprio na Frei Caneca com André de Barros.
1913 - 1918	Domiciliados na Alemanha (em Glauchau), impedidos de retornar ao Brasil devido à guerra.
1918 - 1933	Sobrado da Frei Caneca com André de Barros, dividindo-o com a família da filha, Clara Bürger.
1933 - 1950	Após o falecimento de Gustav (1933), Emma continuou morando no sobrado, com a família da filha (até a morte de Emma em 1950).

<sup>21</sup> A trajetória residencial do casal Gustav e Emma Strobel, entre 1875 e 1918, foi obtida no livro de memórias. Os dados de domicílio entre 1918 e 1950 foram fornecidas por Hans Bürger. set/1991.

## FILHOS DE GUSTAV E EMMA STROBEL

22

DATAS	Paul (Clara Strobel) Bürger
1876 - 1898	Solteira, Clara morava com os pais.
1898 - 1901	Casa alugada no Largo da Ordem (dos Weigert), onde nasceu o primeiro filho.
1901 - 1908	Em Porto Alegre, onde nasceu uma filha e um filho. A menina morreu aos 7 anos, nesta mesma cidade.
1908 - 1910	Em Ponta Grossa - onde nasceu mais um filho.
1910	Castro.
1911	Em Curitiba, na mesma casa dos Weigert, no Largo da Ordem.
1912 - 1914	Em uma chácara próxima ao Cemitério Municipal (na atual Barão de Antonina), alugada de um amigo de Paul Bürger.
1914 - 1918	Casa dos pais de Clara, com a família de seu irmão Franz.
1918 - 1953	Casa dos pais de Clara. Após as mortes de Gustav e de Paul Bürger (1932), Clara e os filhos residiram com Emma.

---

<sup>22</sup> Entrevista com Hans Bürger, set/1991.



23

DATAS	Emílio Ricardo (Emma Kock) Strobel
1877 - 1902	Solteiro, morava com os pais.
1902 - 1945	Casa própria na Visconde de Guarapuava com Westphalen. A casa foi vendida após sua morte em 1949 (Emma faleceu em 1940).
1945 - 1949	Casa do filho Eugênio, na Frei Caneca.

24

DATAS	Gustav (Otília Garmatter) Strobel
1880 - 1908	Solteiro, morava com os pais.
1908 - 1918	Rua São Francisco (entre Mateus Leme e Barão do Cerro Azul), um sobrado onde embaixo ficava a alfaiataria e em cima a residência.
1918	Rua Dom Pedro II, em uma casa da mãe de Otília.
1919 - 1920	Casa alugada na Saldanha Marinho.
1920 - 1924	Casa na Visconde de Guarapuava (alugada).
1924 - 1954	Casa própria na Visc. Guarapuava (herança de Gustav). Após a morte do marido, em 1936, Otília continuou lá com os filhos.

<sup>23</sup> Entrevista com Félix José Strobel. out/1991.

<sup>24</sup> Entrevista com Egon Strobel. ago/1991.

25

DATAS	Rudolf (Rosina Osterneck) Strobel
1884 - 1910	Solteiro, morava com os pais.
1910 - ?	Rua Paula Gomes, em uma casa dos pais de Rosina.
?	Rua 13 de Maio com Mateus Leme, no sobrado onde funcionava a loja de secos e molhados.
Em 1917 estavam lá.	Rua Paula Gomes, em uma casa dos pais de Rosina.
?	Casa própria na Av. Iguazu com 24 de Maio. Isolada, Rosina não se adaptou (longe dos parentes).
? - 1960	Casa na Praça da Ordem, no sobrado onde funcionava a loja de tintas. Após a morte de Rudolf (em 1958) Rosina morou com os filhos.

26

DATAS	Franz (Bertha Weigert) Strobel
1886 - 1911	Solteiro, morava com os pais.
1911 - 1914	Com o sogro em uma chácara no Barigüi.
1914 - 1918	Casa dos pais de Franz, que estavam na Europa, junto com Clara e Paul Bürger.
?	No sobrado dos pais de Franz.

<sup>25</sup> Entrevista com Érica Strobel Oliveira, ago/1991. (as interrogações constantes no quadro referem-se a datas que a entrevistada não pôde precisar).

<sup>26</sup> Entrevista com Hans Bürger, set/1991.

27

DATAS	Friedrich (Amalie Blitzkow) Strobel
1888 - 1911	Solteiro, morava com os pais.
1911 - 1913	Com o sogro, em chácara no Barigüi.
1913	Na Alemanha, onde faleceu. Amalie continuou com os pais.

#### NETOS DE GUSTAV E EMMA STROBEL

#### FILHOS DE PAUL E CLARA BÜRGER

28

DATAS	Paul Hermann (Judith Eheke) Bürger Jr.
1899 - 1927	Solteiro, morava com os pais.
1927 - 1931	Em Canoinhas, na fazenda do sogro, onde faleceu.

---

<sup>27</sup> Entrevista com Egon Strobel, ago/1991.

<sup>28</sup> Entrevista com Hans Bürger e com Hugo Bürger, set/1991.

29

DATAS	Hans Bürger (solteiro)
1906 - 1953	Casa dos avós com os pais e mais tarde com a mãe.
1953 - 1963	Em um anexo, na mesma casa.
1963 - 1970	Casa alugada em Balsa Nova. Em 1964 recebeu um apartamento na esquina da Frei Caneca com André de Barros como pagamento da construtora pela venda do terreno.
1970 -	Casa alugada, também em Balsa Nova. Mantém o apartamento em Curitiba.

30

DATAS	Rodolfo (Hilda) Bürger
1910 - +1935	Solteiro, com os pais.
1935 - +1945	Solteiro, em São Paulo.
1945 - ?	Goiânia (chácara do tio da esposa).
? - 1991	Curitiba, em várias casas alugadas

31

DATAS	Heinz (Elfriede) Bürger
1914 - 1935	Com os pais.
1935 - 1988	Na Alemanha, até falecer.

<sup>29</sup> Entrevista com Hans Bürger. set/1991.

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> Ibid.

## FILHO DE EMILIO (EMMA KOCK) STROBEL

32

DATAS	Eugênio (Amália Fieber) Strobel
1903 - 1929	Solteiro, morava com os pais.
1929 - 1930	Com o sogro no prédio do armazém que montaram juntos (Trajano Reis com Barão de Antonina).
1930 - 1933	São Miguel, casa da empresa (serraria onde trabalhou).
1933 - 1935	Guajuvira, casa da empresa onde trabalhou.
1935 - 1937	Casa alugada, próxima ao Cemitério Municipal.
1937 - 1940	Casa alugada, na Barão de Antonina (também próxima ao Cemitério Municipal).
1940 - 1945	Com o pai de Eugênio, após o falecimento da mãe.
1945 - 1978	Casa própria na Frei Caneca (terreno herdado).

## FILHOS DE GUSTAV (OTILIA GARMATTER) STROBEL

33

DATAS	Edith Clara Strobel (solteira)
1909 - ?	Casa dos pais. Após 1936, com a mãe e os irmãos; a partir de 1954, só com os irmãos; a partir de 1961 com a irmã e o cunhado.
? - 1991	Vive com a família da irmã, em casa na Av. São José, Próximo ao Pronto Socorro do Cajuru.

<sup>32</sup> Entrevista com Félix José Strobel. out/1991.

<sup>33</sup> Entrevista com Edith Clara Strobel. set/1991.

34

DATAS	Herbert Strobel (solteiro)
1913 - 1961	Sempre com a família (pais e depois só irmãos).

35

DATAS	Egon (Norma Heisler) Strobel
1916 - 1957	Solteiro, morava com os pais e depois só com os irmãos.
1957 - 1958	Com os sogros.
1958 -	Casa construída em terreno ao lado da do sogro (Alto da XV).

36

DATAS	Nelson (Gerda Strobel) Gloor
1922 - 1958	Solteira, morava com os pais e depois com os irmãos.
1958 - 1961	Com o marido em apartamento na Westphalen (propriedade de sua família e herança dela e da irmã).
1961 - ?	Com a irmã de Gerda, na casa da família.
? -	Casa própria na Av. São José (Cajuru).

---

<sup>34</sup> Ibid.

<sup>35</sup> Entrevista com Egon Strobel. ago/1991.

<sup>36</sup> Entrevista com Edith Clara Strobel. set/1991.

## FILHOS DE RUDOLF (ROSINA OSTERNACK) STROBEL

37

DATAS	Artur Strobel (solteiro)
1912 - ?	Na casa dos pais.
? - 1980	Casa própria na Ubaldo do Amaral, até falecer em 1980.

38

DATAS	Nicolau (Érica Strobel) Oliveira
1917 - 1941	Solteira, morava com os pais.
1941	Com o marido, em casa alugada no Largo Bittencourt.
1941 - 1942	Casa alugada na Visc. de Guarapuava com Frei Caneca (não era da família).
1942 - 1959	Casa própria na Rua Ignácio Lustosa.
1959	Rio de Janeiro.
1960 - 1962	Casa herdada do pai, na Rua Nunes Machado.
1962 - ?	Casa alugada na Rua João Negrão.
? -	Apartamento próprio na Dr. Muricy com Visc. de Guarapuava.

A trajetória domiciliar dos filhos de Gustav e Emma está quase completa. Na leitura dos quadros destaca-se, de início, o fato de que, aparentemente, apenas um casal - Gustav (Otilia Garmatter) Strobel - não recebeu ajuda direta ou indireta para estabelecer sua primeira residência: Clara foi morar em uma casa alu-

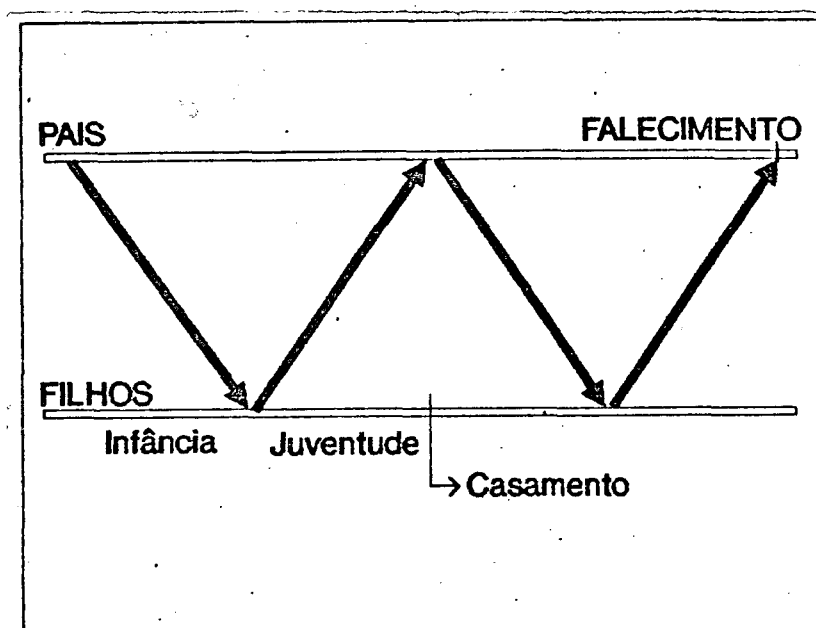
<sup>37</sup> Entrevista com Érica Strobel Oliveira. ago/1991.

<sup>38</sup> Ibid.

gada de um amigo do pai; Emilio construiu sua casa em uma parte do terreno paterno; Rudolf foi morar em uma casa de propriedade de seus sogros; Franz e Friedrich foram morar com os sogros. Mas Gustav, durante um certo período (depois de fechar sua alfaiataria) morou numa casa de propriedade de sua sogra.

Esses dados, adicionados à informação de que as famílias de dois dos filhos de Gustav e Emma (Clara e Franz) viveram na residência do casal durante o período final da vida destes, revelam a existência de uma forte ligação entre pais e filhos, que se manteve após o casamento destes e até a morte dos genitores. Revelam, igualmente, que os filhos casados podiam esperar - por suas fortes ligações com os pais - o apoio de que necessitavam durante os períodos economicamente mais difíceis de suas vidas (até mesmo uma herança antecipada, como fez Gustav ao ceder lotes de seu terreno para que alguns filhos construíssem casa). Da mesma forma, Emma e Gustav puderam contar com o apoio dos filhos na velhice, morando com eles. Assim, mais uma vez observa-se a necessidade de se relativizar os modelos explicativos, no caso, o da direção do fluxo de riqueza. Na história familiar desses imigrantes, ao longo do tempo, esse fluxo poderia ser esquematizado com um desenho que lembra muito uma relação de reciprocidade, definida segundo o ciclo de vida de pais e filhos.





Finalmente, a trajetória residencial dos filhos de Gustav e Emma pode nos revelar um pouco dos laços que uniam irmãos e primos. O primeiro ponto foi a longa convivência de irmãos e primos que instalaram-se na casa ou nas proximidades da casa de Gustav e Emma Strobel (casais Paul e Clara Bürger, Emílio e Emma Strobel, Gustav e Otília Strobel, Franz e Bertha Strobel). A exceção foi Rudolf Strobel, que durante sua vida conjugal morou a maior parte do tempo na região do Largo da Ordem. Mas durante os primeiros 10 anos de seu casamento, foi vizinho de seu irmão Gustav e, por um período pequeno de tempo, também de sua irmã Clara.

Esta relação de vizinhança - aproximando irmãos, primos, sobrinhos e tios - pode, assim, ter funcionado como contrapeso do

processo de afrouxamento dos laços de parentesco decorrente da diversificação profissional entre os filhos de Gustav (observada no item anterior deste capítulo). Tal compensação ajuda a explicar, por sua vez, a manutenção de uma teia de relações familiares que exercia grande influência na vida dos indivíduos no que diz respeito à escolha do cônjuge e da profissão (ainda que tenha se dado nesta geração o início do rompimento desta ótica de sociabilidade - conforme tratamos no capítulo 2).

Talvez esse processo fique mais claro através do acompanhamento da **trajetória domiciliar da geração de netos de Gustav e Emma Strobel** depois de seus casamentos.

Dos filhos de Paul e Clara Bürger destacamos a grande dispersão residencial. O mais velho, Paul Hermann, faleceu em Canoinhas poucos anos após seu casamento. O segundo, que nunca se casou, viveu com os pais e depois com a mãe até o falecimento desta, permanecendo na residência até 1963, quando o terreno foi vendido e, embora tenha mantido apartamento no local, fixou residência em Balsa Nova. Seu irmão Rudolf, depois de alguns anos em São Paulo e Goiânia, retornou a Curitiba onde morou em diversos endereços, até falecer em 1991. O caçula, Heinz, nunca retornou da Alemanha. Assim, os filhos dos casais formados nesta geração cresceram sem grande contato entre si (em Canoinhas, em Curitiba e na Alemanha). É importante observar, ainda, que o único vínculo

desse ramo dos Strobel com o antigo núcleo residencial da família foi a manutenção do apartamento no local, por Hans Strobel.

Dos filhos de Emílio Strobel só pudemos levantar informações de um deles: Eugênio, que depois de ter morado em várias cidades e em vários endereços de Curitiba, estabeleceu-se em casa própria - construída no terreno herdado - até falecer em 1978. Foi com Eugênio, inclusive, que Emílio viveu depois que ficou viúvo.

Os filhos de Gustav e Otília (Garmatter) Strobel permaneceram todos em Curitiba, mas apenas dois se casaram e só uma (Gerda) teve filhos. Eles permaneceram vivendo no núcleo residencial da família até a década de 1960. Atualmente um vive com a esposa na região do Alto da XV e as irmãs moram na região do Cajuru.

Dos filhos de Rudolf (Rosina Osternack) Strobel, temos informações sobre a trajetória residencial apenas de Arthur e de Érica. Arthur, que nunca se casou, viveu com os pais até o falecimento destes, na região do Largo da Ordem. Daí em diante ele passou a residir em casa própria na Ubaldino do Amaral. Sua irmã, Érica, estabeleceu residência em vários locais da cidade, sempre independente da família (ela rompeu os laços familiares por ocasião do casamento, conforme indicamos no capítulo 2).

A partir dessas trajetórias podemos deduzir, ainda, que para a manutenção da "comunidade de parentes" era de extrema importância a existência de uma base territorial. É nesta geração -

sobretudo na segunda metade de suas vidas - que esta concentração geográfica começa a se desfazer (entre as décadas de 1960 e 1980).

A história da organização e laços familiares dos Strobel - sob a ótica do trabalho e da residência - pode portanto, ser resumida da seguinte forma:

1) A natureza dos trabalhos do núcleo imigrante acabou por determinar a organização de uma família entendida como unidade econômica, mas dividida em dois núcleos de convivialidade: o mundo dos homens (na carpintaria) e o mundo das mulheres (nas tarefas agrícolas). Isso pressupõe, portanto, ligações mais estreitas entre membros familiares do mesmo sexo, o que aparentemente se confirma no padrão residencial dos filhos do casal pioneiro após seus casamentos.

2) Na geração seguinte - dos filhos de Gustav - ocorreu a fragilização da idéia de família (extensa) como unidade econômica e, desta forma, inferiu-se pela existência de relações de convivialidade mais frouxas entre pais e filhos e entre irmãos. Mas os dados sobre residência demonstraram a grande ligação entre pais e filhos e o estabelecimento de uma base territorial que foi decisiva na constituição de uma comunidade de parentes, a despeito da diversificação profissional dos indivíduos.

3) A terceira geração - dos netos de Gustav e Emma Strobel - caracterizou-se pela confirmação da decadência da família en-

quanto uma unidade econômica entre os filhos dos detentores de um saber profissional. Por outro lado, fortaleceu-se o vínculo econômico intra-familiar entre os filhos dos detentores de propriedade comercial. Tal fato nos levou à dedução de que entre estes últimos, os laços entre pais e filhos e entre irmãos eram mais estreitos. Mas tal divisão não se confirmou na comparação com os dados de domicílio. Muito mais decisivo para o afrouxamento das relações no interior da família extensa parece ter sido a dispersão residencial - sem qualquer relação com a atividade profissional - ocorrida entre as décadas de 1960 e 1980. É pertinente lembrar, no entanto, que a datação desta dispersão coincide com a de desagregação das empresas de caráter familiar, ocorrida na passagem da terceira para a quarta geração. Os descendentes de Nelson Gloor (o único sócio da Casa Leutner que teve filhos) tornaram-se profissionais de nível universitário (um arquiteto e um engenheiro agrônomo) e a loja foi fechada em 1980 <sup>39</sup>. A casa de tintas e materiais de construção fundada por Rudolf Strobel já não existe mais, embora alguns de seus netos tenham nela trabalhado. Pode-se acrescentar aqui, ainda, a Casa Sans Souci, fundada por Eugênio Strobel em sociedade com Bernardo Mayer, em aproximadamente 1940, e fechada no início da década de 1960, devido à falta de interesse dos filhos em dar continuidade ao empreendimento. <sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> Entrevista com Egon Strobel, ago/1991 e com Edith Clara Strobel, set/1991.

<sup>40</sup> Entrevista com Félix José Strobel, out/1991.

Esse comportamento denota que os Strobel, neste período, possivelmente foram afetados pelo declínio do comércio e indústria locais, decorrente da concorrência das grandes fábricas, que passaram a distribuir suas mercadorias em todo o país (o que explica também o fato de, os que se mantiveram no ramo comercial, optarem pelo setor de representações). São mudanças indicadoras da consolidação de um processo de individualização e impessoalização da vida profissional, a partir daí cada vez mais dependente da formação educacional e da capacidade do indivíduo em conquistar seu lugar no mercado de trabalho. Desse modo, é possível articular, de forma direta, a urbanização e a mudança no perfil econômico da cidade com a impessoalização crescente da vida profissional.

4) Se nos reportarmos aos dados residenciais da quarta geração encontraremos algo semelhante. Embora baseando-nos em dados incompletos, podemos afirmar que, atualmente, vive na quadra que se tornara o núcleo dos Strobel em Curitiba apenas a família de Hugo Bürger (filho de Paul Hermann Bürger Jr.). Na região do Largo da Ordem já não reside ninguém, e não existe qualquer núcleo novo que reúna algumas residências de parentes.

Mas dizer que o processo de individualização das relações sociais minou também as estruturas da família extensa não diz nada do significado disso. Entre os Strobel, contudo, talvez possamos dizer mais.

Se na primeira e - principalmente - na segunda geração dos Strobels, o grupo familiar ampliado parecia funcionar como uma espécie da "carta de apresentação" do indivíduo junto à comunidade, da terceira geração em diante essa "idéia" de família - una e indivisível - tende a se perder. A partir de então, e cada vez mais, o que se encontra, no máximo, são ocasiões em que um parente (indivíduo, enfim) auxilia um outro (indivíduo, também) na viabilização de sua vida social.

Mas se na construção das sociabilidades públicas o indivíduo parece, cada vez mais, fadado ao reino da impessoalidade, e se enquanto uma unidade, a família (extensa, e mesmo a nuclear) perdeu grande parte de suas funções, ainda resta - entre pais, filhos e irmãos, e às vezes tios, sobrinhos e primos - os laços de afeto que resistem, e que impedem a plena redução da privacidade à esfera do indivíduo.

Como já observou Flandrin: "no colapso geral das velhas solidariedades, as solidariedades familiares resistiram melhor, e parecem por isso em certos aspectos mais fundamentais do que antes". <sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> FLANDRIN, J. L. op. cit. p. 56.

## CONCLUSÃO

Na introdução de seu livro, Gustav Strobel escreveu sobre a razão pela qual registrou suas memórias:

... resolvi relatar por escrito a minha vida e a dos meus pais até onde é do meu conhecimento, para que as gerações futuras saibam de onde procederam seus antepassados e por quais dificuldades tiveram que passar até que chegassem a um padrão relativamente bom e decente.<sup>1</sup>

De nossa parte, diríamos que Gustav Strobel legou-nos muito mais: legou-nos a possibilidade de se realizar um estudo a partir de encadeamentos múltiplos entre Memória e História .

Uma reflexão de Paul Veyne talvez possa nos ajudar a avaliar a importância desse legado:

... um historiador sério, ou seja, desinteressado, por oposição a um contador de anedotas, a um propagandista ou a um historiador nacionalista, não se interessa pela história de França por ser a de França e por ele ser francês: interessa-se pela história por amor da história; se contar a história de Luis XIV, esta será para ele a história de um representante da espécie real, a história do detentor único por definição, do papel monárquico na cena histórica; [...] a história é impessoal e a singularidade ( esta personagem, aquela árvore ) só aí figura nessa precisa qualidade: por aquilo que oferece de específico.<sup>2</sup>

No que o acompanhamento da aventura de Christian Strobel acrescenta aos estudos de trajetórias imigrantes?

---

<sup>1</sup> STROBEL, Gustav H. Relatos de um pioneiro da imigração alemã, Estante Paranista 27. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1987.

<sup>2</sup> VEYNE, Paul. Introdução. IN: HIGOUNET, C. et alii. História e historicidade. Lisboa: Gradiva, 1988. p.11.



Ao propormos a realização do presente estudo, tomamos como princípio a idéia de que a abordagem micro-histórica é um dos melhores instrumentos para a construção de pontes entre o singular e o específico. Nesse sentido, detendo-nos nas razões que orientaram Christian Strobel em sua decisão de abandonar a terra natal e construir uma nova vida, acreditamos ter contribuído para a discussão sobre os impulsos que dirigiam as pessoas para a imigração na conjuntura oitocentista de expansão das relações capitalistas.

Com este propósito relativizou-se a explicação do memorialista, de que seu pai teria emigrado por motivos políticos, e procurou-se enfatizar mais as realizações pessoais de Christian Strobel, concretizadas somente porque decidiu-se pela imigração. Neste procedimento, o impulso de fuga de uma proletarização iminente revelou-se uma via de explicação muito mais esclarecedora para a compreensão do fenômeno da Grande Migração no século XIX.

No acompanhamento da bem sucedida história profissional de Christian Strobel tentamos refletir sobre o fenômeno da imigração, notadamente no que diz respeito ao papel estratégico que ela pode desempenhar na busca de ascensão social. A história de Christian Strobel evidenciou, particularmente, que a imigração - no que tem de imprevisível - pode favorecer a instalação do acaso. Assim é que este carpinteiro *morigerado e laborioso*, beneficiado por sua *boa estrela*, chegou no lugar certo e na hora certa. Perguntaríamos se a variável acaso não deveria estar pre-

sente nas análises que contemplam conjuntos de imigrantes. É bom lembrar aqui a observação de Jacques Le Goff:

O acaso tem naturalmente um lugar no processo da história e não perturba as regularidades, pois que o acaso é um elemento constitutivo do processo histórico e da sua inteligibilidade.<sup>3</sup>

A multiplicação de pontes entre o singular e o específico não se efetivaria, contudo, sem os depoimentos de descendentes de Gustav e Emma Strobel. Um entendimento do papel da imigração na história dos rearranjos nas relações sociais só foi possível porque a trajetória dos filhos, netos e bisnetos de Gustav Strobel mostrou que o ato de imigrar foi decisivo para a retomada de um padrão de vida comunitário e para o funcionamento da família como mediadora das relações do indivíduo com o meio social.

Já um entendimento do progressivo afrouxamento destes laços comunitários só foi possível na articulação direta das trajetórias pessoais com o processo de urbanização e modernização da cidade. Cotejar este processo permitiu o acompanhamento das formas assumidas na progressiva impessoalização e individualização das relações sociais.

A possibilidade de vínculos entre modelos familiares e pressões sociais imediatas não poderia ser aqui discutida sem o exame das relações intra-familiares dos Strobel.

---

<sup>3</sup> LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p.45.

A análise da trajetória profissional das gerações - do estabelecimento de uma unidade econômica familiar em torno de um saber profissional ou de uma propriedade comercial, até sua desarticulação pelo acento nas profissões desvinculadas da herança paterna - indicou o grau de interferência das mudanças no perfil econômico de Curitiba sobre as relações entre pais, filhos e irmãos.

Da mesma forma, a análise da trajetória domiciliar das gerações - do estabelecimento de uma base territorial familiar, até sua desestruturação - indicou o grau de interferência das mudanças no perfil urbano de Curitiba sobre as relações entre parentes.

Ainda, uma articulação mínima entre o nível de análise micro - proposta deste trabalho - e o nível macro foi garantida pelo cruzamento dos resultados aqui obtidos com aqueles de outros trabalhos na temática da imigração. Esta articulação consistiu numa tentativa de se promover a emergência de questões que, apenas num dos planos de análise, talvez não viessem à tona. Este é o caso, por exemplo, da série de considerações efetuadas a respeito da endogamia étnica e suas relações com as sociabilidades.

Finalmente, do ponto de vista metodológico, esta dissertação, no que se caracteriza enquanto um experimento novo - entre outros possíveis -, reafirma a instigante relação do historiador

com seu objeto. A complexidade das relações humanas, a multiplicidade de formas de registro destas relações, bem como a infinidade de ferramentas metodológicas que o historiador pode criar associam-se para revelar, incessantemente, novas leituras das histórias vividas.

Assim é que, revisitar temas já tradicionais na historiografia - imigração e família - expõe "a relação nunca acabada entre o presente e o passado". <sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Ibid. p.29

## FONTES

ARQUIVOS da Junta Comercial. Cecília Maria Westphalen.

ARQUIVOS de Fichas de Família da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba. 1866 - 1939. Sérgio Odilon Nadalin.

ENTREVISTAS com Descendentes dos Strobel: Egon Strobel, Érica Strobel Oliveira, Edith Clara Strobel, Hans Bürger, Hugo Bürger, Félix José Strobel. (1991).

LISTAS de Desembarque de Passageiros no porto de São Francisco. 1854. Arquivo Público de Joinville. SC.

MAPPA dos habitantes de Curitiba (1850).

RELATORIO de Presidente da Província do Paraná. 1856.

STROBEL, Gustav H. **Relatos de um pioneiro da imigração alemã**. Estante Paranista, 27, Curitiba, Inst. Hist. Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1987.

UMANN, Josef. **Memórias de um Imigrante Boêmio**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. 1981.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ANDERSON, Michael. **Elementos para a história da família ocidental. 1500-1914.** Lisboa: Editorial Quercó, 1984.
- ANDREAZZA, Maria Luiza & NADALIN, Sérgio Odilon. **O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante, 1994.** (no prelo)
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858).** Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/EDUFF, 1980.
- BALHANA, A. P. A Política imigratória do Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba (12): 65-80, mai-jun, 1969.**
- \_\_\_\_\_. **Famílias coloniais: fecundidade e descendência.** Curitiba: A.M. Cavalcanti & Cia. Ltda., 1977.
- BALHANA, Altiva. P. et alii. **História do Paraná (v.1).** Curitiba: Grafipar, 1969.
- BIGG WITTER, Thomas. **Novo caminho no Brasil Meridional: a província do Paraná; três anos em suas florestas e campos, 1872-1875.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- BONI, Maria Ignês Mancini de. **O espetáculo visto do alto: vigilância e punição em Curitiba (1890-1920).** Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 1985.
- BURKE, Peter.(org). **A escrita da História.** São Paulo: UNESP, 1992.
- CARNEIRO, J. F. **Imigração e colonização no Brasil.** Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, 1950.
- CARVALHO NETO, João Baptista Penna de. **Floriano Essensfelder: a trajetória de um empresário.** Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 1991.
- COSTA, Odah R. G. **Estruturas agrárias de Curitiba - Paraná no século XIX: posse, propriedade e trabalho. s.n.t.**
- \_\_\_\_\_. **A lei de Terras e o Paraná,** Curitiba:UFPR.
- DAVATZ, T. **Memórias de um imigrante suíço no Brasil.** Belo Horizonte/São Paulo: Edit. Itatiaia/EDUFF, 1980.
- FLANDRIN, Jean-Louis. **Família: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga.** Lisboa: Editorial Estampa, 1992.
- GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios.** Lisboa: DIFEL, 1991.
- HAREVEN, Tamara. Tempo da família e tempo histórico. IN: **História: Questões e Debates.** Curitiba: n98, 1984.
- HIGOUNET, C. **História e historicidade.** Lisboa: Gradiva, 1988.

- HOBSBAWM, E. **A Era do Capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- LEMOS, Carlos Cesar. **O casamento no Paraná; séculos XVIII e XIX**. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 1987.
- LUZ, Regina. **A modernização do empresariado paranaense**. Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR, 1992.
- MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor: 1300 - 1840**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MAGALHAES, Marionilde D. B. **Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil**. Tese de Doutorado, Campinas: UNICAMP, 1993.
- MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. 2.ed. São Paulo: T.A. Queiróz Editor, 1989.
- MIRANDA, Beatriz T. M. **Aspectos demográficos de uma cidade paranaense no século XIX: Curitiba - 1851 a 1880**. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 1978.
- NADALIN, Sérgio O. **Une paroisse d'origine germanique au Brésil: la communauté evangelique luthérienne a Curitiba entre 1866 et 1969**. Doctorat 3e.Cycle. EHESS. Paris, 1978.
- \_\_\_\_\_. **A origem dos noivos nos registros de casamentos da comunidade evangélica luterana de Curitiba - 1870-1960**. Dissertação de mestrado, UFPR, Curitiba, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Processo de modernização do Brasil**, UFPR, dez. 1972. (mimeo).
- \_\_\_\_\_. **Uma comunidade de origem germânica: demografia e sociedade**. IN: **Revista História: Questões e Debates**, no.14, Curitiba, 1987.
- PAZ, Francisco. M. **História e cotidiano: a sociedade paranaense do século XIX na perspectiva dos viajantes**. In: **Revista História: Questões e Debates**, nº14, Curitiba, 1987.
- PEREIRA, Magnus R. M. **Fazendeiros, industriais e não-morigerados, ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889)**. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 1990.
- PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro. **Casar em Curitiba - nupcialidade e normatização populacional (1890-1921)**. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 1989.
- RANZI, Serlei M. F. **Alemães católicos de Curitiba - aspectos sociodemográficos 1850-1919**. Dissertação de mestrado, Curitiba: UFPR, 1983.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Vol 9, no. 17. Famílias e grupos de convívio. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, set1988/fev1989.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/EDUFF, 1978.

SANTOS, Carlos R. A. **Alimentar o Paraná Província: a formação da estrutura agro-alimentar**, Curitiba, UFPR, tese (concurso para prof. titular de história do Brasil, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes), 1992.

SEYFERTH, Giralda. **Cultura e imigração no Brasil**. Brasília: UNB, 1990.

---

. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1974.

SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo**, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo, Editora Nacional: Edit. USP, 1968.

STONE, Lawrence. **Familia, sexo y matrimonio en Inglaterra 1500 - 1800**. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

TRINDADE, Etelvina M. C. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 1992.

VICTOR, Nestor. **A terra do futuro**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio. 1918.

VIVEIROS DE CASTRO & ARAUJO. **Romeu e Julieta e a origem do Estado**. IN: VELHO, Gilberto. **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

WACHOWICZ, Rui C. **Abranches: um estudo de história demográfica**. Curitiba: Editora Vicentina, 1976.

WEIMAR, Günter. **As profissões dos imigrantes alemães do século XIX**. IN: ANAIS DO II SIMPOSIO DE HISTORIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMA NO RIO GRANDE DO SUL, São Leopoldo, 1976.

WRIGLEY, E. Anthony . **Reflexions on the history of the family**. IN: **Daedalus**, 106(2): 71-85, Spring, 1977.